

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Everton Rafael Caldeira

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO
GRUPO DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS GLÓRIA FELIZ DE BELO HORIZONTE -
MG**

Belo Horizonte
2025

Everton Rafael Caldeira

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO
GRUPO DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS GLÓRIA FELIZ DE BELO HORIZONTE -
MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais.

Orientador: Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo.

Belo Horizonte

2025

C146p

Caldeira, Everton Rafael.

O processo de construção das práticas informacionais no grupo de alcoólicos anônimos Glória Feliz de Belo Horizonte - MG [recurso eletrônico] / Everton Rafael Caldeira. - 2025.

1 recurso online (181 f. : il., color.) : pdf.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 93-102.

Apêndice: f. 103-177.

Anexo: f. 178-181.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Alcoolismo – estudo de usuários – Teses. 3. Alcoólatras – reabilitação – Teses. I. Araújo, Carlos Alberto Avila. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 02:178.1

Ficha catalográfica: Maianna Giselle de Paula - CRB: 6/2642

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ECI - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às 14h00 horas do dia 25 de Junho de 2025, em formato híbrido, de modo presencial (no Auditório Adriana Bogliolo, sala 1000) e online (na sala conferência web, ECI -01-UFMG), realizou-se a sessão pública para a defesa de dissertação de mestrado de Everton Rafael Caldeira. A presidência da sessão coube ao Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo (Orientador). Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG), Prof. Edvaldo Carvalho Alves (UFPB), Profa. Monica Erichsen Nassif (UFMG) e Prof. Lígia Maria Moreira Dumont (UFMG). Em seguida, o candidato fez a apresentação do trabalho que constitui sua dissertação de mestrado intitulada : "O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO GRUPO DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS GLÓRIA FELIZ, DE BELO HORIZONTE-MG". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após a Comissão reuniu-se sem a presença do candidato e do público e decidiu considerar aprovada a dissertação de mestrado. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que depois de lida e aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 25 de Junho de 2025.

Prof. Carlos Alberto Avila Araujo (UFMG)

Prof. Edvaldo Carvalho Alves (UFPB)

Profa. Monica Erichsen Nassif (UFMG)

Profa. Lígia Maria Moreira Dumont (UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto Avila Araujo, Professor(a)**, em 27/06/2025, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edvaldo Carvalho Alves, Usuário Externo**, em 27/06/2025, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Monica Erichsen Nassif, Professor(a)**, em 28/06/2025, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ligia Maria Moreira Dumont, Professor(a)**, em 29/06/2025, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4272003** e o código CRC **E5795524**.

Referência: Processo nº 23072.235100/2025-73

SEI nº 4272003

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha família, aos meus pais, José e Waldete, à minha esposa, Priscila, e minha filha, Alice, pelo apoio incondicional, pelo amor e pelo incentivo constante que me sustentaram ao longo de toda esta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de concretizar esse sonho e por ter me guiado em todos os momentos dessa jornada me dando força, sabedoria e perseverança.

Aos meus queridos pais, José Alves Caldeira e Waldete Alzira Rafael Caldeira, por serem meus grandes educadores e por sempre me apoiarem. Mesmo sem compreenderem a dimensão desse processo, demonstraram muito orgulho e felicidade por essa conquista.

À minha querida esposa, Priscila Pereira Silva Caldeira, que sempre me apoiou e me incentivou em minhas escolhas, proporcionando-me segurança e a certeza de estar no caminho certo. Obrigado por tudo meu amor, sem seu apoio e incentivo diário não teria conquistado esse sonho.

À minha filha, Alice Silva Caldeira, uma fonte de inspiração em minha vida, cuja presença ilumina e faz meus dias serem repletos de amor e felicidade, mesmo sem entender agora com seus 4 aninhos a dimensão desse trabalho, sua presença e encanto foram essenciais para a concretização dele.

Ao meu tio Perci Alves Caldeira, quem me apresentou o grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz, obrigado por todo o apoio desde os primeiros passos dessa pesquisa, seu auxílio e apoio foram primordiais nessa caminhada, obrigado tio, pelo incentivo e disponibilidade.

Ao meu orientador professor Carlos Alberto Ávila Araújo, Casal, meu sincero agradecimento. Obrigado por sempre se mostrar disponível, me apoiando e incentivando, obrigado por me guiar com paciência e sabedoria pelo caminho da ciência, por cada conselho, cada conversa, cada reunião que contribuiu para o amadurecimento deste trabalho e, sobretudo, para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Esta foi, sem dúvida, uma experiência muito enriquecedora em minha vida.

À banca examinadora, composta pelos professores Edvaldo Alves, Mônica Nassif e Ligia Dumont, agradeço pelas valiosas recomendações, as quais foram fundamentais para a concretização desse trabalho.

À minha família e aos meus amigos pelo constante incentivo e companheirismo. Sem dúvida, o apoio e torcida de vocês foram uma base sólida nessa jornada.

Aos amigos da Escola de Ciência da Informação da UFMG que tive o privilégio de conviver, alguns desde o período da graduação até o presente momento, vocês sempre me encorajaram e me deram todo apoio nesse processo. Em especial ao Adriano Silva, Luciene Costa e Leonardo Borges, cujas dicas, conversas e sugestões foram fundamentais na concretização desse trabalho, obrigado a cada um de vocês.

Aos Alcoólicos Anônimos do Grupo Glória Feliz, obrigado por me receberem com toda gentileza, respeito e atenção, agradeço a confiança em compartilharem comigo suas experiências e histórias de vidas transformadoras na busca da sobriedade. O trabalho realizado por vocês é um farol na escuridão do alcoolismo. Esse projeto é uma homenagem ao valioso trabalho desempenhado pelos grupos de Alcoólicos Anônimos espalhados ao redor do mundo que ao longo de seus 90 anos de existência transformaram a vida de milhões de pessoas e suas famílias na luta contra o alcoolismo. À essa organização, Alcoólicos Anônimos (A.A), o meu mais sincero agradecimento.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais pela oportunidade de acesso a um ensino de qualidade e excelência que foram fundamentais para meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

"O conhecimento é o único bem que aumenta à medida que é compartilhado." - C.S. Lewis

RESUMO

Os Alcoólicos Anônimos (A.A) é um grupo de ajuda mútua formado por uma rede de pessoas que têm como objetivo comum a recuperação do alcoolismo. Os membros compartilham entre si suas experiências e testemunhos em um ambiente de acolhimento. Identificar a maneira pela qual os membros do A.A se apropriam, interagem e compartilham a informação entre eles e como a socialização dessas informações traz o resultado do controle da impulsividade sobre a bebida alcoólica consiste no objeto de estudo do presente trabalho. Esse é um tema relevante para estudo na área da Ciência da Informação, particularmente no campo de práticas informacionais. Neste trabalho a metodologia de pesquisa empregada foi qualitativa descritiva, a partir da perspectiva das práticas informacionais. Os instrumentos de coleta foram as visitas, observação e entrevistas semiestruturadas com onze integrantes do grupo A.A Glória Feliz, localizado no bairro Pindorama em Belo Horizonte, MG. A análise de conteúdo foi utilizada para sistematizar os dados e construir as categorias, buscando compreender como as práticas informacionais usadas pelo grupo de A.A contribuem para a sobriedade alcoólica. Quatro categorias foram construídas e embasadas em teóricos da área para análise de conteúdo das entrevistas. A doença, percepção e tratamento foi a primeira categoria avaliada com base no Modelo Bidimensional de Pamela McKenzie e *Sense-Making* de Brenda Dervin. A segunda categoria, O estigma e o preconceito, foi estudada com embasamento da teoria do Estigma de Erving Goffman. O A.A reuniões e estrutura constituiu a terceira categoria que foi discutida com fundamentos das teorias do interacionismo simbólico de Herbert Blumer e o Modelo Bidimensional de Pamela McKenzie (etapa de procuração). A última categoria, A visão de sociedade e da cultura, foi analisada com base na teoria da interpretação da cultura de Clifford Geertz. Os resultados revelam que o ambiente acolhedor do grupo, aliado à troca de experiências e ao apoio mútuo, favorece a resignificação da identidade dos participantes e o enfrentamento do estigma social associado ao alcoolismo. Conclui-se que as práticas informacionais no A.A. desempenham papel central na recuperação dos indivíduos, sendo fundamentais para a construção de vínculos, fortalecimento da autoestima e transformação pessoal.

Palavras-chave: práticas informacionais; alcoólicos anônimos; alcoolismo; estigma.

THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF INFORMATIONAL PRACTICES IN THE GROUP OF ALCOHOLICS ANONYMOUS GLÓRIA FELIZ IN BELO HORIZONTE - MG

ABSTRACT

Alcoholics Anonymous (A.A.) is a mutual aid group formed by a network of people who have the common goal of recovering from alcoholism. Members share their experiences and testimonies with each other in a welcoming environment. Identifying the way in which A.A. members appropriate, interact and share information among themselves and how the socialization of this information results in the control of impulsiveness regarding alcoholic beverages is the object of study of this work. This is a relevant topic for study in the area of Information Science, particularly in the field of information practices. In this work, the research methodology used was qualitative descriptive, from the perspective of information practices. The collection instruments were visits, observation and semi-structured interviews with eleven members of the A.A. Glória Feliz group, located in the Pindorama neighborhood in Belo Horizonte, MG. Content analysis was used to systematize the data and build categories, seeking to understand how the information practices used by the A.A. group contribute to alcoholic sobriety. Four categories were constructed and based on theorists in the area for content analysis of the interviews. Disease, perception and treatment was the first category evaluated based on Pamela McKenzie's Two-Dimensional Model and Brenda Devin's Sense-Making. The second category, Stigma and prejudice, was studied based on Erving Goffman's Stigma theory. Meetings and structure constituted the third category that was discussed based on Herbert Bulmer's symbolic interactionism theories and Pamela McKenzie's Two-Dimensional Model (proxy stage). The last category, Vision of society and culture, was analyzed based on Clifford Geertz's theory of cultural interpretation. The results reveal that the group's welcoming environment, combined with the exchange of experiences and mutual support, favors the redefinition of participants' identities and the confrontation of the social stigma associated with alcoholism. It is concluded that informational practices in A.A. play a central role in the recovery of individuals, being fundamental for building bonds, strengthening self-esteem and personal transformation.

Keywords: informational practices; alcoholics anonymous; alcoholism; stigma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção de sentido na abordagem do sense-making	37
Figura 2 – Trinômio do sense-making	38
Figura 3 – Modelo bidimensional de práticas informacionais	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios para transtornos relacionados ao uso de álcool DSM-5	22
Quadro 2 – Perfil dos onze entrevistados	60
Quadro 3 – Categorias e teorias selecionadas para análise de perguntas relacionadas.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A	Alcoólicos Anônimos – Instituição
AA	Alcoólicos Anônimos – Membros
APA	Associação Psiquiátrica Americana
CAPs-ad	Centros de Atenção Psicossocial – álcool e drogas
CI	Ciência da Informação
CID	Classificação Internacional de Doenças
CISA	Centro de Informações sobre Saúde e Álcool
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
EUA	Estados Unidos da América
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
JUNAAB	Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimo do Brasil
LENAD	Levantamento Nacional de Álcool e Drogas
NIH	<i>National Institutes of Health</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ALCOOLISMO	19
2.1 O que é o alcoolismo?	19
2.2 O alcoolismo e algumas estatísticas	23
2.3 Políticas públicas e iniciativas da sociedade civil no combate ao alcoolismo	24
2.4 Os alcoólicos anônimos	25
2.5 Alcoolismo e o estigma	28
3 ESTUDOS DE USUÁRIOS	32
3.1 Abordagem Cognitiva	36
3.2 Práticas Informacionais	41
3.3 Teorias sociais que embasam a perspectiva das práticas informacionais	48
4 PERCURSO METODOLÓGICO	53
5 ANÁLISE DOS DADOS	56
5.1 Descrição do grupo de Alcoólicos Anônimos e da organização das reuniões	56
5.2 A Estrutura Geral das Reuniões dos Alcoólicos Anônimos	61
5.3 Construção das categorias	63
5.4 Análise das entrevistas segundo as categorias	66
5.4.1 A doença, percepção e tratamento	66
5.4.2 O estigma e o preconceito	72
5.4.3 O A.A reuniões e estrutura	77
5.4.4 A visão de sociedade e da cultura	83
5.4.5 Análise geral das categorias	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE 1	103
APÊNDICE 2	107
APÊNDICE 3	108
APÊNDICE 4	109
APÊNDICE 5	155
APÊNDICE 6	173
ANEXO 1	178
ANEXO 2	179
ANEXO 3	180

1 INTRODUÇÃO

A motivação inicial para realização dessa pesquisa surgiu da percepção de familiares e amigos próximos que alcançaram uma mudança significativa em suas vidas com a frequência ao grupo de alcoólicos anônimos (A.A). As mudanças observadas no comportamento de pessoas próximas me instigaram a aplicar o conhecimento da Ciência da Informação através das práticas informacionais para compreender, sobre uma perspectiva científica, como ocorre esse processo de mudança nos indivíduos que frequentam esse grupo de ajuda mútua A.A. Os grupos de A.A desempenham um papel importante para a sociedade, uma vez que auxiliam no processo de reabilitação e ressocialização do indivíduo portador de alcoolismo. Trata-se de um grupo de ajuda mútua, formado por uma rede de pessoas que têm um objetivo em comum a busca pela sobriedade, não estão ligados a nenhuma religião, organização, instituição ou movimento político, seu propósito principal é ajudar seus membros a alcançarem a sobriedade alcoólica. Destacam-se como uma organização de autodenominados alcoólicos que se reúnem frequentemente e voluntariamente para reforçar sua prática de abstinência de ingestão de bebidas alcoólicas. O ponto forte dos A.A, são as interações entre seus membros que acontecem através da troca de informações, testemunhos e compartilhamento de experiências. Seu fundamento é estabelecer e manter relacionamentos humanos.

Os A.A têm 90 anos de existência e atualmente possui mais de 97 mil grupos locais em 180 países. Seus membros procuram basear sua conduta pessoal, convivência interna e relacionamentos públicos em três conjuntos de princípios que são intitulados como: Doze passos, voltados para os membros manterem a sobriedade; Doze tradições, como o A.A mantém sua unidade e Doze conceitos, para o serviço mundial dos A.A (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024). As potencialidades desses grupos de ajuda mútua, no auxílio da recuperação e ressocialização dos membros, indicam a relevância de se compreender as práticas para obter informação, e os processos de troca de informações dentro do grupo. Partindo da premissa de que o foco principal do grupo de A.A é a obtenção da sobriedade de seus membros.

A adoção da perspectiva de práticas informacionais nessa pesquisa visa investigar os fluxos e trocas de informações dentro do grupo de A.A, bem como analisar suas práticas através de depoimentos, testemunhos, relatos e experiências de vida. As práticas informacionais propiciam a compreensão dos indivíduos/sujeitos em consonância com os ambientes/contextos socioculturais e suas formas de interação, lembrando-se que os conhecimentos prévios, os acontecimentos recentes e passados influenciam as percepções dos sujeitos perante o mundo (Mata, 2022).

Nesse contexto, interessado em aliar as ferramentas da Ciência da Informação para compreender e aprofundar mais nas práticas informacionais que possibilitam que alcoólicos alcancem a sobriedade, entendemos que esse seria um tema relevante para o estudo. Por conhecer um membro que frequenta o grupo de A.A Glória Feliz, optamos por fazer as entrevistas nesse grupo, pois nossa entrada como pesquisador no grupo teria menos chances de rejeição. Assim, nosso encontro com os membros que frequentam as reuniões dos A.A se deu por meio de uma visita ao grupo de A.A Glória Feliz, grupo já consolidado, localizado no bairro Pindorama em Belo Horizonte. Em setembro de 2024, em conversa com o secretário responsável por esse grupo, foi feita a exposição do interesse em fazer uma pesquisa sobre as práticas informacionais dos membros dos A.A para obterem a sobriedade alcoólica. Foi esclarecido para o secretário o objetivo da pesquisa, como seria a pesquisa com participação nas reuniões e sobre as entrevistas que realizaria com o consentimento e autorização de alguns membros pertencentes ao grupo. A princípio ele se mostrou bastante interessado na pesquisa e me explicou que iria conversar com os demais membros na reunião de comitê de serviços, que estava marcada para a próxima semana, pois todas as decisões eram tratadas e tomadas por esse comitê. Foi dessa maneira que foi consentida minha participação nas reuniões do grupo para que eu pudesse realizar meu trabalho de campo, através da observação participante do grupo e realização das entrevistas.

A presença nas reuniões se revelou um fator importante no papel do pesquisador que implica em reconhecer e compreender o contexto e dimensão do grupo com toda sua subjetividade que lhe é peculiar. Isso ficou mais claro quando os membros relatavam através de seus testemunhos situações de preconceito, estigma, discriminação e violência. Essa experiência reforçou a implicação da pesquisa e o compromisso ético e social de apresentar essa batalha contra o alcoolismo, preconceito, estigma e discriminação social que o alcoólatra recebe da sociedade, o que muitas vezes inviabiliza seu tratamento e recuperação.

Chegávamos com antecedência ao local das reuniões, com intuito de acompanhar a chegada dos demais membros. Essa prática favorecia oportunidades de interação prévia com alguns membros antes do início das reuniões. As pessoas chegavam até a sala de reunião com roupas simples. A maioria dos membros que frequentam as reuniões do grupo de A.A são moradores do próprio bairro Pindorama e de outros bairros vizinhos, a média de presença variava em torno 12 a 30 membros por reunião. O grupo é composto em sua grande maioria por homens, tendo apenas duas mulheres frequentes e atuantes no grupo. Outras mulheres participavam do grupo com pouca frequência e, geralmente, iam às reuniões com seus companheiros. Os membros frequentes do grupo em sua maioria são de pessoas maiores de 40

anos; contudo, esporadicamente apareciam pessoas mais jovens. O tempo de frequência dos membros do AA variava de 1 mês a quarenta e quatro anos. A maior parte dos membros são solteiros ou divorciados. Em relação a escolaridade, a maior parte do grupo possui pouco estudo, não concluíram o ensino médio, alguns só estudaram até o primário, outros só sabem assinar o nome, e poucos, concluíram o ensino médio ou fizeram alguma graduação.

A justificativa para pesquisar as práticas informacionais presentes no grupo de A.A reside no impacto que esse grupo traz para a sociedade, além da relevância dessa pesquisa no campo da Ciência da Informação. Vários aspectos dos grupos de A.A foram investigados e abordados, especialmente nos campos da psicologia e medicina, mas ainda há lacunas que podem ser exploradas no campo da Ciência da Informação, mais especificamente nas práticas informacionais. Contudo, o fator mais relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa certamente reside no alcoolismo que é um problema social grave. O alcoolismo é classificado como uma doença e configura-se como um problema grave de saúde pública que pode causar uma série de danos sociais, tais como, a violência doméstica, a desestruturação familiar, a perda de produtividade no ambiente de trabalho, acidentes de trânsito, violência urbana, suicídios, entre outros. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2020), o consumo nocivo do álcool está diretamente ligado a três milhões de mortes em todo mundo, o que representa um percentual de 5,3% de todas as mortes. O uso nocivo do álcool também está associado a um fator de causalidade em mais de 200 doenças e lesões. Além das consequências para a saúde, o uso nocivo do álcool provoca perdas sociais e econômicas significativas para os indivíduos, famílias e para a sociedade em geral.

O alcoolismo, que foi categorizado como doença pelo médico sueco Magnus Huss em 1847, atualmente está enquadrado dentre os transtornos mentais e comportamentais causados pelo uso de substância psicoativa de acordo com a décima edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Nesse contexto, os grupos de Alcoólicos Anônimos (A.A) desempenham um papel importante para a sociedade, uma vez que auxiliam no processo de reabilitação e ressocialização do indivíduo portador de alcoolismo. As potencialidades desses grupos de ajuda mútua, A.A, no auxílio da recuperação e ressocialização dos membros, indicam a relevância de se compreender as práticas para obter informação, e os processos de troca de informações dentro do grupo. Partindo da premissa de que o foco principal do grupo de A.A é a obtenção da sobriedade de seus membros.

Segundo Trois (1998) o que rege o funcionamento dos A.A é a noção de grupos de iguais, ou seja, de pessoas que compartilham experiências similares, o que gera sentimentos de fraternidade que os aproximam ao ponto de uma identificação. Para os membros desse grupo a

noção de igualdade se apresenta como um valor importante e os membros preconizam a ideia de que ninguém melhor do que um alcoólatra pode compreender e ajudar outro alcoólatra. De acordo com a Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil (JUNAAB) os grupos de A.A podem, então, ser compreendidos como um universo social com suas representações, símbolos e valores próprios que proporcionam aos seus membros tanto a possibilidade de reorganizarem suas condutas, quanto a de atribuírem significados próprios ao problema do alcoolismo, ao mesmo tempo em que constroem uma representação específica de si mesmos (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2001). A partir das considerações acima, busca-se investigar como as práticas informacionais aplicadas pelo grupo de A.A possibilitam a obtenção da sobriedade de seus membros?

A pesquisa buscou compreender a maneira como o grupo dos A.A orientam suas práticas para a recuperação de seus membros e como os membros criam um significado para a experiência do alcoolismo em direção a um cuidado de si mesmos e ao resgate dos laços familiares e dos vínculos profissionais rompidos nos tempos do alcoolismo. Bem como, compreender o processo que rege a recuperação do alcoolismo nos grupos de A.A. Nesse sentido, as práticas informacionais propiciam a compreensão dos indivíduos/sujeitos em consonância com os ambientes/contextos socioculturais e suas formas de interação, lembrando-se que os conhecimentos prévios, os acontecimentos recentes e passados influenciam as percepções dos sujeitos perante o mundo (Mata, 2022). Os Alcoólicos Anônimos (A.A) destacam-se como uma organização de autodenominados alcoólicos que se reúnem frequentemente e voluntariamente para reforçar sua prática de abstinência de ingestão de bebidas alcoólicas.

Em relação aos A.A, as práticas informacionais estão relacionadas entre as interações de seus membros, através dos testemunhos, trocas de informações e experiência. A prática da abstinência alcoólica colabora como referência para a construção de um objetivo em comum, a obtenção da sobriedade. Nesse sentido, essa pesquisa busca investigar as práticas para obter informação, e os processos de troca de informações dentro do grupo que contribuem para o objetivo em comum a luz da sobriedade de seus membros. Desde seu surgimento, uma das especificidades dos A.A com relação aos tratamentos clássicos para alcoolismo reside na intenção de propor uma prática desvinculada da medicina e da religião. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo central investigar como o processo das práticas informacionais entre os membros do grupo de A.A podem contribuir para obtenção da sobriedade de seus membros. Dessa forma, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as práticas informacionais que os membros do grupo de A.A recorrem para obtenção da sobriedade;
- Compreender como cada indivíduo ressignifica a troca de informação em seu processo de obtenção da sobriedade;
- Especificar as regras, papéis e dinâmicas de como o grupo se organiza em suas reuniões.

Este trabalho está dividido nas seguintes partes: alcoolismo (seção 2), onde discutiremos o que é o alcoolismo, estatísticas, políticas públicas, os Alcoólicos Anônimos (A.A) e o alcoolismo associado ao estigma; estudos de usuários (seção 3), onde analisaremos a abordagem cognitiva, práticas informacionais e teorias que fundamentam a perspectiva das práticas informacionais; percurso metodológico (seção 4), onde abordaremos a metodologia qualitativa aplicada à pesquisa, apresentando os instrumentos utilizados, como entrevistas, observação, visitas, entre outros; análise dos dados (seção 5), onde descreveremos o grupo de A.A, a estrutura das reuniões, o perfil dos entrevistados e a construção das quatro categorias: A doença, percepção e tratamento; O estigma e preconceito; O A.A, reuniões e estrutura; A visão da sociedade e da cultura; e, por fim, as considerações finais, onde refletiremos sobre o encerramento do trabalho, apresentando uma síntese do trabalho realizado, dificuldades enfrentadas, pontos alcançados e futuros estudos no campo das práticas informacionais, destacando sua contribuição e importância para grupos de ajuda mútua.

2 ALCOOLISMO

O álcool está presente em nossa sociedade desde a antiguidade ocupando um lugar de destaque em todas as culturas, estando presente em momentos de comemoração, confraternização e celebração. O álcool faz parte também do cardápio e hábitos alimentares de diversas famílias em todo o mundo, servindo como bebida e alimento, e como laços de comunhão entre as pessoas. Entretanto, à medida que o desenvolvimento econômico, industrial e social foram progredindo, houve uma mudança significativa na maneira da sociedade se relacionar com o álcool. A produção em larga escala, a disponibilidade, variedade de bebidas, preço acessível entre outros fatores, contribuíram para a revelação de uma outra face do álcool, ou seja, a mesma substância que conecta, que une e agrega as pessoas, também estimula e incita o descontrole emocional, a agressividade, a violência doméstica e a desestruturação familiar e social (Gigliotti; Bessa, 2004). Apesar de sua ampla aceitação social, o consumo exagerado de bebida alcoólica tem acarretado graves problemas de ordem de saúde pública. De acordo com Lima (2009) a dependência alcoólica é um processo longo, que passa por várias fases distintas, os sinais são sutis, sendo difícil sua identificação no decorrer do processo.

O consumo excessivo do álcool, está atrelado a inúmeros acidentes de trânsito, violência doméstica, entre outros fatores agravantes.

2.1 O que é o alcoolismo?

O conceito de alcoolismo surgiu no século XVIII, com dois importantes autores, Benjamin Rush e Thomas Trotter, o primeiro autor, um psiquiatra americano foi responsável pela célebre frase “Beber inicia num ato de liberdade, caminha para o hábito e, finalmente, afunda na necessidade”, o segundo autor foi a primeira pessoa a se referir ao alcoolismo como doença (Gigliotti, Bessa, 2004, p. 11). O alcoolismo foi categorizado como doença pelo médico sueco Magnus Huss em 1849, atualmente está enquadrado dentre os transtornos mentais e comportamentais causados pelo uso de substância psicoativa de acordo com a décima edição da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). De acordo com Nolli (2018), em 1952, a Associação Psiquiátrica Americana (APA), incluiu o alcoolismo no Manual Diagnóstico Estatístico das Desordens Mentais (DSM-I) (NIH, 2016). Essa classificação da APA de 1994 (DSM-IV) relacionou o abuso e a dependência como desordem relacionada ao uso de álcool; no entanto, em sua atualização publicada em 2013 (DSM-V), integrou as duas desordens em uma só, denominada como desordem do uso do álcool (alcohol use disorder, AUD), com subclassificações de leve, moderada e grave (NIH, 2016).

O Ministério da Saúde aponta que o alcoolismo é a dependência do indivíduo ao álcool, considerado como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o uso recorrente e descontrolado de bebidas alcoólicas pode comprometer com gravidade o funcionamento do organismo do alcoolista (Brasil, 2003).

O Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA), destaca que o alcoolismo é um problema de saúde pública, que traz prejuízos, aos familiares e à sociedade. A dependência do consumo de álcool é uma doença crônica que pode ter muitas causas e atingir pessoas de diferentes idades, gênero e classes sociais. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a dependência alcoólica como um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o uso frequente de álcool (Centro de Informações sobre Saúde e Álcool, 2014).

No mesmo sentido, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) afirma que o álcool é uma substância psicoativa com propriedades que causam dependência e que o consumo nocivo do álcool é um fator de causalidade em mais de 200 doenças, estando associado a diversos problemas de saúde que vão desde distúrbios mentais e comportamentais, a cirrose hepática, a alguns tipos de câncer e problemas cardiovasculares. As relações causais mais atuais são apontadas entre o uso nocivo de álcool e a incidência de doenças infecciosas, como o HIV e a tuberculose, destacando também que o consumo de álcool por parte de mulheres grávidas pode causar síndrome fetal do álcool, e posteriormente complicações no parto prematuro (Organização Pan-Americana de Saúde, 2020). O alcoolismo, está enquadrado dentre os transtornos mentais e comportamentais causados pelo uso de substância psicoativa de acordo com a décima edição da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10).

Segundo a 5ª edição do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, DSM-5*), da Associação Americana de Psiquiatria (APA, na sigla em inglês), os transtornos relacionados ao uso de álcool são definidos na classe de transtornos relacionados a substâncias e transtornos aditivos, essa classe incluem dificuldades associadas a dez classes de drogas, (álcool, cafeína, *cannabis*, alucinógenos, inalantes, opioides, sedativos, hipnóticos e ansiolíticos, estimulantes, tabaco). Nessa classe, todos os transtornos relacionados a substância compartilham a ativação resultante do sistema de recompensa do cérebro pelo consumo de substância.

O sistema de recompensa cerebral envolve o reforço de comportamentos e a produção de memórias; substâncias com potencial de abuso causam um curto-circuito nesse sistema e ativam diretamente o sistema de recompensa e frequentemente produzem sensações de prazer. Esse curto-circuito resulta em uma ativação mais intensa do sistema de recompensa do que por meio de comportamentos adaptativos e pode

resultar em uma falha de atenção e realização de atividades normais (DSM-5, 2017, p. 350).

Conforme o DSM-5 (2017). O consumo de álcool produz efeitos comportamentais que poderiam ser descritos como um “barato”. Por sua vez, o álcool está associado ao subgrupo de transtornos relacionados a substância, que é separado em transtorno por uso de substância que equivale ao transtorno por uso de álcool.

No organismo do indivíduo alcoólatra, existe tanto a tolerância metabólica, que ocorre quando o álcool é metabolizado de forma mais rápida e eficiente, e a tolerância tecidual, quando o indivíduo consegue consumir grande quantidade de álcool sem se embriagar (Lima, 2009, p. 17 *apud* Milam & Ketcham, 1986).

De acordo com o DSM-5 (2017), a tolerância e a abstinência são dois aspectos fisiológicos de transtornos relacionados ao álcool. A tolerância se desenvolve com o uso contínuo, de forma que doses maiores são necessárias para obter o mesmo efeito. Em contrapartida, a abstinência se caracteriza por sintomas que se desenvolvem aproximadamente de 4 a 12 horas após o consumo de álcool prolongado.

Sintomas de abstinência costumam ser imensamente incômodos; portanto, o indivíduo continua a consumir álcool para evitar ou reduzir esses sintomas, apesar das consequências adversas. Nesse círculo vicioso, o indivíduo continua a usar álcool apesar das consequências psicológicas e físicas (p. ex., depressão, perda de emprego, alienação dos entes queridos, doença hepática, condição de sem-teto). Acredita-se que alguns sintomas de abstinência (p.ex., perturbações do sono) durem meses e contribuam significativamente para a recaída. Complicações graves de abstinência, como *delirium* e convulsões tônico-clônicas, afetam menos de 5% dos indivíduos com transtorno por uso de álcool (DSM-5, 2017, p. 352).

Os indivíduos que decidem parar de beber, costumam ter períodos bem-sucedidos de abstinência, porém quando voltam a beber novamente, sua recaída se intensifica, seu consumo de bebida alcoólica aumenta, crises e dificuldades reaparecem novamente (DSM-5, 2017). As gravidades desses transtornos são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1. Critérios para transtornos relacionados ao uso de álcool DSM-5

Um padrão mal-adaptativo de uso de álcool levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por dois (ou mais) dos seguintes critérios, ocorrendo a qualquer momento no mesmo período de 12 meses:
1. O álcool é frequentemente consumido em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido.
2. Existe um desejo persistente ou esforços mal-sucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso de álcool.
3. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção do álcool, na utilização do álcool ou na recuperação de seus efeitos.
4. Fissura, desejo intenso ou urgência em consumir álcool ("craving").
5. Uso recorrente de álcool resultando em fracasso em cumprir obrigações importantes relativas a seu papel no trabalho, na escola ou em casa.
6. O uso de álcool continua, apesar de problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos do álcool.
7. Importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso de álcool.
8. Uso de álcool recorrente em situações nas quais isto representa perigo físico.
9. O uso do álcool continua, apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pelo álcool.
10. Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos: a) necessidade de quantidades progressivamente maiores de álcool para adquirir a intoxicação ou efeito desejado; b) acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de álcool.
11. Abstinência, manifestada por qualquer dos seguintes aspectos: a) síndrome de abstinência característica para a substância (consultar os Critérios A e B dos conjuntos de critérios para Abstinência do álcool); b) o álcool (ou uma substância estreitamente relacionada, como benzodiazepínicos) é consumido para aliviar ou evitar sintomas de abstinência.
A classificação da gravidade do transtorno baseia-se na quantidade de critérios acima preenchidos pelo indivíduo, sendo:
Leve: presença de 2 a 3 sintomas
Moderada: presença de 4 a 5 sintomas
Grave: presença de 6 ou mais sintomas

Fonte: Centro de Informação sobre Saúde e Álcool – CISA (2014).

Nesse entendimento, quanto maior a incidência de sintomas confirmados e menor a idade de início, maior a probabilidade do transtorno por uso de álcool seja grave. De acordo com DSM-5 (2017), os transtornos relacionados ao uso de álcool são definidos como a repetição de problemas decorrentes do uso do álcool que levam a prejuízos e/ou sofrimento clinicamente significativo, cuja gravidade varia de acordo com o número de sintomas apresentados no quadro acima, diante desse cenário, incentiva-se, assim, o diagnóstico e o tratamento precoces dessa enfermidade. O transtorno por uso de álcool costuma acontecer com outros transtornos em paralelo, "o indivíduo pode usar álcool para mascarar os sintomas de outras doenças como, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, insônia, entre outras gravidades". Geralmente a primeira intoxicação com álcool costuma ocorrer em meados da adolescência, a maioria dos indivíduos que desenvolvem transtornos relacionados ao álcool, ocorreu no fim da terceira década de vida (DSM-5, 2017, p. 356).

A maioria dos indivíduos que bebem álcool consomem o suficiente para se sentir intoxicada, entretanto, menos de um quinto deles chega a desenvolver transtorno por uso do álcool. Observamos que o consumo, mesmo que diário, por si só não qualificam um indivíduo para o transtorno por uso de álcool (DSM-5, 2017).

Destacamos que “após o consumo, o álcool é absorvido rapidamente pelo trato gastrointestinal, 20% no estômago, 80% pelo intestino (Yip, 2002) e metabolizado no fígado”. O consumo de álcool é a causa mais comum das doenças hepáticas crônicas, causando em torno de cerca de 500 mil mortes no mundo todo em 2010, o dano hepático pode ser causado pelo efeito direto do álcool no fígado (Nolli, 2018, p. 6 *apud* Parker *et al.*, 2018).

2.2 O alcoolismo e algumas estatísticas

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (2020), a porcentagem de mortes atribuíveis ao álcool entre os homens é de 7,7% (mortes globais) em comparação com 2,6% de todas as mortes entre mulheres, em conformidade com os graves problemas relacionados ao álcool, que ganharam proporções epidêmicas nos últimos três séculos (Dalgarrondo, 2019 *apud* Britto Pereira, 2013). De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (II LENAD), foi realizado um estudo em todo o Brasil, em 2012, com 149 municípios sorteados e 4607 pessoas entrevistadas, com 14 anos ou mais, o estudo revelou que o predomínio de dependência de álcool na vida dos entrevistados foi 6,8%, entre os homens, 10,5% e entre as mulheres, 3,6% (Dalgarrondo, 2019, p.400).

Segundo dados levantados pela Organização Pan-Americana de Saúde (2020) em relação ao consumo de álcool excessivo, destacamos que em todo o mundo anualmente cerca de três milhões de mortes são atribuídas ao consumo nocivo do álcool, o que representa 5,3% de todas as mortes. Contudo, na faixa etária de 20 a 39 anos esse índice de mortes atribuíveis ao álcool corresponde a 13,5% do total de mortes. Em relação à saúde, o uso nocivo de álcool é um fator causal para mais de 200 doenças e lesões. Recentemente foram estabelecidas relações causais entre o consumo nocivo do álcool e a incidência de doenças infecciosas, tais como tuberculose e HIV/aids. Somado a isso, existe uma relação causal também entre o uso nocivo do álcool e uma série de transtornos mentais e comportamentais. Além das consequências para a saúde física e mental, o uso nocivo do álcool provoca perdas sociais e econômicas significativas para os indivíduos e para a sociedade em geral.

Ainda segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2022), o álcool é um importante fator de risco associado as mortes e lesões no trânsito. Em 2016, cerca de 1,35

milhão de pessoas morreram globalmente por causa de acidentes de trânsito, dos quais 27% foram atribuídas ao uso de álcool. Isso corresponde a cerca de 370 mil mortes atribuíveis ao uso do álcool devido a acidentes de trânsito em todo o mundo.

Diante dos dados supracitados percebe-se que o álcool oferece uma série de riscos tanto para quem o consome de maneira nociva, quanto para as pessoas próximas. O consumo nocivo de álcool é responsável por grande parte dos acidentes de trânsito, comportamentos antissociais, problemas no trabalho, violência doméstica e algumas doenças, entre outros malefícios. Dessa forma, compreende-se que o consumo nocivo de álcool resulta em danos de ordem de saúde pública e danos sociais significativos.

2.3 Políticas públicas e iniciativas da sociedade civil no combate ao alcoolismo

Em relação ao crescente consumo de álcool, e seus problemas causados a saúde pública, o Governo Brasileiro, iniciou a partir de 2004, a implementação da política de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas, em consonância com os princípios da saúde de política mental, implementada pelo Ministério da Saúde, regulamentada pela Lei Federal 10.216, sancionada em 2001. Essa política trouxe ao Governo o desafio de estabelecer uma política pública eficaz, de modo a ser efetivada na prática do tratamento e recuperação do indivíduo com problema relacionado ao alcoolismo. Segundo Lima e Braga (2012), o fortalecimento de uma rede de assistência, é de suma importância para a reabilitação e reinserção social desse indivíduo com problemas recorrentes do alcoolismo. Entre essas redes de assistência governamental, destacamos os Centros de Atenção Psicossocial – álcool e drogas (CAPs-ad) esses centros são propostos como principal referência para o tratamento de alcoolistas, devendo embasar suas estratégias no modelo de redução de danos (Brasil, 2004) de acordo (Souza; Menandro, 2015). No mesmo entendimento, consideramos os atuais parâmetros de tratamento para o indivíduo alcoolista como:

[...] As atuais prescrições de tratamento são também bastante diferentes da ideia de “abstinência definitiva como única solução”. Propõem-se soluções multifacetadas a problemas considerados multifacetados. Diretrizes nacionais e internacionais afirmam que a Atenção Primária à Saúde (APS) deve adotar estratégias permanentes de Triagem e Intervenção Breve (TIB), atuando em todo o espectro de problemas com o álcool e na própria cultura de consumo das bebidas em âmbito populacional. Casos de comprometimento mais severo com a substância devem ser encaminhados a centros de especialidade, que proponham estratégias estruturadas de assistência e sistemas de acompanhamento contínuo (focando prevenção de recaída, se for o caso). Para esses casos, prevê-se o recurso à internação para desintoxicação e a medicações que minimizem a compulsão e os sintomas de síndrome de abstinência (Brasil, 2004, 2007; Heather; Stockwell, 2004 *apud* Souza, Menandro, 2015, p. 1339).

Embora os grupos de autoajuda não estão contemplados em políticas públicas, ou seja, não foram criados pelo Estado, eles representam uma importante participação da sociedade civil no enfrentamento, reabilitação e apoio para essas pessoas com problemas relacionados ao alcoolismo (Lima, Braga, 2012). Esses grupos se caracterizam como uma importante fonte de apoio para a comunidade local e de seus indivíduos que necessitam dessa ajuda em sua reabilitação. Entre esses grupos, destacamos, igrejas, escolas, centros comunitários, entre outros. Diante desse cenário, surge o grupo mais notável deles, em se tratando do alcoolismo, o grupo de ajuda mútua denominados Alcoólicos Anônimos (Sobral, *et al.*, 2020).

2.4 Os alcoólicos anônimos

Os Alcoólicos Anônimos tiveram sua origem em 1935 na cidade de Ohio, nos Estados Unidos quando dois alcoólatras tentando se recuperar, William Griffith Wilson (Bill W.) um corretor da bolsa de Nova York, e Robert Holbrook Smith (Dr. Bob), um médico cirurgião de Akron, se conheceram na cidade norte-americana de Akron, Ohio. Deste encontro resultou pouco tempo depois a fundação dos Alcoólicos Anônimos em 10 de junho de 1935, daqui em diante denominado A.A. Antes desse encontro entre Bill e o Dr. Bob, eles contataram o grupo de Oxford, o clérigo Dr. Samuel Shoemaker liderava esse grupo, predominantemente não alcoólico, que enfatizava os valores espirituais e universais na vida cotidiana. Dessa influência espiritual e com a ajuda de um velho amigo, Ebby T., Bill ficou sóbrio, ele manteve sua recuperação trabalhando com outros alcoólatras, entretanto, a associação do Dr. Bob ao grupo de Oxford em Akron não o ajudou o suficiente para alcançar a sobriedade, quando o Dr. Bob e Bill finalmente se encontraram, o efeito desse encontro sobre o médico Dr. Bob foi imediato, dessa vez, ele viu um companheiro alcoólatra que havia deixado de beber, que estava tendo sucesso (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024). Bill então destacou que o alcoolismo era uma doença da mente, das emoções e do corpo, esse fato foi apreendido com o Dr. William Duncan Silkworth (Dr. Silkworth) do hospital Towns em Nova York, onde Bill havia sido internado várias vezes em decorrência do alcoolismo. Apesar de ser médico, o Dr. Bob, não tinha conhecimento que o alcoolismo era uma doença. Prontamente, ambos começaram a trabalhar com outros alcoólatras que estavam internando no hospital Akron, logo em seguida, um paciente alcançou sua sobriedade. Nesse período, ainda não existia o nome Alcoólicos Anônimos, porém esses três homens, constituíram o primeiro núcleo do grupo de A.A (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024).

No outono de 1935, o segundo grupo foi crescendo lentamente em Nova York, e logo em seguida um terceiro grupo surgiu em Cleveland em 1939. Nesse período, foram necessários mais de quatro anos para conseguirem a sobriedade de 100 alcoólatras nesses três primeiros grupos. Em 1939, a irmandade, A.A, publicou seu livro base, intitulado Alcoólicos Anônimos, escrito por Bill e revisado por outros membros. O livro, ficou conhecido entre seus membros como o grande livro ou ainda o livro azul, essa obra apresentava as principais concepções doutrinárias e diretrizes institucionais dos A.A, ou seja, a essência dos doze passos da recuperação. Nesse livro os A.A são apresentados como uma irmandade mundial de homens e mulheres voluntários, vindos de todas as camadas sociais, que se reúnem para alcançar e manter a sobriedade. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber, não havendo a necessidade de pagar taxas ou mensalidades (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2001). Ainda nesse ano, o Cleveland Plain Dealer publicou uma série de artigos sobre o A.A, esses artigos provocaram uma série de pedidos de ajuda em Cleveland. O grupo de Cleveland, com pouco mais de vinte membros, procurou ajudar esses pedidos de ajuda que receberam, os efeitos dessa ajuda, foram extremamente significativos, alguns meses depois, o número de membros do grupo de Cleveland aumentou para cerca de 500 alcoólicos membros. No ano seguinte, em 1940, o Sr. Rockefeller ofereceu um jantar para muitos amigos influentes, em Nova York, para divulgar o A.A. Desse encontro, houve uma demanda muito grande de pedidos, sendo que cada um desses pedidos fora respondido com uma carta pessoal, e um pequeno folheto, fazendo menção ao livro dos Alcoólicos Anônimos, no decorrer do ano de 1940, o número de membros do A.A já computava com 2000 mil membros (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024).

Em 1941, foi publicado mais um importante artigo pelo The Saturday Evening Post sobre os A.A, a resposta desse artigo foi direta e imediata, ao final daquele ano, o número de membros aumentou de 2000 mil para 6000 mil membros, seguindo na mesma vertente, o número de grupos se multiplicou proporcionalmente, a irmandade, A.A, avançava cada vez mais pelos Estados Unidos e Canadá. Seguindo para o ano de 1946, percebemos que já era possível identificar e tirar algumas conclusões sobre as ações, atitudes e práticas que se adequavam ao propósito e metodologia dos A.A. Esses princípios surgiram das práticas e experiências vivenciadas pelos grupos, foram reunidas por Bill nas Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos. Em 1950, o número de alcoólatras recuperados, já era superior a 100 mil em todo o mundo. Nesse mesmo ano, em 1950, o A.A realizou em Cleveland sua primeira convenção internacional (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024). Nesse evento, Dr. Bob fez sua última aparição em público destacando a necessidade de manter a irmandade, A.A, simples e

unido, ele faleceu em 16 de novembro de 1950, anos depois, seu amigo cofundador Bill, faleceu de pneumonia em 24 de janeiro de 1971. O legado do Dr. Bob e de seu amigo Bill, fundadores dos Alcoólicos Anônimos, ultrapassaram barreiras geográficas, de língua, raça, religião entre outras, levando a mensagem dos A.A em manter seus membros sóbrios, ajudando a outros alcoólicos a alcançarem essa sobriedade através da prática da abstinência alcoólica, sua mensagem e metodologia foi disseminada em aproximadamente 180 países em todo. Os Alcoólicos Anônimos, A.A, fundamentam seu programa em uma prática de abstinência total de qualquer bebida alcoólica. Os princípios desse programa são estabelecidos pelos 12 passos, que visam a manter a sobriedade de seus membros, as 12 tradições, que visam manter a unidade dos grupos, e os 12 conceitos, que visam a organização dos serviços mundiais.

No Brasil, atualmente existem cerca de 3843 grupos cadastrados, realizando 8693 reuniões por semana, outros 87 grupos, realizando 409 reuniões à distância por semana. O primeiro grupo de Alcoólicos Anônimos no Brasil, surgiu em 1947 na cidade do Rio de Janeiro. A História retrata que em 1945, um membro viajante norte americano, de nome Bob Valentine amigo do cofundador Bill W, estava de passagem pela cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil na época, conheceu outro americano de nome Lynn Goodale, após interagir e conversar com Bob Valentine, Lynn Goodale consegue encontrar a sobriedade alcoólica (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024). Ao retornar para os Estados Unidos, Bob Valentine, visita a fundação do alcoólico que era a responsável direta pelas correspondências de alcoólicos anônimos com a sociedade, e o principal elo de correspondência entre seus membros. Nessa visita de Bob Valentine, ele passa o endereço do Lynn Goodale como possível contato no Brasil. Imediatamente, a secretária da fundação do alcoólico escreve uma carta solicitando a confirmação do contato, em seguida Lynn Goodale, responde afirmando que poderia incluir seu contato de AA na cidade do Rio de Janeiro, porém sua estadia na cidade seria por pouco tempo, solicitando também material, folhetos, boletins, entre outros (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024).

No ano seguinte, em 1946, um publicitário americano de nome Herbert L. Daugherty, que havia conhecido os Alcoólicos Anônimos em Chicago, e estava sóbrio desde 1945, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro a trabalho, acompanhado de sua esposa, Elizabeth, para exercer a função de diretor de arte de uma corporação internacional de publicidade, cuja sua estadia seria em torno de três anos, ao chegar ao Rio de Janeiro, Herbert L. Daugherty encaminhou uma correspondência para a fundação do alcoólico nos Estados Unidos, solicitando uma ajuda para contatar Lynn Goodale, ou outro membro de AA na cidade do Rio de Janeiro, ele finaliza sua correspondência afirmando que poderia incluir seu endereço como

correspondência. A fundação do alcoólico responde a correspondência de Herbert L. Daugherty, informando nome de outras pessoas que poderiam auxiliá-lo. As correspondências entre a fundação do alcoólico e Herbert L. Daugherty continuaram, porém, mais adiante, em meados de junho 1947, Herbert L. Daugherty preocupado em manter sua sobriedade e decidido a começar um grupo de A.A no Rio de Janeiro, escreve a fundação do alcoólico novamente, dizendo que não havia encontrado as pessoas indicadas, e que ele e sua esposa já estavam bem adaptados no Brasil. O ano de 1947, foi responsável por esses acontecimentos que contribuíram com o início efetivo dos Alcoólicos Anônimos no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024).

A chegada dos Alcoólicos Anônimos em Minas Gerais, nos remete ao ano de 1952, onde notificou-se a formação dos grupos em Belo Horizonte (MG), e outras cidades brasileiras como Nova Friburgo (RJ) e Salvador (BA). Entre os anos de 1952 e 1961, contávamos com dez grupos funcionando em todo o país, ainda considerando a formação de mais dois grupos no Rio de Janeiro, São Luiz (MA), e Juiz de Fora e Itajubá, ambos em Minas Gerais (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024). Segundo dados da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB, em Minas Gerais existem cerca de 565 grupos cadastrados, em Belo Horizonte capital, existem cerca de 74 grupos cadastrados (Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2024).

De acordo com Trois (1998) o que rege o funcionamento dos A.A é a noção de grupos de iguais, ou seja, de pessoas que compartilham experiências similares, o que gera sentimentos de fraternidade que os aproximam ao ponto de uma identificação. Para os membros desse grupo a noção de igualdade se apresenta como um valor importante e os membros preconizam a ideia de que ninguém melhor do que um alcoólatra pode compreender e ajudar outro alcoólatra. Os grupos de A.A podem, então, ser compreendidos como um universo social com suas representações, símbolos e valores próprios que proporcionam aos seus membros tanto a possibilidade de reorganizarem suas condutas, quanto a de atribuírem significados próprios ao problema do alcoolismo, ao mesmo tempo em que constroem uma representação específica de si mesmos (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2001).

2.5 Alcoolismo e o estigma

O alcoolismo trata-se de um tema envolvido de estigma, preconceito e moralização social. O indivíduo alcoólatra é muitas vezes rechaçado como uma pessoa sem credulidade moral e respeito próprio, entre outros estereótipos aplicados a sua conduta. Especialmente em relação ao alcoolismo, está associada uma ideia de degradação moral e um sentimento de

vergonha por parte do alcoólatra, o que revela a força do estigma associado ao alcoolismo (Campos; Cavalieri, 2022). O estigma, por vezes, impede que os indivíduos busquem os serviços de saúde (Connery *et al.*, 2022). Na base das recaídas estão situações de pressão social, problemas nos relacionamentos interpessoais, estados emocionais negativos o que indica a importância da rede de apoio como aspecto fundamental na compreensão das dificuldades de recuperação da dependência do alcoólatra (Pires; Schneider, 2013). Nesse aspecto, o grupo de A.A, abre espaço para que esses indivíduos reconheçam sua debilidade diante do alcoolismo, e os incentivam a falarem sobre si mesmo, sem a pressão moral da culpa e da vergonha. Através desse vínculo no grupo de A.A, esses indivíduos ressignificam suas vidas por meio de seus compartilhamentos de experiências (Campos; Cavalieri, 2022). De acordo com Goffman (1980), os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas, ou seja, percebemos que fazemos algumas exigências e afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 1980, p. 12).

Conforme Siqueira e Cardoso (2011), com base em Goffman (1980) compreende-se que a pessoa estigmatizada possui duas identidades, uma identidade social real e a outra identidade social virtual, a identidade real está ligada ao conjunto de categorias e atributos que uma pessoa afirma ter, em contrapartida, a identidade virtual está ligada ao conjunto de categorias e atributos que as pessoas possuem em relação ao estranho que surge em seu torno, desse modo, são exigências e atribuições relacionadas ao caráter, feitas pelos normais, quanto ao que o estranho deveria ser. Nesse sentido, uma característica pode ser um estigma quando houver uma diferença entre a identidade social virtual e a identidade social real. De acordo com Goffman (1980, p. 29), no estudo sociológico das pessoas estigmatizadas, o interesse está voltado para o tipo de vida coletiva que levam aqueles que pertencem a uma mesma categoria particular; [...] entre seus iguais, o indivíduo estigmatizado pode utilizar sua desvantagem como uma base para organizar sua vida [...].”

Portando, é importante destacar que, os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma

categoria, nesse contexto, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que vão os englobar em maior ou menor alcance.

Há associações nacionais como a “Alcoólatras Anônimos” que fornecem a seus membros uma doutrina completa e quase que um estilo de vida. Essas associações são, quase sempre, o ponto máximo de anos de esforço por parte de pessoas e grupos situados em diversas posições e constituem um objeto de estudo exemplar enquanto movimentos sociais (Goffman, 1980, p. 31).

“Quando um membro de uma categoria entra em contato com outro membro, ambos podem dispor-se a transformar sua relação devido à crença de que pertencem ao mesmo grupo/categoria” (Goffman, 1980, p. 32). Esse espaço, o grupo de A.A, opera como um antídoto ao preconceito e ao estigma que envolvem o alcoolismo, permitindo que seus membros se fortaleçam através do compartilhamento de suas experiências na obtenção da sobriedade alcoólica (Campos; Cavalieri, 2022). Esses indivíduos estigmatizados, encontram no grupo de A.A, uma liberdade em se expressarem, dado que nesse local, existem outros indivíduos com a mesma debilidade, fazendo com que eles se sintam pertencentes ao grupo.

A teoria de Goffman (1980) também caracteriza os estigmas em três tipos principais: abominações do corpo, culpas de caráter e estigmas tribais. O estigma de abominações do corpo, está associado as várias deformidades físicas, referem-se a atributos físicos que são percebidos como desviantes ou indesejáveis. O estigma de culpas de caráter, está associado a atributos que são percebidos como falhas de caráter, como vícios ou comportamentos desviantes. Por exemplo, desonestidade, crenças falsas e rígidas, alcoolismo, comportamento radical, distúrbio mental entre outros desvios. Os estigmas tribais, referem-se a atributos que são depreciativos devido à associação com um grupo estigmatizado, como minorias étnicas, religiosas ou sociais. Nesse contexto, Goffman (1980, p. 14) destaca que em todos esses exemplos de estigma, encontram-se as mesmas características sociológicas:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto.

De acordo com Goffman (1980, p. 14), “[...] as atitudes que nós, normais, temos em relação a uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar [...]”. Portanto, o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão. Nesse entendimento, Goffman

define estigma como um atributo que desqualifica alguém de ser plenamente aceito na sociedade. “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (Goffman, 1980, p. 13). Nesse entendimento, Goffman (1980, p. 15), revela como os estigmas de caráter, físicos e de grupo afetam profundamente os indivíduos que sofrem de alcoolismo. O estigma gera sentimentos de inferioridade, vergonha e incapacidade:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original.

Portando, esses estigmas não apenas prejudicam a autoestima e as relações sociais dos indivíduos. Bem como a compreensão do impacto do estigma é crucial no sentido de entender como esses estigmas são internalizados pelos indivíduos e como eles afetam suas interações sociais. As pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do próprio eu (Goffman, 1980). Nesse contexto, o entendimento do impacto do estigma é crucial para desenvolver estratégias de apoio e intervenção que ajudem a reduzir o preconceito e promover a recuperação dos alcoólicos. A relação do estigmatizado com a comunidade informal e as organizações formais a que ele pertence em função do seu estigma é importante para desenvolver estratégias de apoio e intervenção que ajudem a reduzir o preconceito e promover a recuperação dos alcoólicos.

3 ESTUDOS DE USUÁRIOS

Compreende-se que ao longo da história, a Ciência da Informação (CI) perpassou por mudanças de paradigmas provocados por crises ou revoluções científicas que deram abertura para novas concepções, “tendo seu público-alvo redirecionado à medida que os problemas informacionais, sociais e econômicos vão se reconfigurando” (Mata, 2022, p. 39).

A Ciência da Informação desenvolveu-se historicamente porque os problemas informacionais modificaram completamente sua relevância para a sociedade ou, em suas palavras, "atualmente, transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro fundamento da CI". Problemas informacionais existem há longo tempo, sempre estiveram mais ou menos presentes, mas sua importância real ou percebida mudou e essa mudança foi responsável pelo surgimento da CI, e não apenas dela (Saracevic, 1996, p. 43).

Os estudos de usuários estão inseridos no âmbito da Ciência da Informação como uma subárea do conhecimento. De acordo com Araújo (2020), a origem dos Estudos de Usuários é anterior à Ciência da Informação, ela tem sua origem na biblioteconomia. Destacamos sua origem na década de 1930 na Universidade de Chicago nos Estados Unidos. Araújo (2020) destaca que nesse período foram realizados os primeiros estudos científicos sobre comunidades de usuários de bibliotecas. O grande marco para os estudos de usuários, aconteceu na Royal Society Scientific Information Conference em Londres, em 1948. Dois trabalhos científicos ganharam destaque nessa conferência, os trabalhos apresentados por Bernal e por Urquhart, inauguraram uma nova perspectiva de estudos. O foco não residia mais na interação dos usuários com uma instituição específica, mas sim, o estudo de uma série de ações dos usuários, isto é, suas buscas e consultas junto a bibliotecas, centros de documentação, arquivos, museus etc. Essa abordagem foi denominada como abordagem clássica ou abordagem tradicional, era focado nos sistemas de informações. Segundo Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 81-82):

A abordagem tradicional direcionava o foco para o produto, o serviço ou o sistema de informação, que eram avaliados praticamente desconsiderando aquele a quem se destinavam, fosse o usuário individual ou coletivo. Nessa abordagem, a preocupação estava em quanto e como um produto, serviço ou sistema de informação era usado, quais as dificuldades e a satisfação com o seu uso.

Essa abordagem também é conhecida como Tradicional, Físico ou Positivista. Segundo, Braga *et al* (2018, p. 291) “está ligada aos estudos da informação, às estatísticas e ao uso da informação nas unidades e sistemas de informação que prevaleciam, não sendo o sujeito o foco

desses estudos, mas, sim o uso e o suporte informacional". Nessa perspectiva, o sujeito é desconsiderado na relação com a informação, não se atenta a seus usos, e nem aos seus comportamentos.

Nessa abordagem a ideia de comunicação se pautava no emissor que transmite e um receptor "que recebe". O que estava entre emissor e receptor era desconsiderado. De acordo com Silva *et al* (2020) os estudos de usuários dessa abordagem fundamentam-se nos aspectos quantitativos da pesquisa, considerando sistemas e as técnicas utilizadas nos serviços de unidades de informação, enfatizando indicadores relacionados ao funcionamento da biblioteca, do seu planejamento, da constituição do acervo etc.

Araújo (2019) ao esclarecer o enfoque tradicional em seu texto, cita Gasque e Costa (2010) e as sete características das pesquisas sob a ótica tradicional, tendo base o positivismo e a empiria. A primeira característica é a elevação da objetividade da informação. A segunda, o mecanicismo dos estudos. O terceiro, a passividade do usuário. Quarto, a tentativa de prever o comportamento do usuário por meio de estatísticas. O quinto, o foco na interação usuário-sistema. Sexto, a ideia de que se pode observar o comportamento externo ao usuário, como se tudo fosse captável e por último, as crenças de que as pesquisas, de fato, produziram observações que geraram padrões de comportamento.

Na década de 1980, com o desenvolvimento da área surgiram os primeiros estudos de usuários com a abordagem alternativa também chamada de abordagem cognitiva. Segundo Araújo (2013) começaram a surgir pesquisas com abordagens centradas nas ações humanas, tendo o indivíduo como foco central em uma perspectiva cognitivista, a partir desse contexto a abordagem cognitiva se construiu em torno da noção de comportamento informacional.

Segundo Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 83):

A abordagem alternativa se caracterizou por estudos centrados no usuário da informação, com base nos métodos e técnicas de coleta de dados mais utilizados nas pesquisas das ciências sociais, tais como: a observação, entrevistas, questionários, diários, levantamento de opiniões, levantamentos (surveys), análise da tarefa, grupo focal, entre outros.

O comportamento informacional foi proposto por Wilson (1980). Segundo Araújo (2020), essa mudança pretendia ampliar o foco do estudo do usuário que antes interagira com um único sistema, passava-se agora a estudar o usuário em suas várias ações informacionais, em seus vários momentos de necessidade de informação, relacionados aos seus processos de busca e interação com diversas fontes, recursos, serviços e sistemas.

Em um movimento quase dicotômico, contra o positivismo, evidenciou os aspectos cognitivos do sujeito, por isso da perspectiva Cognitivista ou Alternativa. Segundo Braga *et al.* (2018, p. 291), "o deslocamento do foco da esfera do uso e produto de informação para o sujeito, ressaltando seus modos de buscar e usar as informações de que necessita."

Nesse modelo, eleva-se os estudos do sujeito, o aspecto cognitivista e o individualismo. Parte dessa premissa é que a pessoa interage com mundo, mas, esse elemento, o social, é secundário, nos possibilitando dizer que a perspectiva de que o sujeito não necessariamente produz a partir desse mundo, ousamos dizer, que produz para e por si mesmo, suas necessidades são qualificadas e seus desejos são caracterizados (Pinto; Araújo, 2019).

Nesse entendimento, Pinto e Araújo (2019) ao desenvolverem um resumo de diferentes abordagens de estudos centradas nos indivíduos, ou seja, de abordagem cognitiva/alternativa traçam um limiar de compreensão importante, através da perspectiva de pensar-se no indivíduo. Uma interpretação de suas necessidades de informação, intelectuais e sociológicas para posteriormente chegar a cognições comuns a maioria deles, arriscamos dizer se tratar de uma tentativa de generalização.

Nessa abordagem alternativa, são considerados aspectos cognitivos e afetivos relacionados aos indivíduos, até então negligenciados nesses estudos.

Numa abordagem alternativa, o usuário da informação passa a ser visto como um sujeito ativo e protagonista no processo de recuperação da informação. O comportamento do usuário no processo de busca e uso da informação passa a ser estudado, levando em consideração a cognição, o que se encontra na sua mente, pois o sentido da informação dependeria dos esquemas interiores de cada indivíduo. O comportamento informacional abarca as atividades realizadas quanto às necessidades, busca e uso da informação, considerando os pensamentos, sentimentos e ações vivenciados pelos usuários (Silva *et al.*, 2020, p. 2).

De acordo com Araújo (2016, p. 65), os dois últimos modelos, tradicional e cognitivo, têm em comum:

A ideia de que o processo de comportamento informacional tem origem em uma situação problemática (um estado anômalo de conhecimento, a percepção de uma lacuna do conhecimento), que é o mecanismo ativador das ações de busca da informação.

Na década de 1990, surgiram as teorias ligadas à abordagem social, também conhecidas como práticas informacionais. Araújo (2020), destaque que houve uma reorientação do conceito de informação na Ciência da Informação como um todo, em direção a uma perspectiva

intersubjetiva ou sociocultural. Nesse cenário, Savolainen (2007), propôs o abandono do termo comportamento informacional e sua substituição por práticas informacionais, destacando a abordagem cognitiva em prol de uma perspectiva que perceba o sujeito inserido em relações com outros sujeitos e num contexto sócio-histórico específico.

Entendemos por práticas informacionais os processos que envolvem as necessidades, a busca, o uso, a produção e a disseminação de informações pelos indivíduos em todos os momentos da sua vivência dada em determinadas condições históricas e sociais, que variam no espaço e no tempo. Não é um conceito tácito ou natural. Dessa maneira, sugerimos a ampliação dessa abordagem a partir da historicidade que envolve a construção e atuação dos sujeitos que já nascem e vivem em comunidade (Pinto; Araújo, 2019, p. 29).

As práticas informacionais podem ser entendidas como “[...] relações entre as pessoas em seus respectivos contextos para estudarem os fenômenos informacionais” (Pinto; Araújo, 2019, p. 20). Esse terceiro modelo, também conhecido como Abordagem social/sociocultural/interacionista, segundo Braga (2018, p. 292), “estabelece relações com o paradigma social”. Os sujeitos passam a ser vistos como seres "produtores de sentido", que, segundo Araújo (2016), eleva o conceito de intersubjetividade. Um movimento de transformação social e cultural da época.

Ainda embasados nas reflexões do Araújo (2016), essa abordagem, considera as distintas condições do sujeito conforme seu contexto, o que leva a deduzir, que a abordagem social considera as interações dos sujeitos em diferentes contextos. Pinto e Araújo (2019) ao debruçaram esforços e destrinchar esses três principais modelos de estudos da CI, abordam um estudo de revisão sobre a categoria "contexto" desses estudos. Para Courtright (2007) nos estudos sobre comportamento informacional há quatro concepções, a saber: contexto no sentido de contêiner, como "conjunto de elementos objetivos e observáveis em torno do indivíduo" (Araújo; Pinto, 2019, p. 25); o contexto como construção de significados, ou seja, as maneiras como as pessoas percebem as influências" (ibdem) , o contexto como a "construção das informações pelos indivíduos nas interações sociais."(ibdem), e por último, o contexto relacional que "é resultante da percepção do pesquisador sobre o ponto de vista do indivíduo."(ibdem)

Notório pensar, que, apesar dos avanços teóricos e metodológicos, como diria Pinto e Araújo (2019) os estudos da abordagem social mantiveram-se em uma tendência de se pensar em modelos comportamentais, mesmo considerando os elementos contextuais e culturais. Sendo assim, nessa abordagem ainda houve uma tendência, como explícito nos modelos

anteriores, de deixar de fora as relações sociais e os arranjos da sociedade capitalista. (Idem). Ainda nesse sentido, surgem as práticas informacionais, essa abordagem será abordada posteriormente, uma vez que esse trabalho, à utiliza para uma investigação de um determinado grupo de usuários específicos, os Alcoólicos Anônimos.

3.1 Abordagem Cognitiva

Compreender a necessidade informacional tem sido de extrema importância para as diversas áreas do conhecimento. Tendo em vista que a informação é um elemento essencial para o desenvolvimento social e humano. “O processo de busca e uso da informação precisa ser bem entendido de modo que as necessidades do sujeito sejam preenchidas através de estratégias que norteiem os caminhos a serem percorridos” (Linhares *et al*, 2023, p. 4). Dentro dos estudos de necessidades de informação, destacamos a abordagem *sense-making* de Brenda Dervin, com seu início em 1972, sendo sua publicação teórica e metodológica somente em 1983 (Costa, 2000). Segundo Araújo, Pereira e Fernandes (2009, p. 60), destacam que a metodologia *sense-making* é amplamente utilizada no Brasil, especialmente na área de Ciência da Informação. Essa abordagem considera a informação como sendo uma construção do sujeito a partir de suas experiências sociais, culturais, políticas e econômicas. Nesse sentido, (Braga; Costa; Nunes, 2018). Enfatizam que o modelo *sense-making* foi elaborado para auxiliar os estudos sobre o comportamento dos usuários no processo de busca por informação, tendo como ponto de partida as lacunas informacionais dos próprios indivíduos. Segundo Dervin (1983 *apud* Araújo; Pereira; Fernandes, 2009, p. 60-61) destaca, a metodologia *sense-making* possui dois sentidos:

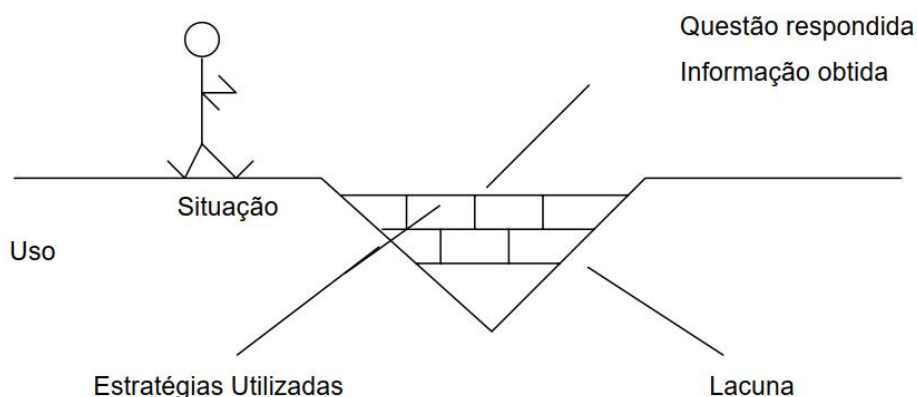
Sense-making refere-se ao objeto de estudo, ao processo empírico por meio do qual os usuários de informação atribuem sentido às situações em que se encontram (às lacunas cognitivas, às necessidades de informação sentidas, ao engajamento no processo de busca da informação) e, também, às informações que encontram, que utilizam e das quais se apropriam. Mas sense-making também se refere à forma de estudar o comportamento informacional dos usuários, isto é, ao tipo de metodologia preparada para analisar os processos pelos quais os usuários atribuem sentido às situações em que se encontram e às informações que utilizam. Essa metodologia relaciona-se diretamente com o estabelecimento de categorias ou tipos ideais de situações, de parada de situações, de busca de informação e de uso da informação no contexto das discontinuidades do real encontradas pelos usuários no contexto de suas vivências e atuações.

Nesse entendimento, Braga; Costa e Nunes, (2018) descrevem que os dois sentidos se complementam, uma vez que convergem a um mesmo ponto, ora sendo visto como um processo natural humano de buscar informação, e ora como metodologia para investigar esse processo de busca. Nas palavras de Dervin (1983, p. 3, tradução nossa)

O termo "Sense-Making" é um rótulo para um conjunto coerente de conceitos e métodos usados em um esforço programático, agora de oito anos, para estudar como as pessoas constroem o sentido de seus mundos e, em particular, como elas traçam suas necessidades informacionais e dos usos de informação no processo de construção de sentido. Uma vez que a tomada de sentido é central para todas as situações (sejam intrapessoais, interpessoais, de massa, interculturais, societárias ou internacionais). A abordagem Sense-Making é vista como tendo ampla aplicabilidade.

Dervin (1983) descreve os indivíduos como criaturas inteligentes e criativas capazes de compreender o sentido das coisas, através da incorporação de conhecimento tanto advindo do mundo exterior como dele próprio. Quando os sujeitos não sentem dúvida em relação a suas demandas, eles movem em direção aos seus objetivos. Contudo, frequentemente surgem lacunas. A ponte necessária para conduzi-los, refere-se as estratégias utilizadas pelos sujeitos para a busca e o uso das fontes possíveis de informação (Ferreira, 1997).

Figura 1 – construção de sentido na abordagem do *Sense-Making*



Fonte: Extraído de (Dervin, 1992 *apud* Ferreira, 1997).

Ainda de acordo com Ferreira (1997) a figura representa uma metáfora *do sense-making* de uma pessoa caminhando através do tempo e espaço, ou seja, como movimento contínuo de modo a encontrar com uma lacuna/gap, atravessando a lacuna a fim de produzir sentido, e seguir caminhando para o próximo período/momento. A figura exemplifica as etapas que o sujeito

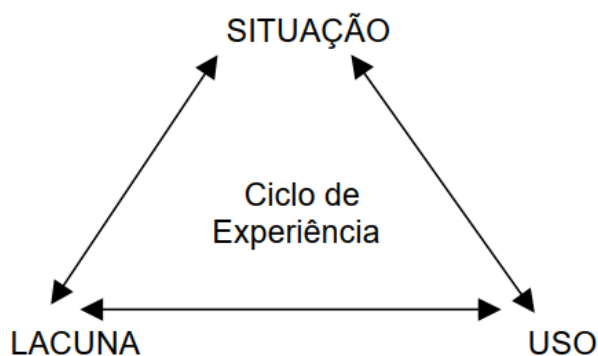
passa no decorrer de suas experiências ao criar estratégia de busca e uso da informação para preencher as lacunas/gap existentes.

De acordo com Choo (2003, p. 88):

A abordagem de criação de significado oferece uma metáfora cognitiva para o processamento e uso da informação, na qual a necessidade de informação é comparada com a percepção do vazio, com a busca da informação, com as estratégias para transpor o vazio e com o uso da informação na ajuda para transpor o vazio.

Segundo Oliveira e Medeiros (2018), para representar o trinômio da informação o *sense-making* utiliza o modelo conhecido como de três pontas, isto é, o trinômio *situação-lacuna-uso*.

Figura 2 - Trinômio do *Sense-Making*



Fonte: Extraído de (Dervin, 1992 *apud* Ferreira, 1997).

A figura representa como o sujeito direciona-se até chegar ao uso da informação por meio do ciclo de experiência. Conforme podemos perceber, a situação é o fator mais abrangente, pois está ligada ao contexto temporal e espacial sobre o qual surgem as necessidades de informação, representa as experiências e visão de mundo óbitos através de conhecimentos passados. A lacuna é considerada como uma ponte para travessia rumo ao alcance da informação, representa a necessidade sentida por ele, e quais atitudes que ele precisa tomar para superar/atravesar, essas atitudes que representa o *sense-making*. Uso é o emprego dado ao conhecimento recém adquirido, traduzido na maioria dos estudos como a informação que ajuda ou prejudica (Dervin, 1983 *apud* Ferreira, 1997). A ponte, representa a estratégia utilizada por ele, é nessa etapa que o sujeito mostra seu estado cognitivo, ou seja, sua capacidade de perceber, de raciocinar por meio de seus valores, sentimentos e opinião, de modo a conseguir a informação útil para prosseguir no seu objetivo (Oliveira; Medeiros, 2018).

Choo (2003, p. 110) destaca que:

Entre os elementos mais importantes que influenciam o uso da informação estão as atitudes do indivíduo em relação à informação e à sua busca, atitudes essas que são fruto da educação, do treinamento, da experiência passada, das preferências pessoais, etc.

Nesse sentido, Ferreira (1995, p. 53), destaca a relevância da compreensão para o *sense-making* das seguintes características:

- a) Individualidade, os sujeitos devem ser tratados como indivíduos e não como conjunto de atributos demográficos;
- b) Situacionalidade, cada sujeito se movimenta através de uma única realidade de tempo e espaço;
- c) Utilidade da informação, diferentes sujeitos utilizam a informação de maneira própria, sendo que a informação é o que ajuda a pessoa a compreender sua situação;
- d) Padrões, analisando as características individuais de cada sujeito, tenta chegar aos processos cognitivos comuns à maioria.

Nesse entendimento, a criação de sentido, como entende o *sense-making* busca localizar os indicadores possíveis do comportamento de busca e uso da informação. Logo, considera a informação como essencial ao sujeito (Oliveira; Medeiros, 2018). Dessa forma Choo (2003, p. 115), destaca que a perspectiva cognitiva, Dervin acha que as pessoas usam a informação para vencer seu abismo cognitivo, de modo a cruzar para o outro lado e prosseguir em sua trajetória de vida, nesse sentido:

Da perspectiva cognitiva, Dervin vê a busca da informação como uma tentativa de preencher os vazios de conhecimento. De acordo com sua teoria de criação de significado, a maneira com que as pessoas percebem e definem seus vazios cognitivos é um bom indício de como elas tentam superá-los, ou seja, como buscam informação para satisfazer suas necessidades. As perguntas que as pessoas fazem na tentativa de superar o vazio podem ser classificadas segundo as "características da pessoa, as características dos outros, as características dos objetos ou dos eventos, as razões ou causas dos eventos, as consequências das ações ou dos eventos, e as conexões entre as coisas".

Portando, a necessidade de informação surge quando esse sujeito reconhece vazios em seu conhecimento e em sua capacidade de dar significado a uma experiência. O uso da informação acontece quando o sujeito seleciona e processa informações que produzem uma mudança em sua capacidade de vivenciar e agir à luz desses novos conhecimentos. “A busca e o uso da informação fazem parte da atividade social e humana por meio da qual a informação torna-se útil para um indivíduo ou grupo” (Choo, 2003, p. 118).

3.2 Práticas Informacionais

A partir da década de 1990, surgiram as teorias ligadas à abordagem social, também conhecidas como práticas informacionais, na composição da subárea dos estudos de usuários no campo da ciência da informação (Araújo, 2017). A compreensão dos processos de produção, busca e uso de informação, bem como o compartilhamento dessas informações, através das ações dos sujeitos envolvidos em seus contextos sociais, estabelece a proposta de estudos de práticas informacionais.

Nos últimos anos, uma nova proposta de pesquisa vem se desenvolvendo. Ela tem recebido distintas denominações, tais como “social”, “sociocultural”, “interacionista” ou “construtivista” (Araújo, 2016). Nesta abordagem, o elemento central é o conceito de “práticas informacionais” (Araújo, 2017, p. 218).

Araújo (2013) enfatiza a superação de algumas características mais restritas das abordagens tradicional e alternativa, propiciada pela noção de práticas informacionais. O autor destaca que, o usuário deixa de ser percebido como um ser isolado de um mundo que o cerca. Dessa forma, houve uma reorientação do conceito de informação na ciência da informação como um todo em direção a uma perspectiva intersubjetiva e sociocultural, conforme Araújo (2020).

A mudança de ênfase nos aspectos sistêmicos, da ordem tecnológica, e nos processos cognitivos, da ordem dos usuários, para uma compreensão mais humanizadora dos sujeitos diante de uma abordagem mais integrativa e social demarcam o território das “práticas informacionais” (Tanus; Berti; Rocha, 2022, p. 154).

Destacamos sua origem com Savolainen, Talja, McKenzie que contribuíram para essa construção teórica ligada a abordagem social, mais especificamente às práticas informacionais. Nesse contexto, Savolainen (2007), propõe uma teoria em que vislumbre “[...] o sujeito inserido em relações com outros sujeitos e num contexto sócio-histórico específico”. Através dessa abordagem social, passou-se a refletir sobre as “[...] relações entre as pessoas em seus respectivos contextos para estudarem os fenômenos informacionais” (Pinto; Araújo, 2019, p. 20). Segundo destacam os autores Rocha; Sirihal Duarte e Paula (2017), Savolainen (1995) foi o pioneiro a propor um modelo de busca de informação na vida cotidiana, ELIS (*everyday life information seeking*) proposto por (Savolainen, 1995).

O modelo proposto por Savolainen (1995) o ELIS, buscou ressaltar os contextos práticos da vida ordinária, definidos como *nonwork contexts*. Esse modelo apresenta como objetivo discutir como as pessoas acessam e utilizam variadas fontes e canais de informação para atender suas demandas. Nesse sentido, as Práticas Informacionais tanto dependem dos contextos sociais

para se desenvolverem e transformarem-se, como são produzidas, também, com base nas experiências subjetivas dos indivíduos.

Conforme o modelo ELIS, a cultura ou mesmo as classes sociais as quais as pessoas estão inscritas oferecem modelos básicos para seus estilos de vida. Nesse sentido, representam esquemas perceptivos, cognitivos e práticos responsáveis por guiar hábitos e atitudes em relação à vida pessoal e/ ou profissional, mas também no tocante ao uso de variados tipos de fontes e canais de informação na resolução de problemas cotidianos (Nunes; Carneiro, 2018, p. 164).

Assim, essa dualidade entre as dimensões individual e coletiva é um dos traços constituintes das práticas informacionais. De tal modo, percebe-se a interação como elemento chave para a concepção de práticas informacionais (Rocha; Gandra, 2018). Segundo Araújo (2017), a proposta de pesquisa em torno da ideia de “práticas informacionais” tem origem no quadro intelectual das ciências humanas e sociais. “Há nessa abordagem uma fundamentação na etnometodologia, a partir do conceito de prática, e outra fundamentação vem de Bourdieu e seu conceito de *habitus*” (Araújo, 2018, p. 59). Ainda embasados nas reflexões do Araújo (2017), destacamos que Bourdieu (1996) propõe o que ele denominou de abordagem “praxiológica”, ou a ideia de “práxis”, essa abordagem retrata a maneira pela qual os indivíduos agem no mundo, e como essa relação de causa e consequência de suas ações, dão significado na construção desse mundo, essa é a ideia principal que fundamenta o conceito de práticas presente na expressão de práticas informacionais. O entendimento que leva a essa ideia busca realizar uma crítica tanto no subjetivismo, quanto no objetivismo, ambos no entendimento da ação humana. O subjetivismo propõe que a ação humana é sempre um produto da vontade de um indivíduo consciente, antecipando os efeitos de suas ações, por outro lado, o objetivismo enxerga os indivíduos como suporte mecânicos das estruturas, ou seja, como fossem movidos de uma maneira inconsciente, suas ações são simples execuções de regras. Como forma de sobrepor essas divisões, e desenvolver sua perspectiva praxiológica, Bourdieu desenvolveu o conceito de *habitus*.

[...] o conceito de *habitus*, que “fornece, ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc.); individuação porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas” (Wacquant, 2017, p. 215 *apud* Araújo, 2017, p. 220).

A abordagem da etnometodologia, teve como principal referência o sociólogo Harold Garfinkel, quando em 1963, desenvolveu um estudo sobre os jurados das cortes norte americanas, no intuito de compreender como as pessoas leigas utilizam de técnicas e procedimentos de metodologia científica, tais procedimentos e técnicas ajudavam os jurados a desenvolverem relatos adequados, nesse entendimento, os jurados praticavam uma metodologia do senso comum, uma etnometodologia. Em 1967, publicou sua obra mais famosa *Studies in Ethnomethodology*, (Estudos de Etnometodologia, tradução nossa), Garfinkel (2018). Garfinkel, questionou as explicações tradicionais presentes na sociologia quanto aos fatos sociais, nos quais, considerava como construções práticas dos indivíduos, essas construções práticas representavam o produto das atividades contínuas que todos realizavam em seu dia a dia. Nesse sentido, era necessário analisar essas atividades do dia a dia como um método pelo qual os indivíduos utilizam para compreender como são capazes de atribuírem valor e sentido dessas ações que realizam (Dumont; Ramos, 2018). De acordo com o entendimento de Bispo; Godoy, (2012, p. 694 *apud* Rawls, 2002):

O termo etnometodologia refere-se à metodologia de todo dia, em que *etno* significa membro de um grupo ou do próprio grupo em si e metodologia se refere aos métodos dos membros. Assim, a etnometodologia diz respeito às efetivas práticas situadas em determinados contextos (Psathas, 2004), em outras palavras, o estudo dos métodos que os membros de um grupo utilizam para produzir ordens sociais reconhecíveis.

Conforme Coulon (1995) destaca que o interesse maior de H. Garfinkel se volta para as atividades práticas e, em particular, o raciocínio prático, quer seja profissional ou não. Com base na explicação e entendimento apresentado por Garfinkel, compreendemos que a palavra etnometodologia é carregada de sentido e coerência, sugerindo a existência do membro na sociedade com um saber, ou seja, o modo prático do grupo é de importância para representar a teoria e a realidade empírica (Guedes, 2021). Nesse sentido, “[...] a etnometodologia está associada ao estudo do senso comum, com base nas atividades práticas desenvolvidas pelos indivíduos em seu cotidiano” Coulon (1995, p. 30), destaca que a etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos empregados pelos indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para ele, o real já se acha descrito pelas pessoas. A etnometodologia analisa as crenças e comportamento do senso comum, com base em todo comportamento socialmente organizado.

O estudo dos etnometodólogos é direcionado para as tarefas de aprender como as atividades reais e cotidianas dos membros consistem em métodos para tornar analisáveis as ações e as circunstâncias práticas, o conhecimento de senso comum das estruturas sociais e o raciocínio sociológico prático; e em descobrir as propriedades formais dos lugares-comuns, das ações práticas do senso comum, “a partir de dentro” das situações reais como realizações contínuas dessas situações reais (Garfinkel, 2018, p. 87).

Nesse sentido (Bispo; Godoy, 2012), destaca que etnometodologia busca examinar, empiricamente, os métodos que os indivíduos empregam para atribuir sentido e, ao mesmo tempo, realizar suas ações cotidianas.

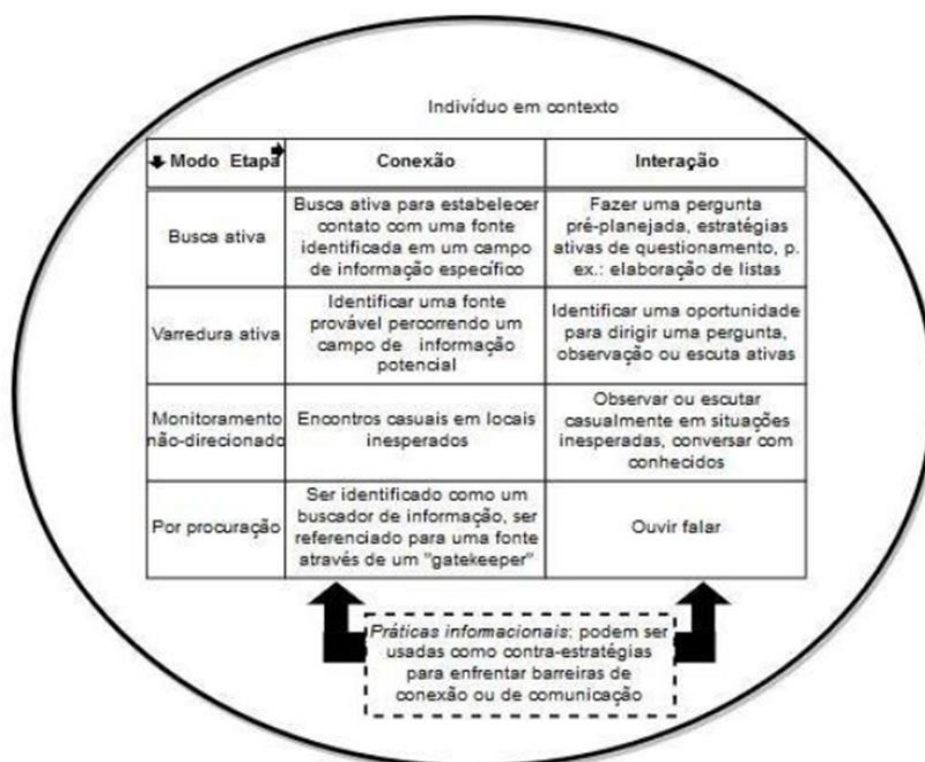
No contexto das práticas informacionais, compreendemos que os estudos como o de McKenzie (2003), têm destacado uma comunidade de praticantes, a busca e a recuperação de informação são dimensões das práticas sociais que fazem parte das rotinas da vida cotidiana e do universo do trabalho (Araújo, 2018). A partir da perspectiva de busca de informação cotidiana, de Savolainen (1995), McKenzie (2003), desenvolveu seu modelo bidimensional de práticas informacionais. De acordo com Savolainen (2007), o modelo bidimensional, desenvolvido por McKenzie (2003), enfatiza as práticas sociais e as interações pessoais em contextos da vida cotidiana (Goulart; Kafure, 2021). Nesse entendimento, Araújo (2017), destaca que a autora desenvolveu a noção de *serendipity*; que é a possibilidade de se fazer descobertas importantes por acaso ou de encontrar determinados recursos informacionais relevantes sem estar procurando por eles. A pesquisa de McKenzie (2003), considerou a investigação das necessidades de informação e as práticas informacionais de mulheres grávidas de gêmeos no Canadá, bem como, investigar as fontes de informação utilizadas por elas. A abordagem utilizada se baseou no conceito de vida cotidiana proposto por Savolainen (1995), fazendo uma relação específica a (gravidez de gêmeos) então vivida pelas participantes da pesquisa. Entre as questões importantes levantadas, destacamos: as formas ativas e acidentais de busca de informação; os papéis das diferentes fontes de informação (ex.: médicos e outras mães de gêmeos), e a forma como as mulheres classificavam as fontes de informação como confiáveis e úteis, bem como as formas como elementos temporais da gravidez foram relacionados à busca de informação (Rocha; Sirihal Duarte; Paula, 2017).

McKenzie (2003), questionou os modelos existentes de comportamento informacional, dizendo que eles eram limitados para a busca e compreensão de informação na vida cotidiana. A autora considera que o conceito de práticas informacionais é mais adequado ao contexto da vida cotidiana. Dessa maneira, ela elaborou o modelo bidimensional das práticas informacionais. Nesse modelo bidimensional são descritas quatro fases: busca ativa, varredura ativa, monitoramento não-dirigido, e por procuração. O modelo ainda contempla duas etapas

de busca de informação: conexão e interação, sendo essas etapas sequenciais, uma vez que uma interação sempre é precedida pela conexão (Rocha; Sirihal Duarte; Paula, 2017).

As quatro etapas, assim como as duas fases de busca são marcadas por práticas informacionais diversas. A etapa de busca ativa, está relacionada a perguntas planejadas e pesquisas por itens conhecidos. Na etapa da varredura ativa, está relacionada a fontes prováveis sobre o assunto desejado. A etapa do monitoramento não dirigido, está relacionada com a identificação acidental ou casual da informação, a possibilidade de se fazer descobertas por acaso, ou de encontrar uma informação relevante sem estar procurando, conforme o conceito de *serendipity*, estabelecido por McKenzie (2003). Na etapa por procuração, por sua vez, acontece quando a interação das fontes de informação acontece por meio de um intermediário. Essa etapa está condicionada por intermédio de outros sujeitos.

Figura 3 – Modelo bidimensional de práticas informacionais.



Fonte: Rocha; Sirihal Duarte; Paula, (2017), adaptado de McKenzie (2003).

Além disso, as práticas informacionais são utilizadas em referência a todos os elementos presentes em relatos de como a informação pode ser encontrada através da iniciativa ou interação entre os agentes. “Ela engloba tanto a busca, como o encontro acidental com a informação” (McKenzie, 2003 *apud* Carvalho; Nunes, 2021, p. 187).

Nas pesquisas de práticas informacionais é imprescindível que o sujeito seja entendido como um ser humano localizado num tempo e espaço histórico, responsável pela construção tanto de si quanto da sociedade, em uma dupla direção de dentro e fora, micro e macro, subjetivo e objetivo (Tanus; Berti; Rocha, 2022, p. 162).

Nesse entendimento, McKenzie (2003 *apud* Araújo, 2015, p.13) “propõe que o termo práticas informacionais seria mais adequado do que comportamento informacional justamente para dar conta da dimensão não-diretiva, isto é, espontânea, casual, das ações das pessoas em relação à informação”. Essa definição entra em acordo com o objetivo deste estudo, uma vez que esse projeto justamente não envolve um processo de busca de informações, de preenchimento de uma lacuna, mas justamente visa analisar o processo de troca de informação e compartilhamento entre os membros do grupo de A.A, uma vez que a autora usa o termo de uma das etapas de seu modelo “procuração”, que se refere a ocasiões em que os participantes descrevem ter feito contato ou interagido com fontes de informações através de iniciativas de outros sujeitos, ou da própria fonte ou através de um intermediário (McKenzie, 2003).

Nesse entendimento, os conceitos de práticas informacionais e o processo de interações sociais estabelecidos no grupo de A.A, bem como o efeito do alcoolismo na sociedade e no indivíduo, e o estigma social ligado ao alcoolismo serão objetos de estudo nesse projeto. Portanto, esse trabalho objetiva investigar quais são e como acontecem as práticas informacionais do grupo de A.A que contribuem para uma meta comum – o processo de recuperação da sobriedade alcoólica – e os efeitos do estigma social ligados ao alcoolismo.

O indivíduo alcoólatra é muitas vezes julgado como uma pessoa sem credibilidade moral e respeito próprio, entre outros estereótipos associados a seu comportamento, o que enfatiza a força do estigma associado ao alcoolismo. Dessa maneira o grupo de A.A age como uma espécie de antídoto em relação ao preconceito e ao estigma que envolvem o alcoolismo. O indivíduo alcoólico consegue expor seus sentimentos e emoções para outro alcoólico, não teme nenhuma condenação moral e reprovação social, pois o outro esteve no mesmo inferno que ele. A medida que começa a frequentar as reuniões de A.A, ele ouve sua própria história diversas vezes através do compartilhamento de experiências e troca de informações de outras pessoas. Dessa maneira, começa a sentir afinidade e confiança por esse grupo, criando assim uma interação social entre seus membros, que possibilita o fortalecimento de suas experiências e práticas para conseguirem chegarem a um objetivo comum: a obtenção da sobriedade alcoólica. Esses indivíduos estigmatizados encontram no grupo de A.A uma interação social e uma liberdade em se expressarem, uma vez que nesse local, existem outros indivíduos com a mesma debilidade, fazendo com que eles se sintam pertencentes ao grupo.

De maneira geral esse projeto visa estudar as práticas informacionais na dimensão do estigma. O estigma é construído socialmente, ou seja, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas. Assim, os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm possibilidade de neles serem encontradas criando rotinas de relação social em ambientes estabelecidos que nos permitem um relacionamento com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular, Goffman (1980). Nesse aspecto, a abordagem de práticas informacionais que enfatiza as relações sociais é fundamental para estudar fenômenos como o estigma, pois permitem uma análise abrangente das dinâmicas sociais, das interações interpessoais e dos processos de construção e contestação do estigma em diversos contextos sociais. Permitindo assim, uma compreensão mais abrangente de como o estigma é criado, mantido e contestado em diferentes contextos sociais.

O presente projeto adotou como ferramentas de estudo a abordagem social e a perspectiva das práticas informacionais, dado que a abordagem tradicional e cognitiva/alternativa não abrange toda a demanda e complexidade existente nas relações entre o indivíduo e a informação. Esse projeto não envolve apenas um processo de busca de informações ou de preenchimento de uma lacuna, mas abordará como foco central os testemunhos, troca e compartilhamento de informações através de suas práticas.

3.3 Teorias sociais que embasam a perspectiva das práticas informacionais

O interacionismo simbólico começou a surgir entre os anos 1930 e 1940, no âmbito da sociologia norte-americana, por iniciativa do sociólogo Herbert Blumer (1900-1987) membro da Escola Sociológica de Chicago, e desenvolveu-se no transcurso das duas décadas seguintes (Carvalho; Borges; Rêgo, 2010). Blumer desenvolveu as primeiras formulações teóricas do interacionismo simbólico a partir de conceitos e princípios básicos extraídos da teoria da psicologia social, originalmente elaborados pelo filósofo e cientista social George Herbert Mead (1863-1931) de quem era aluno, e as empregou no estudo do comportamento coletivo das massas, das multidões e do público em geral (Correa, 2017). Blumer avançou com suas ideias ao chamar a atenção para a importância da experiência concreta, direcionando um olhar mais direto para as verdades locais e limitadas que surgem através das experiências concretas (Blumer, 1998). Para Blumer, o mundo empírico existia enquanto algo passível de observação, estudo e análise. Blumer estava sempre atento ao fato que os seres humanos atuam em situações sociais, guiados por disposições subjetivas, sendo o principal difusor da tradição do interacionismo simbólico na sociologia.

Para ele, o verdadeiro papel da sociologia seria observar de perto e com cuidado a vida dos grupos e o comportamento coletivo através da ‘ação’. Crítico das perspectivas sociológicas estruturalistas, Blumer focou sua atenção no homem do dia a dia, o que não quer dizer que ignorasse questões de poder, organização e história. Apenas acreditava que as teorias e observações da sociologia deveriam ser sobre coisas reais, do mundo (Correa, 2017, p. 183).

De acordo com Araújo (2010, p. 24) “essa corrente de estudos, o interacionismo simbólico se sustenta em três hipóteses”, a primeira de que os seres humanos agem no mundo em relação aos significados oferecidos; a segunda, de que esses significados são provocados pelas interações; e a terceira de que os significados são manipulados por um processo interpretativo (Blumer, 1980). O foco do interacionismo simbólico concentra-se, justamente, nos processos de interação social que ocorrem entre indivíduos ou grupos mediados por relações simbólicas.

O interacionismo simbólico baseia-se, em última análise, em três premissas. A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que esse lhe oferece. Tais elementos abrangem tudo o que é possível ao homem observar em seu universo, objeto físico, outras pessoas, lugares, instituições, ideais, honestidade, justiça, além das situações vivenciadas no dia a dia. A segunda premissa consiste no ato de os significados de

tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato (Blumer, 1980, p. 119).

Nesse contexto, Blumer (1980, p. 120) “considera que a posição do interacionismo simbólico ao contrário, é a de que os significados proporcionados pelos elementos ao homem são fundamentais”. Conforme essa perspectiva, ignorar o significado dos elementos com que os seres humanos se relacionam é falsificar o comportamento que se analisa. Contornar o significado em favor de fatores supostamente causadores do comportamento constitui uma grave falta de apreço com o papel do significado na formação do comportamento. As interações sociais, porém, são processos dialéticos, pois os indivíduos constroem os grupos e coletividades sociais dos quais fazem parte, mas, ao mesmo tempo, esses grupos e coletividades interferem na conduta do indivíduo (Correa, 2017).

“O interacionismo simbólico propõe que indivíduo e sociedade se constituem reciprocamente, não são instâncias autônomas e separadas” (Araújo 2010, p. 25). Dessa forma, para compreender o mundo, é necessário analisá-lo em termos das ações e interações de seus participantes (Carvalho; Borges; Rêgo, 2010). “Para a ciência empírica, a ‘realidade’ só existe no mundo empírico, no qual se devem buscá-la e verificá-la” (Blumer, 1969/1982, p. 16). Nesse entendimento, o interacionismo simbólico trouxe, pela primeira vez às ciências sociais, um lugar teórico para o sujeito social como intérprete do mundo, colocando em prática, métodos de pesquisa que priorizam o ponto de vista desses sujeitos (Coulon 1995 *apud* Trezza, 2002).

Portando, “o objetivo do emprego dessa abordagem é esclarecer os significados que os próprios sujeitos põem em prática para construir seu mundo social” (Carvalho; Borges; Rêgo, 2010, p. 155). Desta forma, o interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais, criações elaboradas através das atividades humanas essenciais em seu processo interativo. O uso de significados por alguém em plena ação envolve um processo interpretativo. Como foi possível, Blumer apresenta e argumenta os mais importantes aspectos da interação simbólica. De acordo com Haguette (1995), ele tenta ser fiel ao pensamento de Mead, abordando, sobretudo, a natureza da interação simbólica, da sociedade e da vida em grupo, dos objetos, da ação humana e da ação conjunta (Blumer, 1980).

Em relação ao conceito de cultura, temos várias nuanças de interpretação e análise, destacamos o trabalho apresentado sobre o conceito de cultura por Clifford Geertz, um antropólogo americano, pioneiro da antropologia interpretativa. Publicou sua obra mais famosa

“A interpretação das Culturas” em 1973. Esse livro teve um impacto e influência muito grande para uma geração de cientistas sociais. Geertz é considerado o fundador da antropologia interpretativa, seus estudos apresentaram uma nova maneira de estudar antropologia através de uma linha interdisciplinar que conduz o indivíduo a debater sobre o assunto exposto. Geertz estudou antropologia em Harvard, e lecionou no departamento de antropologia da universidade de Chicago, e na universidade de Princeton (Jesus; Souza, 2012). O conceito de cultura para Geertz (2008) pode ser entendido como teias de significado que o homem mesmo teceu.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 2008, p. 4).

Nesse contexto, entendemos o conceito de cultura de Geertz (2008) como contribuição da cultura referente ao processo educativo, e de aprendizagem. A cultura resulta em um panorama de aprendizagem, “pois o homem é sujeito a aprender, logo, essa aprendizagem constitui uma construção do ser humano como um ser pensável, um ser capaz de formular ideias, hábitos, rotinas e concepções ao longo do tempo e no decorrer de sua vida” (Jesus; Souza, 2012, p. 7). Segundo Araújo (2010) as ciências que estudam a cultura devem se desenvolver não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Na tentativa de lançar tal integração do lado antropológico e alcançar, assim, uma imagem mais exata do homem, quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam "programas") — para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento (Geertz, 2008, p. 32).

Nesse entendimento Geertz (1989), descreve que a cultura passa a ser visto como um conjunto de significados transmitidos historicamente, ou seja, incorporados através de símbolos que se materializa em comportamentos. Nesse entendimento, “percebemos que sem homens certamente, não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens”. Dessa forma, a cultura é uma realidade com força e propósitos em si mesma. Ela incide em um padrão bruto de acontecimentos comportamentais, que de fato observa em uma comunidade identificável (Jesus; Souza, 2012, p. 3).

Em termos metodológicos, uma referência essencial residiu na noção da “descrição densa” desenvolvida por Geertz (1978). “Esse tipo de análise da ação humana, deve incluir o estudo e observação do comportamento, e dos significados que os sujeitos atribuem ao seu comportamento” (Araújo, 2012, p. 156). Nesse sentido, “a descrição densa foi o método de observação criado por Geertz (1978), para proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada” (Talamoni, 2014, p. 54), dessa forma, “investigar uma determinada cultura, implica na compreensão desses significados, que só podem ser buscados na ação social”, esta última entendida como todo comportamento dotado de significado intersubjetivo, e no contexto em que ela ocorre (Talamoni, 2014, p. 55). Nesse entendimento (Quintaneiro *et al*, 1996, p. 107 *apud* Araújo, 2010, p. 28) destaca que:

[...] Trata-se do que ele denomina “descrição densa”, isto é, um tipo de análise da ação humana que inclui o estudo do comportamento e dos significados que as pessoas atribuem ao seu próprio comportamento. A origem dessa ideia está em Weber, cujo conceito de ação social consiste na “conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem o executa, o qual orienta seu próprio comportamento”.

Segundo Talamoni (2014), a descrição densa não tem como objetivo o diagnóstico de uma cultura ou realidade, mas, antes, “o alargamento do universo do discurso humano” (Geertz, 1978, p. 24). Nesse contexto, a descrição densa está alinhada com três elementos fundamentais elaborados por Geertz (1978), o conceito de cultura; a ideia do estar lá; e do pesquisador enquanto autor. “O conceito referente ao método da descrição densa que se relaciona à ideia do estar lá, destaca a importância da participação do pesquisador no local investigado”, o que lhe possibilita, a partir de sua experiência de imersão em uma nova cultura, produzir aquilo que Geertz (2008) denominou conhecimento ou saber local (Talamoni, 2014, p. 55). Nesse entendimento, compreendemos que a descrição densa não tem como objetivo o diagnóstico de uma cultura ou realidade, mas, antes, “o alargamento do universo do discurso humano” (Geertz, 1978, p. 24). “A descrição densa por sua vez é o produto de uma experiência intercultural vivida

pelo observador e que deriva, portanto, de percepções subjetivas e intersubjetivas” (Talamoni, 2014, p. 64). Competindo ao pesquisador a capacidade de aprofundar tanto em sua descrição quanto em sua interpretação.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse projeto foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva, de orientação etnográfica, utilizando a descrição densa que objetivou identificar a dimensão informacional, bem como compreender as práticas para obter informação e os processos de troca de informações dentro de um grupo de A.A. A pesquisa qualitativa é dada a subjetividade da pesquisa que traz um relacionamento intrínseco entre o pesquisador e o objeto de estudo e ao mesmo tempo a necessidade de levantamento de dados. Os instrumentos utilizados foram as entrevistas, a observação e as visitas. A pesquisa adotou como método a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016). Dessa maneira justifica-se a realização de uma revisão de literatura sistemática para avaliar o estado da arte e sustentação teórica.

Para análise das evidências coletadas, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2016), para sistematizar os dados das entrevistas, e compreender além dos significados imediatos. De acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Partindo dessa conceitualização e nas indicações de Bardin (2016), estruturamos a pesquisa em torno dos três polos cronológicos, os quais compõem a análise de conteúdo. A pré-análise; análise do material e tratamento dos resultados. Inicialmente, realizamos uma leitura flutuante dos depoimentos para identificar temas recorrentes. Em seguida, agrupamos unidades de significado, como palavras, frases e trechos, que se repetiam ou se destacavam nos relatos. A partir dessa sistematização, emergiram quatro categorias temáticas que refletiam os principais eixos de sentido presentes nas falas dos participantes: (1) A doença, percepção e tratamento; (2) O estigma e preconceito; (3) O A.A, reuniões e estrutura; e (4) A visão de sociedade e da cultura. Essas categorias foram posteriormente analisadas à luz de teorias como o modelo bidimensional de McKenzie, o sense-making de Dervin, o estigma de Goffman, o interacionismo simbólico de Blumer e a interpretação da cultura de Geertz, permitindo uma compreensão mais profunda das práticas informacionais no contexto do grupo de A.A Glória Feliz de Belo Horizonte, MG. Os dados foram organizados em tabelas, agrupados em categorias empíricas com base nas experiências dos entrevistados e analisados de acordo com o método de análise de conteúdo proposto por Bardin.

A observação participante foi aplicada como um dos instrumentos de coleta de dados, visando compreender a realidade do contexto social do grupo de A.A estudado. A observação participante prioriza o contato do pesquisador frente a frente com o grupo analisado, que por sua vez participa de todas as atividades, observando o que os membros do grupo de A.A fazem em seu ambiente de reuniões, o que nos permite assim, compreender os significados do alcoolismo através de seus testemunhos e trocas de experiências em torno de sua busca e manutenção da sobriedade alcoólica. Utilizamos, além da técnica de observação participante (Apêndice 2), entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas (Apêndice 3) aplicadas a onze membros do grupo de A.A Glória Feliz. Optou-se por entrevistas semiestruturadas nessa pesquisa, ao invés do grupo focal, tendo considerado à dificuldade operacional, tempo, incompatibilidade de horário e resistência dos membros do grupo A.A.

Os dados obtidos durante as reuniões foram registrados em um diário de campo, caderno de anotações, com informações sobre a dinâmica do grupo que abrangeram as reações e análises do pesquisador, conversas informais e entrevistas realizadas na chegada ao grupo, durante e após as reuniões. Esses dados foram transcritos e analisados com base no referencial teórico das práticas informacionais no grupo de A.A.

Nesse sentido, buscou-se ir do que está manifesto para o que está subentendido no conteúdo do material coletado, de modo a obter um apanhado compreensivo e interpretativo abrangente, no intuito de se compreender os significados do alcoolismo para os membros do grupo de A.A estudado.

Participaram do estudo 11 (onze) membros do grupo de A.A Glória Feliz, tendo sido o número de participantes definido no decorrer da coleta de dados através do critério de saturação de respostas de Minayo (2017). Dado que o objeto dessa pesquisa é o ser humano como fonte primária de informação, essa pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética (COEP) da UFMG, por intermédio do protocolo de pesquisa com seres humanos, obtendo a anuência no roteiro de entrevista elaborado, visando proteger o bem-estar dos indivíduos participantes dessa pesquisa.

Durante dois meses em dias alternados (entre outubro e dezembro de 2024) foram realizadas visitas às reuniões do grupo A.A Glória Feliz, localizado no bairro Pindorama em Belo Horizonte, de posse de um roteiro para a observação participante (Apêndice 2), para a compreensão das práticas informacionais desenvolvidas nessas reuniões. Nessa observação, visei compreender e identificar o comportamento do grupo em termos de informação, troca de informações, testemunhos, relatos de suas experiências e quais as práticas desenvolvidas por esse grupo que contribuem para obtenção da sobriedade de seus membros. Para aplicação das

entrevistas, utilizei um roteiro de entrevista semiestruturado. O roteiro estava aberto para novas perguntas que surgirem na hora e para novas respostas. Nesse roteiro de entrevistas semiestruturadas continha questões norteadoras que abordaram a história do membro em relação ao uso de álcool, a percepção de quando estava doente e precisava de tratamento, a trajetória e como chegou até o grupo de A.A, o significado do grupo de A.A em sua vida, a motivação para manter a sobriedade alcoólica e qual a influência do grupo na vida do membro. Objetivando obter maior variabilidade possível de respostas foram selecionados para as entrevistas membros com diferentes tempos de frequência ao grupo de A.A. Ressalta-se que foram selecionados para participarem das entrevistas indivíduos maiores de 18 anos para responderem aos questionamentos. Visando a garantia do anonimato, identificamos cada indivíduo entrevistado como “membro 01, 02, 03...”, e assim sucessivamente com cada indivíduo que aceitou participar da pesquisa voluntariamente dentro dos termos do TCLE (APÊNDICE1).

Alguns indivíduos foram abordados para as entrevistas antes do início ou após o término das reuniões. Os que se dispuseram voluntariamente a participar da entrevista e acordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE (APÊNDICE 1) foram entrevistados e o conteúdo registrado em gravador de voz com a ciência do entrevistado. Posteriormente, o conteúdo integral das entrevistas foi transcrito com o auxílio do programa TurbScribe através do site <https://turboscribe.ai/pt/dashboard>. Todas as transcrições foram revisadas para análise (Apêndice 4). A partir da pesquisa teórica desenvolvida no trabalho, nos guiando pela metodologia proposta, as práticas informacionais investigadas nesta pesquisa foram identificadas a partir da observação participante e das entrevistas semiestruturadas realizadas com os membros do grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz. Essas práticas emergiram do cotidiano das reuniões, especialmente durante os momentos de testemunhos, troca de experiências, rituais de ingresso e reingresso, leitura de reflexões diárias e interações informais no intervalo. A análise de conteúdo permitiu sistematizar essas manifestações em quatro categorias temáticas, que refletem os espaços e modos pelos quais a informação circula. Assim, as práticas informacionais estão presentes tanto nas falas e testemunhos quanto nos gestos, nos símbolos e na organização coletiva do grupo, revelando-se como elementos centrais no processo de construção da sobriedade e da identidade dos membros.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Descrição do grupo de Alcoólicos Anônimos e da organização das reuniões

O grupo de alcoólicos anônimos pesquisado, Glória Feliz, está situado em uma região periférica de Belo Horizonte, no bairro Pindorama, regional noroeste da capital. Esse grupo foi fundado em 10 de dezembro de 1978, tendo completado 46 anos em 2024. O grupo de alcoólicos anônimos Glória Feliz se destaca por ser um grupo consolidado e por manter suas reuniões todos os dias da semana, de segunda a segunda, o horário das reuniões altera de acordo com os dias da semana, entre segunda a sexta, as reuniões acontecem das 19:30 às 21:30h, aos sábados, domingos e feriados, se reúnem das 18:00 às 20:00h. O grupo se reúne em uma sala de aproximadamente 50 m², similar a uma sala de aula convencional que comporta em torno de 40 pessoas. O terreno onde está localizado a sala do grupo de A.A é cedido pela prefeitura municipal de Belo Horizonte. O endereço do grupo está registrado no site www.alcoolicosanonimos.org.br. Um dos acessos ao grupo se dá por meio de um campo de futebol, localizado na Rua Jacareí, nº 778. O outro acesso é através da rua Aline, nº 783, próximo ao ponto final do ônibus 4802A. A fachada externa do grupo de A.A é de cor azul clara, com uma placa branca escrita em letra azul “Alcoólicos Anônimos, Glória Feliz” afixada no alto da parede de entrada do grupo.

Na entrada da sala de reunião, tem um painel de madeira como se fosse uma barreira, à esquerda está uma pequena mesa com o caderno de frequência e uma caneta amarrada à ele. O caderno de registro de presença dos membros só pode ser assinado pelos membros do A.A. Outra mesa está posicionada ao lado com garrafas de café e chá. No fundo da sala tem uma pequena prateleira de madeira fixada na lateral esquerda da parede com alguns livros e revistas sobre os alcoólicos anônimos. A sala de reunião possui também diversos quadros e painéis menores afixados nas paredes com dizeres, “Evite o primeiro gole”, “Você é a pessoa mais importante da reunião”, “Não importa quantos passos dei para trás, mais sim quantos darei para frente”. Na frente da sala, temos três bandeiras fixadas na parede, uma bandeira em amarelo do grupo de A.A Glória Feliz, a bandeira do Estado de Minas Gerais e a Bandeira do Brasil. Nas laterais direita e esquerda à frente da sala, temos os banheiros masculino e feminino, um pouco mais centralizado temos a copa onde são preparados os lanches no intervalo, nesse espaço também são guardados os utensílios de limpeza, ferramentas e acondicionados os alimentos dentro armários para manutenção e logística do grupo.

Na mesa central temos um pequeno quadro com a foto dos fundadores dos alcoólicos anônimos, Bill e Bob, outro quadro bem centralizado e mais à frente da mesa com os dizeres,

“evite o primeiro gole e frequente as reuniões”. Alguns livros também estão sobre essa mesa, entre eles, o livro azul de alcoólicos anônimos e as reflexões diárias para membros de alcoólicos anônimos. O livro de reflexões diárias é lido a cada dia no início das reuniões, cada texto traz uma reflexão vinculada ao alcoolismo. Na mesa também está o livro de ata de reunião. A ata é preenchida todos os dias com a descrição detalhada do que aconteceu na reunião e sua leitura é feita ao final de cada reunião. Consta na ata, os nomes dos membros que participaram da palavra franca, o valor arrecado no dia para manutenção do grupo (que está vinculada a sétima tradição de alcoólicos anônimos), os membros que participaram da coordenação da reunião e os membros ingressados, quando ocorre. Ainda nessa mesa central está em um pequeno círculo com medalhas de premiação por tempo de vínculo e manutenção da sobriedade.

Nas paredes de entrada de cada banheiro, estão os doze passos e as doze tradições afixados em dois banners maiores. No alto da parede da frente da sala, há um crucifixo, a oração da prece da serenidade, a foto de Bill e Bob, e a logomarca dos alcoólicos anônimos. Próximo a janela que está voltada para o campo de futebol, está um filtro de água de barro com copos descartáveis e um quadro que foi pintado de verde na parede, parecido com um quadro de escola, nesse quadro está escrito em giz branco de maneira detalhada a programação e organização das próximas atividades e reuniões, bem como a escala dos dirigentes de cada reunião ao longo da semana, os responsáveis por abrir e fechar a sala das reuniões e pela manutenção da sala. Vale destacar a limpeza e organização da sala de reunião do grupo, bem como dos banheiros e a mesa de café e lanche, indicando o cuidado e zelo dos membros por esse espaço em que se reúnem diariamente.

As reuniões dos A.A seguem um padrão e organização bem definido. Um pequeno sino é tocado sobre a mesa pelo coordenador, a reunião se inicia, na sequência, todos ficam de pé e falam juntos a prece da serenidade, “Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras” (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2017). E, na continuação, também falam juntos a declaração de responsabilidade de A.A “Eu sou Responsável., quando qualquer um, seja aonde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A.A. esteja ali. E por isto: eu sou responsável” (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2017). Um minuto de silêncio é feito, depois todos se assentam. Na sequência o coordenador dá as boas-vindas a todos os membros presentes e faz-se a leitura do preâmbulo dos alcoólicos anônimos “Alcoólicos Anônimos é uma Irmandade de homens e mulheres que compartilham, entre si, suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para

ser membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de A.A. não há taxas ou mensalidades, somos autossuficientes, graças às nossas próprias contribuições. A.A. não está ligado a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causas. Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudarmos outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade” (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2017).

Na frente da sala de reunião temos uma mesa grande centralizada, com três cadeiras, onde ficam os três membros responsáveis por coordenarem a reunião do dia. O membro posicionado na cadeira central, coordena a reunião, ficando responsável por fazer a abertura e coordenar todas as etapas da reunião até o encerramento; um segundo membro sentado à sua direita fica responsável por fazer a sétima tradição de A.A. “Todos os grupos de A.A. deverão ser totalmente autossuficientes, rejeitando quaisquer doações de fora” (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2017). Essa tradição se refere ao recolhimento voluntário de uma contribuição financeira de qualquer valor por seus membros para ajudar na manutenção e despesas do grupo, essa sétima tradição só é destinada aos membros de AA, eles realizam esse momento antes do intervalo da reunião. Por fim, o terceiro membro sentado à esquerda, é responsável pela leitura da reflexão diária para membros de AA, e por registrar na ata de reunião todos os eventos e partes que aconteceram nesse dia.

Após a abertura, o coordenador explica como é a divisão da reunião de A.A. As reuniões são divididas em quatro partes. Essa divisão segue um critério já estabelecido pelos A.A. Assim, temos a reunião dividida em quatro partes, não havendo nenhuma demanda ou solicitação por uma parte, passa-se para a próxima, e assim sucessivamente até a última parte, nesse caso, a quarta. A primeira parte é sobre o ingresso de novos membros, esse momento é através do ingresso / admissão de uma pessoa que deseja parar de beber e ingressar no grupo A.A, seguindo seu programa. O ingresso desse visitante é realizado mediante seu registro no livro de membros do grupo. Nesse livro é anotado seus dados pessoais e registrado uma numeração que identificará esse membro no grupo de A.A. No mesmo momento é estabelecido um padrinho para esse membro recém-admitido, esse padrinho auxiliara e acompanhara seu afilhado nas reuniões, incentivando sua frequência, participação e manutenção da sobriedade alcoólica.

A segunda parte é destinada ao reingresso de membros que já interromperam o programa de A.A, voltando a beber novamente, nesse reingresso o membro perde todo o tempo premiado anteriormente por fichas/medalhas, voltando do começo. No reingresso é realizado o seu registro novamente no livro de membros do grupo, bem como a indicação de um novo padrinho para acompanha-lo e incentiva-lo nessa nova jornada, é gerado também um novo número de

registro no momento de seu reingresso, esse momento é caracterizado como se fosse um renascimento é apagado aquele passado mais uma vez do membro que voltou a beber e lhe é dada uma nova oportunidade, um novo nascimento na comunidade A.A, no intuito de manterem seu principal propósito primordial a sobriedade sobre o alcoolismo.

A terceira parte é a troca de ficha ou medalha, termo como se referem os A.A. Esse é um momento muito especial para todos os membros do grupo, geralmente é realizada uma reunião com a presença da família e amigos do membro homenageado. O recebimento dessa medalha/ficha tem um simbolismo muito importante para eles, é um marco da sobriedade alcoólica em suas vidas, um simbolismo de sua dedicação, sacrifício e esforço para se manterem sóbrios, esse momento representa um avanço moral, social e sentimental muito grande na vida deles, pois ali receberam uma espécie de recompensa e premiação por sua dedicação, empenho e disciplina nessa jornada que buscam diariamente a sobriedade alcoólica.

Por fim, a quarta parte, é a palavra franca, termo como se referem os membros do A.A, esse é o ponto principal das reuniões dos A.A, nesse momento é fraqueada a palavra a todos, ou seja, é aberta a oportunidade para todos os membros darem seus testemunhos e compartilharem suas experiências e histórias vividas no tempo do alcoolismo e pós alcoolismo, seguido do ingresso nos A.A. Cada membro tem 10 minutos para darem seu testemunho, a palavra franca é marcada por diversos testemunhos impactantes, histórias de sofrimento e superação são compartilhadas por esses membros, trazendo ali para o grupo momentos de emoção e reflexão em suas falas, carregadas as vezes pelo estigma e preconceitos enfrentados no tempo de alcoolismo, que muitas vezes os sensibilizam ao relatarem essas histórias. No momento de suas falas, todos acompanham de maneira silenciosa e respeitosa, percebemos que os outros membros ali presentes, revivem e sentem as vezes as mesmas emoções e angústias que enfrentaram em suas vidas no alcoolismo, algumas pessoas choram, outras ficam emocionadas com esses testemunhos e relatos que muitas vezes se assemelhavam com suas vidas. Após a fala do membro ou companheiro, termo como se referem os A.A, todos os presentes aplaudem de maneira calorosa. Na sequência, outro membro que se sentir motivado a dar seu depoimento, se levanta e vai até a frende da sala ou a cabeceira de mesa, termo como se referem os A.A, para dar seu testemunho. A palavra franca é uma espécie de terapia em grupo, um refúgio para seus membros exporem seus sentimentos e buscarem apoio mútuo nessa comunidade. Dessa maneira, a reunião é um espaço de fortalecimento para superar os preconceitos e estigmas que envolvem o alcoolismo., contribuindo assim na recuperação e manutenção da sobriedade alcoólica de seus membros praticantes.

Quadro 2 – Perfil dos onze entrevistados

Membro	Idade	Sexo	Escolaridade	Estado civil	Tempo de frequência
01	75	Masculino	4ª série	Solteiro	44 anos
02	67	Masculino	5ª série	Casado	40 anos
03	59	Masculino	Analfabeto	Casado	09 anos
04	42	Masculino	2º grau	Solteiro	13 anos
05	69	Masculino	4ª série	Divorciado	25 anos
06	50	Masculino	7ª série	Casado	12 anos
07	60	Masculino	4ª série	Casado	13 anos
08	64	Masculino	2º grau	Divorciado	15 anos
09	45	Masculino	2º grau	Divorciado	2 meses
10	63	Feminino	Analfabeta	Casada	7 anos
11	46	Masculino	2º grau	Solteiro	1 mês

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Em geral os membros do grupo chegam até as reuniões caminhando e alguns poucos vão de carro. Eles têm hábito de chegar cerca de meia hora antes do início das reuniões e se assentam do lado externo da sala formando um círculo e ali conversam sobre a família, trabalho, futebol e outros assuntos. Esse encontro é uma maneira de se socializarem e conversarem um pouco mais sobre assuntos casuais, fora do alcoolismo, algumas poucas vezes até contam alguma história relacionada ao tempo em que bebiam. Esse momento marca uma interação e amizade dos membros desse grupo, isso fortalece diretamente na frequência das reuniões, bem como o sentimento de pertencimento e amizade dos membros.

No momento da leitura da reflexão diária para membros dos AA, notamos a dificuldade dessas pessoas em assimilarem as palavras ditas na reflexão, alguns deles leem com muita dificuldade e logo encerram a leitura desviando o foco da leitura para outra situação, como contar algo que aconteceu em seu dia ou falar algum incentivo referente a sobriedade alcoólica. Percebemos que existe um certo desconforto e constrangimento por parte de alguns membros que são convidados a participarem desse momento. Outra situação similar ocorre em relação as anotações na ata de reunião e leitura dessa ata no final da reunião, alguns membros têm dificuldade de interpretar a leitura da reflexão. Ao observar o grupo trocando informação, percebi que o testemunho é sua principal prática informacional, através da palavra franca, eles conseguem assimilar melhor essas informações trocadas entre eles no contexto de suas

experiências e histórias com o alcoolismo. Percebi também que através da oralidade, dos testemunhos e da troca de experiências entre os membros, eles conseguem naquele momento superar os preconceitos e estigmas que envolvem o alcoolismo.

O bairro que o grupo A.A se encontra é um bairro de pessoas de baixa renda, próximo ao grupo de A.A há alguns bares, padaria, campo de futebol, comércio local, igrejas e uma escola estadual. As ruas próximas do grupo têm um fluxo grande de pessoas, sendo que muitas delas são moradores da própria região. Como são poucos os grupos que oferecem reuniões diárias, alguns membros de A.A de outros grupos vêm de regiões próximas e as vezes distantes para participarem das reuniões do grupo de A.A Glória Feliz. O grupo está localizado próximo do ponto final do ônibus 4802A Pindorama/Boa Vista, essa proximidade com o ponto final do ônibus facilita a presença e o deslocamento de outros membros de A.A de bairros vizinhos a participarem das reuniões do grupo. A sala em que se reúnem é disponibilizada pela prefeitura da PBH, eles ficam responsáveis pela manutenção da estrutura e os gastos com água, luz, IPTU e outros insumos, despesas que são custeadas com recursos arrecadados durante as reuniões do grupo, o que mostra a autonomia financeira desse grupo.

5.2 A Estrutura Geral das Reuniões dos Alcoólicos Anônimos

As reuniões começam pontualmente com a prece da serenidade, segue-se um minuto de silêncio, e na sequência é realizada a leitura do preâmbulo de A.A e da reflexão diária. A mesa de coordenação é composta por três membros, geralmente dois homens e uma mulher. Os membros se identificam apenas por números para manter o anonimato. Todos têm a oportunidade de compartilhar seus testemunhos e experiências pessoais na "palavra franca". A Palavra Franca é o principal momento da reunião no qual os membros compartilham seus testemunhos e suas histórias de luta contra o alcoolismo, recaídas e recuperação. Os testemunhos são uma forma de apoio mútuo e incentivo. Há um intervalo para café, chá e socialização. Durante o intervalo, os membros mais experientes interagem com os novatos, oferecendo apoio e encorajamento. Após o intervalo, a palavra franca continua com mais testemunhos e relatos pessoais. A reunião é encerrada com a leitura da ata, que descreve todas as etapas da reunião. A prece da serenidade é recitada novamente, seguida por um minuto de silêncio. A reunião termina com o toque de um sino.

A frequência regular nas reuniões é destacada como essencial para manter a sobriedade e evitar recaídas. Muitos membros mencionam a importância da fé e do "poder superior" Deus em suas recuperações. A espiritualidade é um tema recorrente nos testemunhos. O grupo oferece

um ambiente de apoio e acolhimento, onde os membros se sentem seguros para compartilhar suas histórias sem julgamento. Rituais como os três toques na mesa ao chegar atrasado e a troca de medalhas para marcar a sobriedade são comuns. A "sétima tradição" de contribuição financeira voluntária é praticada para a manutenção do grupo regularmente nas reuniões. Os membros compartilham suas dificuldades, recaídas e os desafios enfrentados na luta contra o alcoolismo. Histórias de superação e conquistas pessoais são frequentemente relatadas. Os testemunhos variam desde membros com décadas de sobriedade até novatos recém-ingressados, cada um com suas próprias histórias e lições. A pandemia de COVID-19 afetou a frequência das reuniões presenciais, com alguns membros participando de reuniões virtuais.

A palavra franca é vista como uma ferramenta crucial para a recuperação, permitindo que os membros compartilhem e aprendam com as experiências uns dos outros. As reuniões de A.A seguem uma estrutura bem definida, com ênfase na partilha de testemunhos e experiências pessoais, apoio mútuo, espiritualidade e manutenção de tradições. Esses elementos são fundamentais para a recuperação dos membros e para a criação de um ambiente acolhedor e seguro. As reuniões do grupo de A.A desempenham um papel crucial na recuperação e no apoio aos seus membros. Elas são caracterizadas por uma estrutura organizada, rituais significativos e uma forte ênfase na partilha de experiências pessoais. A espiritualidade e o apoio mútuo são temas centrais, com os membros frequentemente agradecendo ao "poder superior" e incentivando uns aos outros a manter a sobriedade.

Os testemunhos variam desde relatos de veteranos com décadas de sobriedade até os desafios enfrentados por recém-ingressados. A troca de medalhas e as comemorações de marcos de sobriedade são momentos importantes que reforçam o senso de conquista e motivação. Além do impacto individual, as reuniões também têm um efeito positivo na vida social e familiar dos membros, ajudando-os a reconstruir relacionamentos e melhorar sua qualidade de vida. A organização interna, como a eleição de cargos, garante a continuidade e a eficácia do grupo. Em resumo, as reuniões do grupo A.A "Glória Feliz" são um espaço seguro e acolhedor onde os membros encontram apoio, motivação e ferramentas para transformar suas vidas e manter a sobriedade.

Nesse entendimento, com base nos conceitos de práticas informacionais e cultura revela como os alcoólicos anônimos do grupo glória feliz estruturam suas reuniões e organizam seu espaço físico para promover a recuperação de seus membros. As práticas informacionais, como a palavra franca e a troca de experiências, são fundamentais para a construção de um ambiente de apoio e confiança. A cultura do grupo, marcada por valores de igualdade, humildade, e espiritualidade, é expressa através de rituais e símbolos que reforçam a identidade coletiva e o

compromisso com a sobriedade. Essas práticas e a cultura do grupo são essenciais para a ressignificação das experiências dos membros e para a construção de novas identidades baseadas na recuperação e no apoio mútuo.

5.3 Construção das categorias

Na observação participativa foi possível analisar todo o envolvimento do grupo na troca de informações, testemunhos e relatos de experiências pessoais na busca de seu propósito primordial de manter a sobriedade alcoólica. Durante o período de acompanhamento das reuniões, foram realizadas algumas entrevistas com pessoas que tiveram suas vidas modificadas por meio da frequência ao grupo de A.A. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado com perguntas sobre o início do consumo de álcool, motivos e circunstâncias que levaram ao início do consumo, momentos e situações que fizeram os entrevistados perceberem que precisavam de ajuda, como foi a busca por tratamento, que tipos de tratamento procurados e com quem. Em relação ao preconceito sofrido, quais foram os tipos de preconceito enfrentados devido ao alcoolismo. Como os entrevistados conheceram o grupo de Alcoólicos Anônimos. Quais foram as mudanças na vida dos entrevistados após ingressarem no A.A. A importância das reuniões e como a frequência às reuniões ajudam a manter a sobriedade. Significado do A.A para eles, o que o A.A representa na vida dos entrevistados. Por fim, a visão da sociedade, como a sociedade vê o A.A e o alcoolismo.

De maneira geral, as entrevistas retratam uma visão abrangente sobre as experiências dos membros dos Alcoólicos Anônimos, destacando a importância do grupo na recuperação e manutenção da sobriedade, bem como revelando tanto os desafios enfrentados pelos alcoólicos quanto as transformações positivas proporcionadas pelo A.A. A participação nos A.A, se torna um espaço seguro, no qual seus membros podem compartilhar seus testemunhos e experiências e encontrar o apoio mútuo necessário para ressignificarem suas vidas e manterem o controle da dependência do alcoolismo.

Para análise das entrevistas foram construídas quatro categorias. Adotamos o procedimento da análise de conteúdo de Bardin (2016), uma metodologia de pesquisa qualitativa que visa interpretar e sistematizar o conteúdo de comunicação. De acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo pode ser dividida em três fases principais: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados. As perguntas feitas aos membros entrevistados abordaram temas como o início do consumo de álcool, a percepção da necessidade de ajuda,

preconceitos enfrentados, mudanças após ingressar no A.A e a visão da sociedade sobre o alcoolismo.

Em posse desses dados, iniciamos a etapa de pré-análise. Nessa fase realizamos uma leitura flutuante do material para identificarmos os temas principais e prepararmos os dados para análise. Na sequência, passamos para etapa da análise do material, onde identificamos e categorizamos as unidades de significados presentes nas entrevistas, palavras, frases ou parágrafos e as categorias temáticas. Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, selecionamos quatro categorias temáticas para análise e interpretação dos resultados, buscando compreender os significados e padrões emergentes. As categorias foram identificadas como: 1- A doença, percepção e tratamento; 2 - O estigma e preconceito; 3 - O A.A, reuniões e estrutura; 4 - A visão de sociedade e da cultura. Cada uma dessas categorias foi analisada com base em uma ou duas teorias. As perguntas feitas aos entrevistados foram divididas e relacionadas a cada categoria como exemplificado no quadro 3.

Quadro 3. Categorias e teorias selecionadas e perguntas relacionadas.

CATEGORIAS	TEORIA	PERGUNTAS RELACIONADAS
1- A Doença, Percepção e Tratamento	Modelo Bidimensional - Pamela McKenzie Sense-Making - Brenda Dervin	1. Quando e por que você começou a beber? 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda? 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?
2 - O Estigma e Preconceito	Estigma Erving Goffman	4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?
3 - O A.A, Reuniões e Estrutura	Interacionismo simbólico - Herbert Blumer Modelo Bidimensional - Pamela McKenzie	5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos? 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos? 7. Como as reuniões dos Alcoólicos Anônimos te ajudam a manter a sobriedade? 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos? 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida? 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?
4 - A Visão de Sociedade e da Cultura	Interpretação da cultura - Clifford Geertz	11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos? 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos? 13. Como o alcoolismo é visto?

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

5.4 Análise das entrevistas segundo as categorias

5.4.1 A doença, percepção e tratamento

Essa categoria aborda como os membros dos Alcoólicos Anônimos (A.A) percebem o alcoolismo, reconhecem a necessidade de ajuda e buscam tratamento. Para uma análise mais aprofundada, utilizamos as teorias do modelo bidimensional de Pamela McKenzie (2003) e do *sense-making* de Brenda Dervin (1983). Os entrevistados reconheceram o alcoolismo como uma doença progressiva e incurável que afeta tanto o corpo quanto a mente. A percepção da necessidade de ajuda geralmente ocorreu após experiências de humilhação, perda de controle sobre a vida e problemas de saúde. Muitos não buscaram tratamento formal antes de conhecer o A.A, recorrendo apenas a orações ou conselhos de amigos. O ingresso no A.A foi um ponto de virada significativo, proporcionando um caminho para a recuperação e a manutenção da sobriedade. A análise acima pode ser interpretada à luz da teoria do *sense-making* de Brenda Dervin (1983) que oferece uma estrutura útil para compreender como os membros dos A.A percebem e tratam o alcoolismo como uma doença. Portanto, compreender como as pessoas constroem sentido a partir de suas experiências e informações, revela um processo complexo e significativo. Nesse contexto, o processo de busca e uso da informação, precisa ser bem entendido de modo que as necessidades do sujeito sejam preenchidas através de estratégias que norteiem os caminhos a serem percorridos (Linhares *et al*, 2023, p. 4). A construção de sentido, os pontos de ruptura e o processo de lacuna/gap são elementos-chave que ajudam a explicar como os entrevistados reconhecem a necessidade de ajuda e buscam tratamento. Segundo Dervin (1983 *apud* Araújo; Pereira; Fernandes, 2009, p. 60-61):

Sense-making refere-se ao objeto de estudo, ao processo empírico por meio do qual os usuários de informação atribuem sentido às situações em que se encontram (às lacunas cognitivas, às necessidades de informação sentidas, ao engajamento no processo de busca da informação) e, também, às informações que encontram, que utilizam e das quais se apropriam.

De acordo com Ferreira (1997) a situação é o fator mais abrangente, pois está ligada ao contexto temporal e espacial sobre o qual surgem as necessidades de informação, representa as experiências e visão de mundo óbitos através de conhecimentos passados. Dessa forma, a situação refere-se ao contexto ou circunstância em que os indivíduos se encontram e que desencadeia a necessidade de buscar informações ou fazer sentido de suas experiências. Dervin (1983) argumenta que a informação é criada em momentos específicos de tempo e espaço,

influenciada pelas situações e experiências das pessoas.

No contexto da lacuna, Ferreira (1997) retrata que é considerada como uma ponte para travessia rumo ao alcance da informação, representa a necessidade sentida por ele, e quais atitudes que ele precisa tomar para superar/atravessar, essas atitudes que representa o *sense-making*. Dervin (1983) descreve o processo de *sense-making* como "gap/lacuna", onde os indivíduos tentam preencher lacunas em seu entendimento. Os entrevistados buscaram preencher a lacuna entre sua situação atual falta de domínio do consumo de álcool e a necessidade de mudança para sobriedade. Esse processo é evidente nas narrativas dos entrevistados que buscaram ajuda após reconhecerem a gravidade de sua condição. A lacuna representa a diferença entre o estado atual e o estado desejado, ou seja, o que os indivíduos não sabem ou não conseguem fazer e que precisam resolver para avançar.

Pela análise das entrevistas, percebe-se que os entrevistados enfrentaram situações desafiadoras que desencadearam a necessidade de buscar ajuda. Essas situações incluíram o início do consumo de álcool por influência social, a progressão para o alcoolismo e as consequências negativas em suas vidas pessoais e profissionais. De fato, os entrevistados observaram os efeitos devastadores do alcoolismo em suas vidas e saúde física, através dessas observações, construíram a percepção de que o alcoolismo é uma doença que exige tratamento. *"Eu passei a perceber que eu precisava de ajuda, depois que passei a ser discriminado, vendendo as coisas que eu tinha, pegou o pouco que eu tinha passar a vender para poder beber."* (Membro 01). *"Eu percebi que eu precisava de ajuda, já era quando eu estava sendo muito humilhado (...) você não consegue controlar a própria vida, muito menos o alcoolismo, que é uma doença incurável, progressiva e de fins fatais (...)"* (Membro 02). *"(...)" quando eu já não me controlava mais, fisicamente também, né? Seu estômago, o organismo, não consegue lidar mais com o organismo, porque você fica com dor de barriga(...)"* (Membro 04). *"(...)" o alcoolismo me tirou toda a força do corpo, pensamento de raciocínio e eu vendi meu lava-jato(...)"* (Membro 11)

A lacuna identificada pelos entrevistados foi a diferença entre seu estado atual de dependência do álcool e o estado desejado de sobriedade. Eles perceberam a necessidade de preencher essa lacuna para melhorar sua qualidade de vida, mas inicialmente não sabiam como fazê-lo. *"Eu senti que eu precisava de ajuda, mas eu não sabia onde procurar."* (Membro 03)

O uso refere-se à aplicação das informações ou soluções encontradas para preencher a lacuna e resolver a situação. A metodologia de *sense-making* de Dervin (1983) enfatiza uma abordagem participativa e dialógica, onde os indivíduos compartilham suas experiências e constroem sentido coletivamente. No contexto do uso, compreendemos que é o emprego dado

ao conhecimento recém adquirido, traduzido na maioria dos estudos como a informação que ajuda ou prejudica (Dervin, 1983 *apud* Ferreira, 1997). Nos A.A, os membros participam de reuniões onde compartilham suas histórias através de testemunhos e aprendem uns com os outros. As reuniões do A.A, com suas palavras francas e depoimentos, ajudam a manter a sobriedade e a construir um novo entendimento sobre a vida sem álcool. De acordo com Choo (2003, p. 110) entre os elementos mais importantes que influenciam o uso da informação estão “as atitudes do indivíduo em relação à informação e à sua busca, atitudes essas que são fruto da educação, do treinamento, da experiência passada, das preferências pessoais desses indivíduos”. Essas atitudes são fundamentais para o uso eficaz da informação. No contexto dos A.A, os membros utilizam as informações compartilhadas nas reuniões para manter a sobriedade e reconstruir suas vidas. No entanto, é o apoio contínuo e o incentivo do grupo que realmente fazem a diferença na recuperação. Portanto, a análise revela que não basta ter a informação sobre como vencer o alcoolismo; é essencial o apoio do grupo e o incentivo contínuo para que os membros possam aplicar essas informações de maneira eficaz e alcançar a sobriedade.

Para o Membro 01, por exemplo, o uso das informações ocorreu ao ingressar nos A.A e seguir a programação de 24 horas sem consumir álcool, resultando em 44 anos de sobriedade. Ele descreve como o A.A foi fundamental para sua recuperação. *"Eu consegui fazer na programação de 20 e 24 horas sem fazer uso de bebida que contém álcool, eu cheguei a, a, eu cheguei até 44 anos sem fazer uso de bebida, já estou com 44 anos sem fazer uso de bebida, tô levando uma vida tranquila, graças a Deus, vivendo, deixar vivendo, né!"*. O uso das informações para outros membros envolveu a adesão às reuniões do AA, onde eles encontraram apoio e orientação para manter a sobriedade e reconstruir sua vida. *"A partir do momento que eu conheci o Alcoólicos Anônimo as portas se abriram, a felicidade começou a reinar no meu coração..."* (Membro 02). *"O único remédio que você tem que é curar é só em alcoólicos anônimos. É só frequentar a reunião e evitar o primeiro golo."* (Membro 03)

O uso das informações e soluções encontradas ocorreu principalmente através da adesão aos Alcoólicos Anônimos. As reuniões do A.A, com suas palavras francas e apoio mútuo, proporcionaram um ambiente onde os entrevistados puderam compartilhar suas experiências, aprender uns com os outros e implementar estratégias eficazes para manter a sobriedade.

“O uso da informação acontece quando o sujeito seleciona e processa informações que produzem uma mudança em sua capacidade de vivenciar e agir à luz desses novos conhecimentos” (Choo, 2003, p. 118). A teoria do *sense-making* de Brenda Dervin (1983) nos ajuda a compreender como os membros dos A.A constroem sentido a partir de suas experiências

e informações, preenchendo lacunas em seu entendimento e transformando suas vidas.

O processo de construção de sentido é contínuo e dinâmico, refletindo a complexidade da recuperação do alcoolismo e a importância do apoio mútuo e da participação ativa nas reuniões do AA. A análise das entrevistas revela como os membros dos A.A passaram por situações desafiadoras, identificaram lacunas em seu conhecimento ou habilidades, e utilizaram as informações e o apoio do A.A para preencher essas lacunas e transformar suas vidas. Esse processo de construção de sentido é fundamental para entender como os indivíduos lidam com o alcoolismo e buscam tratamento eficaz.

Seguindo a categoria de doença, percepção e tratamento, utilizamos as etapas do modelo bidimensional de McKenzie para análise: busca ativa, varredura ativa, monitoramento não-direcionado e por procuração. Essas etapas contribuem para a análise dos entrevistados, conforme o modelo bidimensional de McKenzie (2003).

De acordo com Savolainen (2007), o modelo bidimensional, desenvolvido por McKenzie (2003), enfatiza as práticas sociais e as interações pessoais em contextos da vida cotidiana (Goulart; Kafure, 2021). Ressaltamos que esse modelo bidimensional de McKenzie (2003) foi utilizado para a análise das práticas informacionais dos membros dos alcoólicos anônimos entrevistados nesse estudo. O modelo bidimensional aprofunda os aspectos intrínsecos da vida cotidiana. É possível dizer que os sujeitos não constroem suas práticas sozinhos, mas a partir das ações sociais e culturais consideradas nas relações concebidas num determinado contexto.

A busca ativa envolve a procura direta e intencional por informações específicas. Essa etapa está relacionada a perguntas planejadas e pesquisas por itens conhecidos (McKenzie, 2003). Os entrevistados que adotaram práticas de busca ativa tomaram medidas concretas para encontrar soluções para seus problemas com o álcool. O Membro 02 relata que após perceber a necessidade de parar de beber, ele buscou ativamente informações e ajuda. Ele menciona que, ao ser abordado por um amigo que havia parado de beber, aceitou o convite para conhecer o AA. *"Ele me faz uma pergunta, se eu te levar pra um lugar que para de beber, você vai? Eu falei, vou, pode ser até Centro de Macumba, desse jeito eu falei pra ele..."* O Membro 03 buscou ativamente tratamento ao aceitar o convite de seu filho para ir ao A.A, após perceber que precisava de ajuda. *"Um dia eu cheguei em casa, meu filho disse assim, ô pai, tem três dias que o senhor não come nem bebe, vamos para o AA? Simplesmente acertei. Fui, gostei e fiquei."* A busca ativa foi crucial para muitos entrevistados que, após perceberem a gravidade de sua situação, procuraram deliberadamente por ajuda e informações específicas.

A varredura ativa envolve a busca contínua e sistemática por informações em um ambiente específico. Essa etapa está relacionada a fontes prováveis sobre o assunto desejado (McKenzie, 2003). Os indivíduos estão atentos a novas informações que possam ser relevantes, mesmo que não estejam procurando algo específico. Considerando também a escuta ativa de conversas em locais específicos, por exemplo, o próprio grupo de A.A, bem como aquele momento em que o sujeito não estava procurando essencialmente por uma determinada resposta, mas consegue a encontrar em alguma situação do cotidiano (Mackenzie, 2003).

A varredura ativa envolveu a exploração de várias fontes de informação de forma mais ampla e menos direcionada. Os entrevistados, como o Membro 01 e o Membro 06, tentaram diferentes abordagens, incluindo igrejas e encontros, antes de encontrar o AA, demonstrando um esforço contínuo para encontrar uma solução eficaz. O Membro 01 menciona que tentou buscar ajuda em igrejas e através de orações antes de encontrar o A.A, o que caracteriza uma varredura ativa em busca de uma solução. *"Eu não busquei tratamento, a não ser a, ir numa igreja, uma oração pedindo nas igrejas uma oração com o pastor, né?"*. O Membro 06 tentou várias abordagens, incluindo igrejas e encontros, antes de encontrar o AA. *"Já fui em igreja, já fui em encontro, várias coisas, né? Que falam de coisas boas, de Deus, né? Mas nada foi possível."*

O monitoramento não direcionado corresponde ao momento em que se encontra uma fonte de informação de forma inesperada, a possibilidade de se fazer descobertas por acaso. Essa etapa está relacionada com a identificação acidental ou casual da informação, a possibilidade de se fazer descobertas por acaso, ou de encontrar uma informação relevante sem estar procurando, conforme o conceito de *serendipity*, estabelecido por McKenzie (2003). Os indivíduos não estão ativamente procurando informações, mas estão abertos a receber informações que possam surgir casual, conforme o conceito de *serendipity*.

Nesse entendimento de encontrar determinados recursos informacionais relevantes sem estar procurando por eles o Membro 05 relata que foi abordado por um companheiro que plantou uma "sementinha" sobre o AA, o que ele inicialmente não buscava ativamente, mas acabou aceitando. *"O tratamento meu foi através da abordagem de algum companheiro que, é plantou uma semente, chegou perto de mim e perguntou se eu queria paralisar com o alcoolismo."*. Em contrapartida, o Membro 07 relata que foi praticamente forçado a ingressar no AA devido a um processo judicial, o que caracteriza um monitoramento não direcionado, onde ele não buscava ativamente, mas foi exposto à informação. *"Eu conheci o grupo de alcoólicos anônimos foi obrigado, né, porque eu tava com processo, né, na juventude na parte da juventude e o juiz lá ele me pediu um laudo físico e mental, né..."*. O monitoramento não

direcionado permitiu que os entrevistados obtivessem informações de maneira passiva, sem um objetivo específico, mas estando abertos a novas informações.

A busca por procuração envolve a obtenção de informações através de intermediários ou terceiros. Na etapa por procuração, por sua vez, acontece quando a interação das fontes de informação acontece por meio de um intermediário. Essa etapa está condicionada por intermédio de outros sujeitos (McKenzie, 2003).

Os indivíduos recebem informações de outras pessoas que buscaram ou encontraram essas informações. A busca por procuração envolveu a obtenção de informações através de intermediários. Por exemplo, receber dicas de outras pessoas ou meios em que este sujeito é reconhecido enquanto fonte de informação para outros grupos. Muitos entrevistados foram incentivados a ir ao AA por amigos ou familiares que já conheciam o grupo de A.A, destacando a importância do apoio social na busca por tratamento. Nesse contexto, o Membro 01 descreve que foi levado ao AA por um amigo que já fazia parte do grupo, caracterizando uma busca por procuração. *"Eu conheci o AA através de um amigo. Eu estava num boteco, que eu costumava beber, pedi uma cachaça, uma cerveja e antes eu ainda pedia a Deus, oh Deus me tire essa bebida... Ele falou, não, se você quiser parar eu te levo aonde que eu fui."* Enquanto o Membro 10 relata que foi incentivada a ir ao AA por seu marido, que já conhecia a irmandade. *"Foi que aí, além desse companheiro, teve o meu esposo, que nós já estávamos separados, ele vinha na minha casa todo dia, porque ele já conhecia a Irmandade."*

A busca por procuração se destacou como a etapa mais eficaz e predominante entre os entrevistados. Os intermediários, como amigos e familiares, desempenharam um papel crucial na conexão dos entrevistados com o A.A. Eles identificaram o A.A como uma fonte de apoio e estabeleceram o contato inicial, apresentando o grupo como uma solução potencial para os problemas de alcoolismo enfrentados pelos entrevistados. Além disso, os intermediários facilitaram a interação dos entrevistados com o A.A, acompanhando-os nas primeiras reuniões e ajudando-os a se familiarizar com a estrutura e a dinâmica do grupo. Essa interação mediada foi crucial para que os entrevistados se sentissem acolhidos e apoiados no A.A.

Nesse entendimento o modelo bidimensional de práticas informacionais de Pamela McKenzie (2003) revela a complexidade e a diversidade das estratégias de busca de informação utilizadas pelos membros dos A.A para lidar com o alcoolismo. Através dos modos de busca ativa, varredura ativa, monitoramento não direcionado e busca por procuração, os entrevistados conseguiram encontrar as informações e o apoio necessários para sua recuperação. Esse processo de busca de informações é fundamental para entender como os indivíduos percebem a doença, reconhecem a necessidade de tratamento e implementam soluções eficazes para

alcançar a sobriedade. A diversidade das estratégias de busca reflete a complexidade da recuperação do alcoolismo e a importância do apoio mútuo e da participação ativa nas reuniões do AA. Os Alcoólicos Anônimos desempenharam um papel fundamental na recuperação dos entrevistados, oferecendo um ambiente seguro e acolhedor para a troca de experiências e apoio mútuo. A estrutura das reuniões e a abordagem participativa do A.A foram essenciais para a construção de sentido e a transformação pessoal dos membros.

A análise da categoria doença, percepção e tratamento com base nas teorias do modelo bidimensional de Pamela McKenzie (2003) e do *sense-making* de Brenda Dervin (1983) revela a complexidade e a diversidade das estratégias de busca de informação utilizadas pelos membros dos A.A para lidar com o alcoolismo. Através dos modos de busca ativa, varredura ativa, monitoramento não-direcionado e busca por procuração, os entrevistados conseguiram encontrar as informações e o apoio necessários para sua recuperação. O processo de *sense-making*, por sua vez, ajuda a entender como os indivíduos constroem sentido a partir de suas experiências e informações, preenchendo lacunas em seu entendimento e transformando suas vidas. Essas teorias fornecem uma estrutura valiosa para compreender como os membros dos A.A percebem a doença, reconhecem a necessidade de ajuda e buscam tratamento eficaz.

5.4.2 O estigma e o preconceito

O alcoolismo trata-se de um tema envolvido de estigma, preconceito e moralização social. “Ao alcoolismo está associada uma ideia de degradação moral e um sentimento de vergonha por parte do alcoólatra”, o que revela a força do estigma associado ao alcoolismo (Campos; Cavalieri, 2022, p. 7). O estigma é como um atributo que é profundamente depreciativo e que reduz o indivíduo de uma pessoa completa e usual a uma pessoa manchada e diminuída. De acordo com Goffman (1980) há três tipos de estigma: estigmas de caráter, estigmas físicos e estigmas de grupo. Há também distinção entre identidade social real e virtual, e a discrepância entre essas identidades pode levar ao estigma. Essa discrepância fica evidente nas experiências dos entrevistados. Os entrevistados enfrentaram diversos tipos de preconceito e estigma, tanto em ambientes sociais quanto familiares. Foram frequentemente chamados de "cachaceiros", "vagabundos" e outros termos pejorativos. Esse preconceito afetou profundamente a autoestima dos entrevistados, muitas vezes sendo um fator decisivo para a busca de ajuda. “*Meu Deus, o que eu mais sofria era o preconceito, é isso que me fez paralisar com a bebida, lá sofrer sim, meu irmão, é muito dolorido o alcoolismo, a gente é humilhado (...) me humilhava, me deixava triste, me deixava triste, eu que já estava aí namorando e não*

conseguia nem namorar direito, porque era baixa estima mesmo, não tinha autoestima não! ” (Membro 02). Nesse contexto, o A.A oferece um ambiente de aceitação e apoio, ajudando seus membros a superar o estigma associado ao alcoolismo.

Goffman explora como os indivíduos estigmatizados lidam com suas identidades deterioradas e as estratégias que utilizam para manejar o estigma em suas interações sociais. Goffman argumenta que o estigma surge da discrepância entre a identidade social real (como o indivíduo realmente é) e a identidade social virtual (como o indivíduo é percebido pela sociedade). “A identidade real está ligada ao conjunto de categorias e atributos que uma pessoa afirma ter, por sua vez, a identidade virtual está ligada ao conjunto de categorias e atributos que as pessoas possuem em relação ao estranho que surge em seu torno” (Siqueira; Cardoso, 2011, p. 94).

Essa discrepância entre as identidades sociais real e virtual é evidente nas experiências dos entrevistados e afetaram negativamente a autoestima e a imagem social dos entrevistados. O Membro 02 menciona ter sido chamado de "cachaceiro" e "pau d'água", rótulos que refletem a identidade social virtual imposta pela sociedade, em contraste com sua identidade social real. *"(...) vê que você é impotente ali, que você é fraco, eles te humilham mesmo, colocam apelido, é cachaceiro, é pau d'água, o meu apelido por exemplo, eles me chamavam de Zé Bosta, aquilo que me humilhava(...)"*. O Membro 04 relata ter sido chamado de "pinguço, vagabundo, mentiroso", rótulos que são impostos pela sociedade e que definem sua identidade social virtual de forma negativa. *"É, de ser chamado né, de pinguço, vagabundo, mentiroso, e palavras de baixo calões."*

A respeito das estratégias de manejo do estigma, Goffman (1980) descreve estratégias como passagem (esconder o estigma) e revelação (divulgar o estigma) que os indivíduos utilizam para manejar suas identidades deterioradas. “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (Goffman, 1980, p. 13). Os entrevistados adotaram diferentes estratégias para lidar com o estigma associado ao alcoolismo, evitando eventos sociais para não ser estigmatizado, uma forma de "passagem" para esconder seu comportamento alcoolizado. *“Às vezes me negavam um cigarro e com aquelas piadas, com gozação, com risalhada para o lado da gente e coisa, e no fim eu acabava ficando sem graça ali no meio daquele ambiente ali, as vezes um aniversário, um casamento, um trem qualquer, costumava nem abrir o portão para mim entrar, costumava fechar até o portão, que já, isso aconteceu comigo”* (Membro 01).

Enquanto alguns evitaram eventos sociais para esconder seu comportamento alcoolizado (passagem), outros foram forçados a revelar seu problema de alcoolismo devido às

circunstâncias (revelação). O Membro 09 descreve como foi estigmatizado no trabalho e pela família e sua revelação do problema de alcoolismo foi forçada pelas circunstâncias.

"Eu sofri preconceito dentro de casa, né? Eu sofri vendo meu pai falar que eu era um vagabundo, que eu era um safado, que eu tinha me tornado um drogado, um alcoólatra..."

Os entrevistados adotaram diferentes estratégias para lidar com o estigma associado ao alcoolismo. Essas estratégias mostram como os indivíduos tentam manejar suas identidades deterioradas em suas interações sociais. Goffman (1980) também destaca que o estigma gera sentimentos de inferioridade, vergonha e incapacidade. O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão. Nesse contexto, "Goffman define estigma como um atributo que desqualifica alguém de ser plenamente aceito na sociedade" (Goffman, 1980, p. 13).

Esses sentimentos são evidentes nas narrativas dos entrevistados, que descrevem como o estigma afetou sua autoestima e suas interações sociais. O Membro 09 destaca como o preconceito e a estigma afeta a vida social dos alcoólatras. *"Que isso me motivou várias vezes a recaídas, porque eu percebo que essa questão de ser um alcoólatra e um dependente químico carrega um estigma muito grande, né? Carrega um estigma muito grande, né? Uma pessoa quando ela tem diabetes, ou tem um câncer, ou tem alguma outra doença, as pessoas acolhem muito mais, né? O alcoólico, o alcoólatra, o dependente químico, ela carrega um estigma de safado, de vagabundo, hoje em dia eles dão o nome de noiado, muito preconceito, né? (...)"*. O Membro 02 destaca a humilhação e os rótulos negativos que ele sofreu contribuíram para sua percepção de si mesmo como inferior, o que o motivou a buscar ajuda. *"Eu percebi que eu precisava de ajuda, já era quando eu estava sendo muito humilhado, né! Pelo, pelo povo, né cara! vê a gente, coloca apelido, você já fica sem dinheiro, a sua autoestima baixa (...)"*. O Membro 10 relata o estigma de ser chamada de "fedorenta" foi um ponto de ruptura que a motivou a buscar ajuda no AA, mostrando como a vergonha pode levar à busca de mudança. *"Foi que no dia 20 eu cheguei do serviço, joguei minha bolsa e vim até sem tomar banho. Já que ela me chamou de fedorenta, vim até sem tomar banho."*

O estigma gerou sentimentos de inferioridade, vergonha e incapacidade entre os entrevistados. Esses sentimentos são evidentes nas narrativas dos entrevistados, que descrevem como o estigma afetou sua autoestima e suas interações sociais. A humilhação e os rótulos negativos que eles sofreram contribuíram para sua percepção de si mesmos como inferiores, o que, de certa forma, os motivou a buscar ajuda e mudar suas vidas. O estigma gera sentimentos de inferioridade, vergonha e incapacidade.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida (Goffman, 1980, p. 15).

Em relação aos três tipos de estigma definidos por Goffman (1980), tem-se os estigmas de caráter; estigmas físicos; e estigmas de grupo. Estigmas de caráter referem-se a atributos que são compreendidos como falhas de caráter, como vícios ou comportamentos desviantes. Está associado a atributos que são vinculados ao aspecto comportamental. “Exemplo, desonestidade, crenças falsas e rígidas, alcoolismo, comportamento radical, distúrbio mental entre outros desvios” (Goffman, 1980, p. 14). O Membro 02 mencionou ser chamado de "cachaceiro" e "pau d'água", o que são exemplos de estigmas de caráter associados ao alcoolismo. *"Meu Deus, o que eu mais sofria era o preconceito, é isso que me fez paralisar com a bebida, vai sofrer assim, meu irmão, é muito dolorido o alcoolismo, a gente é humilhado nos botecos, você bebe, bebe fiado e não paga..."* O Membro 04 relatou ser chamado de "pinguço, vagabundo, mentiroso", o que são estigmas de caráter que afetam sua autoestima e imagem social. *"É, de ser chamado né, de pinguço, vagabundo, mentiroso, e palavras de baixo calões."* O Membro 09 relata ter sido chamado de “noiado”, “cachaceiro”: *"E aguentei várias humilhações, tanto na bebida quanto na droga, né? Me humilhando pra comprar fiado, ganhando nome de noiado, de cachaceiro. E isso Tudo, né? Tudo quanto é coisa ruim, de humilhação, a gente passa por ela."*

Os estigmas físicos referem-se a atributos físicos que são percebidos como desviantes ou indesejáveis. Embora estejam, em geral, associados às várias deformidades físicas, referem-se também a atributos físicos que são entendidos como desviantes ou indesejáveis (Goffman, 1980). A Membro 10 descreveu que foi chamada de "fedorenta" por sua patroa devido ao cheiro de álcool, o que é um exemplo de estigma físico associado ao alcoolismo. *"Eu preferia que ela me desse um tapa na minha cara, não ia doer tanto como doeu quando ela me xingou de fedorenta. E realmente, o alcoólico ele fede, ele que não percebe."*

Os estigmas de grupo referem-se a atributos que são depreciativos devido à associação com um grupo estigmatizado, como minorias étnicas, religiosas ou sociais (Goffman, 1980). O Membro 05 relatou que não era convidado para festas ou eventos familiares devido ao seu comportamento alcoolizado, o que reflete um estigma de grupo associado aos alcoólicos. *"No final, eu vi que eu não era convidado para a festa, não era convidado para nenhum ambiente, porque eles achavam que eu ia atrapalhar o ambiente, porque eu já chegava alcoolizado."* O Membro 09 descreveu como foi estigmatizado no trabalho e pela família, sendo visto como um "vagabundo" e "safado" devido ao seu alcoolismo. *"Eu sofri preconceito dentro de casa, né?"*

Eu sofri vendo meu pai falar que eu era um vagabundo, que eu era um safado, que eu tinha me tornado um drogado, um alcoólatra..."

O estigma tem um impacto profundo na vida dos entrevistados, afetando sua autoestima, relações sociais e oportunidades. A teoria de Goffman ajuda a entender como esses estigmas são internalizados pelos indivíduos e como eles afetam suas interações sociais. Nesse contexto, Goffman destaca que:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (Goffman, 1980, p. 14).

Assim, a análise das entrevistas com base na teoria do estigma de Goffman (1980) revela como os estigmas e rótulos impostos pela sociedade afetam profundamente os indivíduos que sofrem de alcoolismo. A discrepância entre a identidade social real e virtual, as estratégias de manejo do estigma e os sentimentos de inferioridade e vergonha são aspectos centrais que emergem das narrativas dos entrevistados. Goffman revela como os estigmas de caráter, físicos e de grupo afetam profundamente os indivíduos que sofrem de alcoolismo. Esses estigmas não apenas prejudicam a autoestima e as relações sociais dos entrevistados, mas também podem servir como pontos de ruptura que os motivam a buscar ajuda.

Baseado na teoria do estigma e nos relatos dos entrevistados nos ajuda a compreender o impacto do estigma sobre as pessoas o que é crucial para desenvolver estratégias de apoio e intervenção que ajudem a reduzir o preconceito e promover a recuperação dos alcoólicos, de modo a criar um ambiente mais acolhedor e de apoio para aqueles que lutam contra o alcoolismo, promovendo sua recuperação e reintegração social. Portanto, é importante destacar que, os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos os membros derivam todos da mesma categoria, nesse contexto, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que vão os englobar em maior ou menor alcance. Goffman, destaca que “[...] entre seus iguais, o indivíduo estigmatizado pode utilizar sua desvantagem como uma base para organizar sua vida [...]” (Goffman, 1980, p. 29). “Há associações nacionais como o “Alcoólatras Anônimos” que fornecem a seus membros uma doutrina completa e quase que um estilo de vida” (Goffman, 1980, p. 31). A compreensão do impacto do estigma é crucial para desenvolver estratégias de apoio e intervenção que ajudem a reduzir o preconceito e promover a recuperação dos alcoólicos.

5.4.3 O A.A reuniões e estrutura

Para a análise da categoria o A.A, reuniões e estrutura, utilizamos as teorias do interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1980) e o modelo bidimensional de práticas informacionais de Pamela McKenzie (2003) com foco na etapa de procuração. Essas teorias nos ajudarão a entender como as interações sociais e as práticas informacionais estruturam e influenciam as reuniões dos A.A. Nesse contexto, os significados que os entrevistados atribuem ao A.A e às suas reuniões são fundamentais para compreender como eles interagem com o grupo e como essas interações influenciam suas vidas. As reuniões do A.A são vista como fundamentais para a manutenção da sobriedade. Elas seguem uma estrutura com preces, palavras francas e troca de experiências, promovendo um ambiente de apoio e compreensão mútua. A igualdade e a humildade são valores centrais nas reuniões, em que todos são tratados igualmente. As palavras francas e os testemunhos são essenciais para a recuperação, proporcionando um espaço seguro para compartilhar e aprender com as histórias dos outros membros. Nesse contexto, baseamos essa análise através da teoria do interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1980). Nesse entendimento, destacamos que o interacionismo simbólico foca nas interações sociais e nos significados que os indivíduos atribuem a essas interações.

O verdadeiro papel da sociologia seria observar de perto e com cuidado a vida dos grupos e o comportamento coletivo através da ‘ação’. Crítico das perspectivas sociológicas estruturalistas, Blumer focou sua atenção no homem do dia a dia, o que não quer dizer que ignorasse questões de poder, organização e história. Apenas acreditava que as teorias e observações da sociologia deveriam ser sobre coisas reais, do mundo (Correa, 2017, p. 183).

De acordo com Araújo (2010, p. 24) “essa corrente de estudos, o interacionismo simbólico se sustenta em três hipóteses”. A primeira hipótese ou premissa considerada por Blumer (1980), está relacionada como os indivíduos agem com base nos significados que as coisas têm para eles; a segunda premissa está baseada em como esses significados são derivados das interações sociais; e a terceira premissa refere-se como os significados são modificados através de um processo interpretativo usado pelas pessoas ao lidar com as coisas que encontram.

As ações dos indivíduos são orientadas pelos significados que atribuem às coisas, pessoas e eventos em suas vidas, sendo esses significados essenciais para compreender o comportamento humano. Nesse contexto Blumer (1980, p. 120) argumenta que, segundo o interacionismo simbólico, “os significados atribuídos pelos elementos ao homem são cruciais,

ignorar esses significados é distorcer a análise do comportamento humano”. O Membro 01 atribui um significado profundo às reuniões do AA, vendo-as como um espaço de transformação pessoal e apoio contínuo. Esse significado guia suas ações de participar regularmente das reuniões e seguir a programação do AA. *"Eu consegui fazer na programação de 20 e 24 horas sem fazer uso de bebida que contém álcool, eu cheguei a, a, eu cheguei até 44 anos sem fazer uso de bebida, já estou com 44 anos sem fazer uso de bebida, tô levando uma vida tranquila, graças a Deus, vivendo, deixar vivendo, né!"*. O Membro 06 vê as reuniões do A.A como fundamentais para manter a sobriedade e reconstruir sua vida. Esse significado atribuído às reuniões orienta suas ações de frequentar o A.A e seguir as sugestões dos companheiros. *"O programa ele é sugerido, né? Em alcoólicos anônimos ninguém manda. Todo mundo que é ingressado em alcoólicos anônimos, tudo o que é falado na cabeceira de mesa, as palavras francas, cada um vai lá e dá seu depoimento, sua experiência."*

Os entrevistados atribuem significados profundos e transformadores às reuniões do AA, vendo-as como espaços de apoio contínuo e reconstrução pessoal. Esses significados guiam suas ações de participar regularmente das reuniões e seguir a programação do AA. Por exemplo, o Membro 01 vê as reuniões como fundamentais para sua sobriedade de 44 anos, enquanto o Membro 06 considera as reuniões essenciais para manter a sobriedade e reconstruir sua vida.

Os significados que os indivíduos atribuem às coisas são formados através das interações sociais com outras pessoas. Essas interações permitem que os indivíduos aprendam e construam significados compartilhados. As interações sociais são processos dialéticos, onde os indivíduos criam os grupos e coletividades sociais dos quais fazem parte, e esses grupos, por sua vez, influenciam a conduta dos indivíduos (Correa, 2017). O Membro 02 destaca que as interações nas reuniões do A.A, especialmente as palavras francas, ajudam a construir novos significados e perspectivas sobre a vida sem álcool. As experiências compartilhadas pelos companheiros moldam sua compreensão do alcoolismo e da sobriedade.

As experiências compartilhadas pelos companheiros moldam sua compreensão do alcoolismo e da sobriedade. *"Através das palavras francas, né! Você escutando a vida pregressa dos companheiros, né! Aquela vida triste, aquele passado horroroso que nós tivemos, cada um de nós, parece que até a vida de um é a mesma do outro, e a alegria, né! De viver uma vida nova."* O Membro 07, por sua vez, descreve como as interações nas reuniões do AA o ajudaram a mudar sua visão sobre si mesmo e sobre o alcoolismo. As histórias e depoimentos dos outros membros influenciam sua percepção e motivação para manter a sobriedade. *"As reuniões de alcoólicos anônimos ajudam demais, uai, porque é pela palavra franca da gente que a gente*

cura, né, é através dos acertos das pessoas lá fora que bebiam usavam drogas, então aquilo vai entrando dentro da mente da gente e vai limpando, né, e a gente vai recuperando."

Os significados atribuídos às reuniões do AA são derivados das interações sociais que os membros têm com outros participantes. Através dessas interações, os membros compartilham suas experiências e aprendem uns com os outros, construindo significados compartilhados sobre o alcoolismo e a sobriedade. O Membro 02 menciona como as palavras francas nas reuniões ajudam a construir novos significados e perspectivas, enquanto o Membro 07 descreve como as interações nas reuniões mudaram sua visão sobre si mesmo e sobre o alcoolismo.

Os significados atribuídos às coisas não são fixos; eles são continuamente modificados através de um processo interpretativo. As pessoas ajustam e reinterpretam esses significados com base em novas experiências e interações. Carvalho, Borges e Rêgo (2010) afirmam que, para compreender o mundo, é necessário analisá-lo em termos das ações e interações de seus participantes. O Membro 05 relata que os significados atribuídos ao alcoolismo e à sobriedade mudaram ao longo do tempo através das interações nas reuniões do A.A. Inicialmente, ele via o alcoolismo como algo incontrolável, mas as reuniões o ajudaram a reinterpretar sua situação e a ver a sobriedade como uma possibilidade real. *"A minha vida mudou totalmente porque eu comecei a enxergar o mundo de frente. Comecei a levantar de manhã, já não ter aquela necessidade de procurar um boteco de manhã cedo. Isso que eu comecei a ver de manhã, eu já chegava, já almoçava, já jantava, uma coisa que eu não fazia."* Já o Membro 09 descreve como as reuniões do AA o ajudaram a reinterpretar sua identidade e a construir uma nova vida baseada na sobriedade. As interações contínuas com outros membros permitiram que ele ajustasse seus significados e visse a recuperação como um processo contínuo e possível. *"Olha, as reuniões de alcoólicos anônimos me ajudam a manter a sobriedade porque eu vejo testemunho de outras pessoas que têm o mesmo problema que o meu, falando de suas experiências. É, são experiências na área profissional, familiar, emocional, personalidade. Eu vejo mudanças nessas pessoas que eu não vejo em nenhum outro lugar."*

Os significados atribuídos ao alcoolismo e à sobriedade não são fixos; eles são modificados através de um processo interpretativo contínuo. As interações contínuas nas reuniões do A.A permitem que os membros ajustem e reinterpretem seus significados com base em novas experiências e interações. O objetivo do emprego dessa abordagem é esclarecer os significados que os próprios sujeitos põem em prática para construir seu mundo social (Carvalho; Borges e Rêgo, 2010). O Membro 05 menciona como sua visão sobre o alcoolismo

e a sobriedade mudou ao longo do tempo, enquanto o Membro 09 descreve como as reuniões ajudaram a reinterpretar sua identidade e a construir uma nova vida baseada na sobriedade.

Os Alcoólicos Anônimos desempenham um papel fundamental na recuperação dos entrevistados, oferecendo um ambiente seguro e acolhedor para a troca de experiências e apoio mútuo. A estrutura das reuniões e a abordagem participativa do A.A são essenciais para a construção de sentido e a transformação pessoal dos membros. A análise das entrevistas com base nas três premissas principais do interacionismo simbólico Blumer (1980) revela como os significados atribuídos às reuniões do A.A são construídos e modificados através das interações sociais. Os entrevistados atribuem significados profundos e transformadores às reuniões do A.A, vendo-as como espaços de apoio contínuo e reconstrução pessoal. Esses significados são derivados das interações sociais nas reuniões, em que os membros compartilham suas experiências e aprendem uns com os outros. O processo interpretativo contínuo permite que os significados atribuídos ao alcoolismo e à sobriedade sejam modificados ao longo do tempo, ajudando os membros a construírem novas identidades e perspectivas de vida. A compreensão desse processo é essencial para apoiar e promover a recuperação dos alcoólicos, criando um ambiente mais acolhedor e de apoio.

Seguindo a análise da categoria o A.A, reuniões e estrutura, utilizamos também para a análise dessa categoria o modelo bidimensional de McKenzie (2003), com o foco na etapa de procuração. Nesse entendimento, destacamos que a procuração, envolve a obtenção de informações através de intermediários, onde a interação com as fontes de informação acontece por meio de outra pessoa. Essa etapa está condicionada por intermédio de outros sujeitos. Nessa etapa os intermediários desempenharam um papel crucial na conexão dos entrevistados com o A.A, facilitando sua participação e ajudando-os a se sentirem acolhidos e apoiados. Conforme McKenzie (2003 *apud* Araújo, 2015, p. 13) propõe que “o termo práticas informacionais seria mais adequado do que comportamento informacional justamente para dar conta da dimensão não-diretiva, isto é, espontânea, casual, das ações das pessoas em relação à informação”.

Nesse contexto, compreendemos que “as práticas informacionais são utilizadas em referência a todos os elementos presentes em relatos de como a informação pode ser encontrada através da iniciativa ou interação entre os agentes”. Ela engloba tanto a busca, como o encontro acidental com a informação (McKenzie, 2003 *apud* Carvalho; Nunes, 2021, p. 187).

Nas pesquisas de práticas informacionais é imprescindível que o sujeito seja entendido como um ser humano localizado num tempo e espaço histórico, responsável pela construção tanto de si quanto da sociedade, em uma dupla direção de dentro e fora, micro e macro, subjetivo e objetivo (Tanus; Berti; Rocha, 2022, p. 162).

A procuração no contexto do A.A menciona à maneira como os entrevistados obtiveram informações sobre o A.A e suas reuniões através de intermediários. Esses intermediários desempenharam um papel crucial ao fornecer informações e suporte necessários para que os entrevistados encontrassem e participassem das reuniões do AA. A etapa de procuração acontece quando a interação com as fontes de informação é mediada por um intermediário. Os entrevistados descrevem ter feito contato ou interagido com fontes de informações através de iniciativas de outros sujeitos, ou da própria fonte ou através de um intermediário (McKenzie, 2003). Na etapa de conexão, a fonte é identificada e o contato é estabelecido. Na etapa de interação, o sujeito informacional interage com a fonte escolhida através do intermediário. O Membro 01 diz que conheceu o A.A por um amigo que já fazia parte do grupo, caracterizando uma busca por procuração. O amigo atuou como intermediário, conectando-o ao AA e facilitando sua interação com o grupo. *"Eu conheci o AA através de um amigo. Eu estava num boteco, que eu costumava beber, pedi uma cachaça, uma cerveja e antes eu ainda pedia a Deus, oh Deus me tire essa bebida... Ele falou, não, se você quiser parar eu te levo aonde que eu fui."* De maneira similar, o Membro 02 relata que foi abordado por um amigo que havia parado de beber e o convidou para uma reunião do AA. O amigo atuou como intermediário, ajudando-o a estabelecer a conexão com o AA e a interagir com o grupo. *"Ele me faz uma pergunta, se eu te levar pra um lugar que para de beber, você vai? Eu falei, vou, pode ser até Centro de Macumba, desse jeito eu falei pra ele..."* A Membro 10, por sua vez, foi incentivada a ir ao AA por seu marido, que já conhecia a irmandade. O marido atuou como intermediário, facilitando sua conexão e interação com o AA. *"Foi que aí, além desse companheiro, teve o meu esposo, que nós já estávamos separados, ele vinha na minha casa todo dia, porque ele já conhecia a Irmandade."*

Os intermediários, como amigos e familiares, desempenharam um papel crucial na conexão dos entrevistados com o A.A. Eles identificaram o A.A como uma fonte de apoio e estabeleceram o contato inicial, apresentando o grupo como uma solução potencial para os problemas de alcoolismo enfrentados pelos entrevistados. Além disso, os intermediários facilitaram a interação dos entrevistados com o A.A, acompanhando-os nas primeiras reuniões e ajudando-os a se familiarizar com a estrutura e a dinâmica do grupo. Assim, essa dualidade entre as dimensões individual e coletiva é um dos traços constituintes das práticas informacionais. De tal modo, percebe-se a interação como elemento chave para a concepção de práticas informacionais (Rocha; Gandra, 2018). Essa interação mediada foi crucial para que os entrevistados se sentissem acolhidos e apoiados no A.A.

Nesse contexto, a procuração desempenhou um papel fundamental na integração dos entrevistados ao A.A. A presença de intermediários confiáveis ajudou a reduzir a ansiedade e o medo do desconhecido, facilitando a transição para o ambiente do A.A. Os intermediários atuaram como pontes, conectando os entrevistados a uma rede de apoio que foi essencial para sua recuperação. Os entrevistados acessassem informações e suporte de maneira mais eficiente e eficaz. Ao confiar em intermediários, eles puderam superar barreiras iniciais, como a falta de conhecimento sobre o AA ou o medo de participar de um grupo desconhecido.

Os intermediários também forneceram um suporte contínuo, ajudando os entrevistados a se manterem engajados e motivados ao longo do tempo. O Membro 01 relata que a presença do amigo como intermediário foi crucial para sua decisão de participar do AA e seguir a programação do grupo. *"Eu acompanhei esse amigo meu, dia 08/10/79, e eu consegui fazer na programação de 20 e 24 horas sem fazer uso de bebida que contém álcool..."*. O Membro 02 foi abordado por um amigo que havia parado de beber e o convidou para uma reunião do AA, o que foi fundamental para sua aceitação e participação nas reuniões. *"Ele me faz uma pergunta, se eu te levar pra um lugar que para de beber, você vai? Eu falei, vou, pode ser até Centro de Macumba, desse jeito eu falei pra ele..."* O apoio do amigo intermediário foi fundamental para sua aceitação e participação nas reuniões do AA. *"A partir do momento que eu conheci o Alcoólicos Anônimo as portas se abriram, a felicidade começou a reinar no meu coração..."* A Membro 10 foi incentivada a ir ao A.A por seu marido, que já conhecia a irmandade, o que foi essencial para sua decisão de buscar ajuda e mudar sua vida. *"Foi que aí, além desse companheiro, teve o meu esposo, que nós já estávamos separados, ele vinha na minha casa todo dia, porque ele já conhecia a Irmandade."* Para a Membro 10 o incentivo do marido intermediário foi essencial para sua decisão de buscar ajuda no A.A e mudar sua vida. *"Hoje, graças a Deus, eu agradeço a Deus por esses dois companheiros que teve coragem de usar essa palavra dos antigos para mim. Hoje eu sou feliz..."*

Nesse contexto, a análise das entrevistas com base na teoria do modelo bidimensional de McKenzie (2003) destaca a importância da etapa de procuração na integração dos entrevistados ao A.A. Essa análise entra em acordo com o objetivo deste estudo, uma vez que esse projeto justamente não envolve um processo de busca de informações, de preenchimento de uma lacuna, mas justamente visa analisar o processo de troca de informação e compartilhamento entre os membros do grupo de A.A, uma vez que a autora usa o termo de uma das etapas de seu modelo procuração, que se refere a ocasiões em que os participantes descrevem ter feito contato ou interagido com fontes de informações através de iniciativas de outros sujeitos, ou da própria fonte ou através de um intermediário (McKenzie, 2003).

Os intermediários desempenharam um papel crucial na conexão e interação dos entrevistados com o A.A, facilitando sua participação e ajudando-os a se sentirem acolhidos e apoiados. A procuração foi essencial para a construção de uma rede de apoio que contribuiu significativamente para a recuperação dos entrevistados. Os Alcoólicos Anônimos desempenharam um papel fundamental na recuperação dos entrevistados. Mostrando a importância do apoio social na busca por tratamento e recuperação do alcoolismo.

Dessa forma, a análise da categoria o A.A, reuniões e estrutura com base na teoria do interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1980) e do modelo bidimensional de práticas informacionais de Pamela McKenzie (2003), com foco na etapa de procuração, revela a importância das interações sociais e das práticas informacionais nas reuniões dos A.A. As reuniões são espaços onde os significados são construídos e modificados através das interações sociais, proporcionando um ambiente de apoio contínuo e transformação pessoal. A etapa de procuração destaca o papel crucial dos intermediários na conexão dos indivíduos com o A.A, facilitando sua integração e participação nas reuniões. Essas teorias fornecem uma estrutura valiosa para compreender como as interações sociais e as práticas informacionais estruturam e influenciam as reuniões dos A.A, promovendo a recuperação e a manutenção da sobriedade dos seus membros.

5.4.4 A visão de sociedade e da cultura

Para análise da categoria a visão de sociedade e da cultura, utilizamos o conceito de cultura de Clifford Geertz (2008). Geertz foi um dos principais antropólogos do século XX e sua obra "A Interpretação das Culturas" é fundamental para entender como a cultura influencia a percepção e o comportamento dos indivíduos. Nesse contexto, Geertz propõe uma abordagem interpretativa da cultura, onde a cultura é vista como um sistema de significados compartilhados que são expressos através de símbolos. Ele enfatiza a importância da descrição densa para entender o contexto cultural e os significados atribuídos pelos indivíduos às suas ações e interações (Geertz, 2008). Em sua obra A Interpretação das Culturas (1973), ele enfatiza a importância de compreender os significados que as pessoas atribuem às suas ações e interações. O conceito de cultura para Geertz (2008) pode ser entendido como teias de significado que o homem mesmo teceu, “[...] O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise [...]” (Geertz, 2008, p. 4). Portanto, Geertz (2008) propõe que a cultura é um sistema de significados compartilhados, expressos através de símbolos. Além disso, Geertz introduz o conceito de descrição densa, que envolve a análise detalhada dos contextos culturais para entender os significados subjacentes

às práticas sociais (Geertz, 2008).

[...] Trata-se do que ele denomina “descrição densa”, isto é, um tipo de análise da ação humana que inclui o estudo do comportamento e dos significados que as pessoas atribuem ao seu próprio comportamento [...] (Quintaneiro *et al*, 1996, p. 107 *apud* Araújo, 2010, p. 28).

A descrição densa é uma metodologia proposta por Geertz (2008) para captar os significados profundos e contextuais das ações e interações humanas. Ela envolve uma análise detalhada dos símbolos e significados culturais que orientam o comportamento dos indivíduos. Nesse entendimento, “a descrição densa foi o método de observação criado por Geertz (1978), para proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada” (Talamoni, 2014, p. 54). Além disso, a descrição densa é uma metodologia para captar os significados profundos e contextuais das ações e interações humanas. O que as entrevistas apontaram foi que na visão dos entrevistados, a sociedade tem uma visão geralmente positiva do A.A, reconhecendo seu papel social na recuperação de alcoólicos. No entanto, ainda há estigma associado ao alcoolismo, o que dificulta a aceitação social dos alcoólicos. Os significados culturais negativos associados ao alcoolismo afetam profundamente os indivíduos que sofrem dessa condição. Termos pejorativos e estigmatizantes são símbolos culturais que influenciam a percepção e o tratamento dos alcoólicos pela sociedade. O alcoolismo é visto como uma doença que afeta não apenas o indivíduo, mas também suas relações familiares e sociais. Nesse contexto, os entrevistados descreveram como o alcoolismo levou à ruína de suas famílias e ao sofrimento de seus entes queridos.

A sociedade tem uma visão geralmente positiva dos A.A, reconhecendo seu papel social na recuperação de alcoólicos. No entanto, ainda há estigma associado ao alcoolismo, o que dificulta a aceitação social dos alcoólicos. O Membro 08 menciona que, antigamente, o AA era mais anônimo e menos conhecido, mas hoje é mais divulgado e bem-visto pela sociedade: *"Hoje o alcoólico anônimo na sociedade ele é bem-visto. Antigamente era muito anonimato, antigamente não se falava em AA. A gente chegava, era de porta fechada, chegava caladinho, escondidinho, né? Realmente, porque muitos falavam que a nossa recuperação, era o anonimato era o alicerce da nossa recuperação. Hoje não, hoje já é mais divulgado, né, pela televisão, rádio, tudo hoje comenta muito."*

Os significados culturais negativos associados ao alcoolismo afetam profundamente os indivíduos que sofrem dessa condição. Termos pejorativos e estigmatizantes são símbolos culturais que influenciam a percepção e o tratamento dos alcoólicos pela sociedade. O Membro

09 descreve como a visão da sociedade sobre os alcoólicos é negativa, mas também menciona que a participação no AA ajudou a mudar essa percepção: *"Olha, eu como alcoólico, eu apenas imagino qual que seja a visão. Porque eu acho que a sociedade vê a gente como um bando de vagabundo. Essa é a expressão que eu consigo interpretar, que eu acho que a sociedade vê sobre os alcoólicos e os dependentes químicos."*

O Membro 09 descreve como a sociedade vê os alcoólicos como "vagabundos" e "safados", refletindo os significados culturais negativos associados ao alcoolismo. Essa visão estigmatizante é um símbolo cultural que influencia a percepção e o tratamento dos alcoólicos pela sociedade. *"Eu sofri preconceito dentro de casa, né? Eu sofri vendo meu pai falar que eu era um vagabundo, que eu era um safado, que eu tinha me tornado um drogado, um alcoólatra..."*. De maneira similar, o Membro 05 menciona que não era convidado para festas ou eventos familiares devido ao seu comportamento alcoolizado, o que reflete os significados culturais de exclusão e marginalização associados ao alcoolismo. *"No final, eu vi que eu não era convidado para a festa, não era convidado para nenhum ambiente, porque eles achavam que eu ia atrapalhar o ambiente, porque eu já chegava alcoolizado."*. A descrição densa nos permite captar os significados profundos e contextuais das ações e interações dos indivíduos. Os entrevistados descreveram como a sociedade vê os alcoólicos de maneira negativa, usando rótulos como "vagabundos" e "safados". Esses significados culturais negativos são símbolos que influenciam a percepção e o tratamento dos alcoólicos pela sociedade, resultando em exclusão e marginalização.

De acordo com Geertz a cultura pode ser entendida como um sistema de significados compartilhados que são expressos através de símbolos. Nesse entendimento, Geertz (2008), descreve que a cultura passa a ser visto como um conjunto de significados transmitidos historicamente, ou seja, incorporados através de símbolos que se materializa em comportamentos. Portanto, esses significados orientam o comportamento dos indivíduos e são construídos e mantidos através das interações sociais. Os entrevistados mencionaram como o preconceito e a humilhação que sofreram são parte dos significados culturais negativos associados ao alcoolismo. Esses significados são expressos através de rótulos e estigmas que afetam a autoestima e a identidade dos alcoólicos. Portanto, com base no conceito de cultura mencionado por Geertz (2008) consideramos a cultura como um sistema de significados compartilhados que são expressos através de símbolos. Esses significados orientam o comportamento dos indivíduos e são construídos e mantidos através das interações sociais.

Os significados culturais têm um impacto profundo na identidade dos indivíduos. Eles moldam a forma como os indivíduos se veem e são vistos pela sociedade, influenciando suas

ações e interações. De acordo com Geertz (2008) observamos a importância de considerar o contexto cultural ao interpretar as ações e significados. No caso dos entrevistados, isso envolve entender como o contexto cultural mais amplo influencia a visão da sociedade sobre o A.A e o alcoolismo. Para o Membro 02 a humilhação e os rótulos negativos que ele sofreu contribuíram para sua percepção de si mesmo como inferior, o que o motivou a buscar ajuda e mudar sua vida. *"Eu percebi que eu precisava de ajuda, já era quando eu estava sendo muito humilhado, né! Pelo, pelo povo, né cara! vê a gente, coloca apelido, você já fica sem dinheiro, a sua autoestima baixa..."*. Para a Membro 10 o fato de ter sido chamada de "fedorenta" foi um ponto de ruptura que a motivou a buscar ajuda no AA, mostrando como os significados culturais negativos podem levar à busca de mudança. *"Foi que no dia 20 eu cheguei do serviço, joguei minha bolsa e vim até sem tomar banho. Já que ela me chamou de fedorenta, vim até sem tomar banho."*

Os significados culturais têm um impacto profundo na identidade dos indivíduos. Dessa forma, "a cultura é uma realidade com força e propósitos em si mesma. Ela incide em um padrão bruto de acontecimentos comportamentais" (Jesus; Souza, 2012, p. 3). Eles moldam a forma como os indivíduos se veem e são vistos pela sociedade, influenciando suas ações e interações. A humilhação e os rótulos negativos que os entrevistados sofreram contribuíram para sua percepção de si mesmos como inferiores, o que os motivou a buscar ajuda e mudar suas vidas.

Ainda no entendimento de Geertz (2008) a interpretação dos significados culturais requer uma compreensão profunda do contexto em que esses significados são construídos e expressos. Isso envolve uma análise detalhada das práticas, rituais e interações sociais que dão forma a esses significados. No contexto dos entrevistados, as narrativas pessoais sobre suas experiências com o A.A e o alcoolismo fornecem *insights* valiosos sobre os significados culturais. O Membro 08 menciona que, antigamente, o AA era mais anônimo e menos conhecido, mas hoje é mais divulgado e bem-visto pela sociedade. Isso reflete uma mudança nos significados culturais associados ao AA e ao alcoolismo. *"Hoje o alcoólico anônimo na sociedade ele é bem-visto. Antigamente era muito anonimato, antigamente não se falava em AA. A gente chegava, era de porta fechada, chegava caladinho, escondidinho, né? Realmente, porque muitos falavam que a nossa recuperação, era o anonimato era o alicerce da nossa recuperação. Hoje não, hoje já é mais divulgado, né, pela televisão, rádio, tudo hoje comenta muito."* O Membro 09 descreve como a visão da sociedade sobre os alcoólicos é negativa, mas também menciona que a participação no AA ajudou a mudar essa percepção, mostrando a importância das interações sociais na construção e modificação dos significados culturais. *"Olha, eu como alcoólico, eu apenas imagino qual que seja a visão. Porque eu acho que a*

sociedade vê a gente como um bando de vagabundo. Essa é a expressão que eu consigo interpretar, que eu acho que a sociedade vê sobre os alcoólicos e os dependentes químicos. São pessoas que foram fracas, foram pessoas que realmente passaram uma fase da vida desperdiçando seu tempo. Eu acho que a sociedade em geral deveria ter uma compreensão melhor dos grupos de alcoólicos anônimos e eu acredito que essa concepção poderia ser mudada." As entrevistas revelam que, embora a visão da sociedade sobre os alcoólicos seja geralmente negativa, a participação no A.A ajudou a mudar essa percepção, mostrando a importância das interações sociais na construção e modificação dos significados culturais.

A análise das entrevistas revela como os significados culturais negativos associados ao alcoolismo afetam profundamente os indivíduos que sofrem dessa condição. A descrição densa de Geertz (2008) nos permite entender os contextos culturais e os significados atribuídos pelos indivíduos às suas ações e interações. Esses significados culturais negativos expressos através de símbolos como rótulos e estigmas, influenciam a percepção e o tratamento dos alcoólicos pela sociedade, afetando sua autoestima e identidade. No entanto, a participação no AA ajudou a mudar essa percepção, mostrando a importância das interações sociais na construção e modificação dos significados culturais. A compreensão desses significados culturais é crucial para desenvolver estratégias de apoio e intervenção que ajudem a reduzir o preconceito e promover a recuperação dos alcoólicos. De acordo com Jesus e Souza (2012, p. 7) "a cultura resulta em um panorama de aprendizagem, pois o homem é sujeito a aprender", logo, essa aprendizagem constitui uma construção do ser humano como um ser pensável, capaz de formular ideias através da compreensão de significados. Portanto, essa compreensão desses significados culturais é crucial para desenvolver estratégias de apoio e intervenção que ajudem a reduzir o preconceito e promover a recuperação dos alcoólicos.

5.4.5 Análise geral das categorias

A análise das quatro categorias revela a complexidade do alcoolismo e a importância das interações sociais e culturais na recuperação dos alcoólicos. A categoria, a doença, percepção e tratamento, aborda como os membros dos Alcoólicos Anônimos A.A percebem o alcoolismo, reconhecem a necessidade de ajuda e buscam tratamento. Utilizando as teorias do modelo bidimensional de Pamela McKenzie (2003) e do *sense-making* de Brenda Dervin (1983), foi possível compreender que os entrevistados reconhecem o alcoolismo como uma doença progressiva e incurável, que afeta tanto o corpo quanto a mente. A percepção da necessidade de ajuda geralmente ocorre após experiências de humilhação, perda de controle

sobre a vida e problemas de saúde. Muitos não buscaram tratamento formal antes de conhecer o A.A, recorrendo apenas a orações ou conselhos de amigos. O ingresso no A.A foi um ponto de virada significativo, proporcionando um caminho para a recuperação e a manutenção da sobriedade. A categoria, o estigma e o preconceito, O alcoolismo é um tema envolvido de estigma, preconceito e moralização social. Utilizando a teoria do estigma de Erving Goffman (1980), foi possível analisar como os entrevistados enfrentaram diversos tipos de preconceito e estigma, tanto em ambientes sociais quanto familiares. Foram frequentemente chamados de "cachaceiros", "vagabundos" e outros termos pejorativos, afetando profundamente sua autoestima. O A.A oferece um ambiente de aceitação e apoio, ajudando seus membros a superar o estigma associado ao alcoolismo. A discrepância entre a identidade social real e virtual, as estratégias de manejo do estigma e os sentimentos de inferioridade e vergonha são aspectos centrais que emergem das narrativas dos entrevistados. A categoria, o A.A, reuniões e estrutura, as reuniões do A.A são vista como fundamentais para a manutenção da sobriedade. Utilizando as teorias do interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1980) e o modelo bidimensional de práticas informacionais de Pamela McKenzie (2003), foi possível compreender que as reuniões seguem uma estrutura com preces, palavras francas e troca de experiências, promovendo um ambiente de apoio e compreensão mútua. A igualdade e a humildade são valores centrais nas reuniões, em que todos são tratados igualmente. As palavras francas e os testemunhos são essenciais para a recuperação, proporcionando um espaço seguro para compartilhar e aprender com as histórias dos outros membros. Os intermediários desempenharam um papel crucial na conexão dos entrevistados com o A.A, facilitando sua participação e ajudando-os a se sentirem acolhidos e apoiados. A categoria, a visão de sociedade e da cultura, utilizando o conceito de cultura de Clifford Geertz (2008), foi possível analisar como a sociedade tem uma visão geralmente positiva do A.A, reconhecendo seu papel social na recuperação de alcoólicos. No entanto, ainda há estigma associado ao alcoolismo, o que dificulta a aceitação social dos alcoólicos. Os significados culturais negativos associados ao alcoolismo afetam profundamente os indivíduos que sofrem dessa condição. Termos pejorativos e estigmatizantes são símbolos culturais que influenciam a percepção e o tratamento dos alcoólicos pela sociedade. O alcoolismo é visto como uma doença que afeta não apenas o indivíduo, mas também suas relações familiares e sociais. A participação no A.A ajudou a mudar essa percepção, mostrando a importância das interações sociais na construção e modificação dos significados culturais.

Nesse entendimento, a percepção do alcoolismo como uma doença leva os membros dos Alcoólicos Anônimos A.A a buscar ajuda após experiências de humilhação e perda de controle. O estigma e o preconceito associados ao alcoolismo afetam profundamente a autoestima dos

indivíduos, mas o A.A oferece um ambiente de aceitação e apoio. As reuniões do A.A, estruturadas com preces, palavras francas e troca de experiências, são fundamentais para a manutenção da sobriedade, proporcionando um espaço seguro para a construção de novos significados e transformação pessoal. A visão da sociedade sobre o A.A é geralmente positiva, reconhecendo seu papel na recuperação de alcoólicos, embora ainda haja estigma associado ao alcoolismo. Geertz (2008) destaca como os significados culturais negativos influenciam a percepção e o tratamento dos alcoólicos, enquanto a participação no A.A ajuda a modificar esses significados, promovendo a recuperação e a reintegração social.

Nesse contexto, a análise das categorias revela a complexidade e a profundidade das experiências dos membros dos Alcoólicos Anônimos. As práticas informacionais, as interações sociais e os significados culturais desempenham papéis fundamentais na recuperação dos alcoólicos. O A.A oferece um ambiente de apoio e acolhimento, onde os membros podem compartilhar suas experiências sem julgamento, superar o estigma associado ao alcoolismo e ressignificar suas vidas. Estudos futuros poderão aprofundar e expandir esses conhecimentos, contribuindo para a melhoria das estratégias de apoio e intervenção para indivíduos que lutam contra o alcoolismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, tecemos algumas considerações que julgamos importante destacar e como forma de síntese. Iniciamos com a caracterização do grupo pesquisado. O presente estudo investigou as práticas informacionais no grupo de Alcoólicos Anônimos (A.A) Glória Feliz, localizado no bairro Pindorama em Belo Horizonte. A pesquisa teve como objetivo compreender como essas práticas contribuem para a obtenção e manutenção da sobriedade dos membros. Utilizando uma abordagem qualitativa descritiva, com orientação etnográfica, foram realizadas observações participantes e entrevistas semiestruturadas com membros do grupo. A análise de conteúdo, foi o método empregado que permitiu sistematizar e interpretar os dados coletados, revelando a importância das interações sociais e da troca de informações nas reuniões do A.A.

Durante a realização da pesquisa, algumas dificuldades foram enfrentadas. A resistência inicial dos membros em participar das entrevistas foi um desafio, devido ao estigma associado ao alcoolismo e ao receio de exposição. Além disso, as limitações de tempo para a coleta de dados restringiram a quantidade de informações obtidas. A observação participante exigiu um envolvimento profundo com o grupo, demandando tempo e esforço para ganhar a confiança dos membros e compreender as dinâmicas internas. A análise de conteúdo também foi um processo complexo e demorado, exigindo uma sistematização detalhada dos dados. Apesar dessas dificuldades, o estudo alcançou resultados significativos. Foi possível identificar e analisar as práticas informacionais utilizadas pelos membros do A.A, destacando a importância dos testemunhos e da palavra franca nas reuniões. As reuniões do A.A foram reconhecidas como fundamentais para a recuperação dos membros, proporcionando um ambiente de apoio e acolhimento. O grupo de A.A atua como um antídoto ao preconceito e ao estigma associados ao alcoolismo, permitindo que os membros ressignifiquem suas vidas e reconstruam suas identidades. O estudo contribuiu para a área de Ciência da Informação, oferecendo *insights* sobre as práticas informacionais em grupos de ajuda mútua.

As práticas informacionais nos A.A são centrais para a recuperação dos seus membros. A troca de informações, testemunhos e experiências cria um ambiente onde os indivíduos podem aprender uns com os outros e encontrar apoio emocional e psicológico. Essas práticas permitem que os membros compartilhem suas histórias de vida, suas lutas e suas vitórias, criando uma rede de apoio que é essencial para a manutenção da sobriedade. A pesquisa demonstra que essas interações são vitais para a construção de novas identidades e para a ressignificação das experiências de vida dos membros. Os entrevistados relataram experiências

de discriminação e humilhação que afetaram profundamente sua autoestima e dignidade. Nesse sentido, os A.A oferecem um espaço seguro onde esses indivíduos podem ser aceitos e compreendidos, sem julgamento. Este ambiente de aceitação é crucial para que os membros possam reconstruir suas vidas e superar o estigma social. A pesquisa destaca que a superação do estigma é um processo contínuo, facilitado pelas práticas informacionais e pelo apoio mútuo dentro dos A.A.

Os A.A têm um impacto positivo significativo na vida de seus membros. O estudo revela que a adesão aos A.A não apenas ajuda os indivíduos a alcançar a sobriedade, mas também promove uma transformação completa em suas vidas. Os membros relatam melhorias em suas relações familiares, em sua autoestima e em sua capacidade de lidar com os desafios da vida. A pesquisa destaca que a sobriedade alcançada através dos A.A é um estado contínuo de crescimento e ressignificação, onde os indivíduos podem reconstruir suas vidas com base em novos valores e perspectivas. Assim, os grupos de A.A desempenham um papel crucial na sociedade, oferecendo uma rede de apoio vital para aqueles que lutam contra o alcoolismo. O estudo reforça a importância de continuar promovendo e apoiando essas práticas informacionais, não apenas para o bem-estar dos indivíduos, mas também para a saúde pública em geral. Os A.A contribuem para a redução dos problemas sociais e econômicos associados ao alcoolismo, promovendo a reabilitação e a ressocialização dos seus membros.

Dada a relevância do tema, para aprofundar a compreensão das práticas informacionais no contexto dos Alcoólicos Anônimos, para se ampliar o presente estudo, pode-se ainda realizar pesquisas de longo prazo para acompanhar a evolução das práticas informacionais e o impacto das reuniões na vida dos membros ao longo do tempo. Comparar as práticas informacionais de diferentes grupos de A.A em diversas regiões para identificar variações e fatores contextuais e sociais que influenciam a recuperação. Investigar como as reuniões virtuais, especialmente após a pandemia de COVID-19, influenciam as práticas informacionais e a recuperação dos membros. Expandir a pesquisa para outros grupos de ajuda mútua, para comparar as práticas informacionais e identificar padrões comuns. Analisar como as políticas públicas e iniciativas da sociedade civil influenciam as práticas informacionais e a eficácia dos grupos de A.A.

Consideramos que este estudo representa um passo importante na compreensão das práticas informacionais em grupos de ajuda mútua, destacando a importância das interações sociais e da troca de informações na recuperação dos alcoólicos. Estudos futuros poderão aprofundar e expandir esses conhecimentos, contribuindo para a melhoria das estratégias de apoio e intervenção para indivíduos que lutam contra o alcoolismo. Apesar da relevância das práticas informacionais no grupo de A.A Glória Feliz, observou-se uma limitação quanto ao uso

e à mediação de informações escritas e orais. Alguns membros demonstraram dificuldades na leitura e interpretação de textos, como as reflexões diárias e as atas das reuniões. Isso evidencia a necessidade de práticas complementares que promovam a inclusão informacional, como rodas de leitura mediada, uso de recursos audiovisuais e apoio à alfabetização funcional. A introdução dessas práticas pode ampliar o acesso à informação, fortalecer a autonomia dos participantes e enriquecer o processo de ressignificação individual e coletiva no enfrentamento do alcoolismo.

Em conclusão, a pesquisa sobre as práticas informacionais nos A.A oferece percepções valiosas sobre como essas práticas são essenciais para a recuperação dos alcoólicos. Através de um ambiente de apoio mútuo, aceitação e compreensão, os A.A proporcionam aos seus membros as ferramentas necessárias para alcançar e manter a sobriedade. A pesquisa destaca a importância de continuar promovendo essas práticas informacionais, reconhecendo o papel vital dos A.A na reabilitação e ressocialização dos indivíduos que lutam contra o alcoolismo. Através dessas práticas, os A.A não apenas ajudam os indivíduos a superar o alcoolismo, mas também promovem uma transformação completa em suas vidas, contribuindo para uma sociedade mais saudável e solidária.

REFERÊNCIAS

- ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL. **O início e crescimento de AA**. São Paulo: JUNAAB, 2024. Disponível em: <https://www.aa.org.br/inicio-e-crescimento>. Acesso em: 04 fev. 2024.
- ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL. **Quem somos nós? Inventário de AA no Brasil**. São Paulo: JUNAAB. Disponível em: <https://www.aa.org.br/inventario-de-a-a-no-brasil-quem-somos>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3856/3403>. Acesso em: 24 fev. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como uma ciência social. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/DZcZXSqTbWHpF6fhRm8b9fP/>. Acesso em: 22 out. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Dos estudos de usuários da informação aos estudos em práticas informacionais e cultura: uma trajetória de pesquisa. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. esp., p. 121-136, maio 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/39786>. Acesso em: 22 out. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, v. 1, n. 1, p. 61-78, jan./jun. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24414/1/2016_art_caaraujo.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila (org.). **Estudos em práticas informacionais e cultura**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora Ltda; PPGCI/UFMG, 2021. (Selo Nyota)
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018. Disponível em: <https://teste.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/2024/03/O-QUE-E-CIENCIA-DA-INFORMACAO.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “Práticas Informacionais”? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 22 out. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896/7372>. Acesso em: 22 out. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; DUMONT, Lígia Maria Moreira. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. especial, p. 85-101, jan./mar. 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/65350/2/As%20perspectivas%20de%20estudos%20sobre%20os%20sujeitos%20no%20PPGCI_UFMG.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; PEREIRA, Gisele Alves; FERNANDES, Janaína Rozário. A contribuição de B. Dervin para a Ciência da Informação no Brasil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 57-72, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14n28p57/19554>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ARGIMON, Irani I. de Lima *et al.* A intensidade da depressão e a internação de alcoolistas. **Aletheia**, Canoas, n. 40, p. 102-110, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n40/n40a09.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRAGA, Felipe Alves de Lima; COSTA, Maria de Fátima Oliveira; NUNES, Jefferson Veras. Contribuições dos estudos de usuário para a mediação da informação: um olhar sobre os modelos teóricos de Dervin, Savolainen e Wilson. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 287-313, set./dez. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29267>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde e Confederação Nacional dos Transportes. **Alcoolismo**. Brasília: Ministério da Saúde, jul. 2004. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/alcoolismo/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/AIDS. **A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_atencao_alcool_drogas.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/h6HP4rNKxTby9VZzgzp8qGQ/>. Acesso em: 22 out. 2022.

BERTI, Ileamar Christina Lansoni Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31462/22020>. Acesso em: 25 maio 2023.

BERTI, Ileamar Christina Lansoni Wey. Estudos de usuários e a formação do conhecimento na perspectiva das práticas informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 277-291, jul. 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/90682/249591>. Acesso em: 15 fev. 2025.

BISPO, Marcelo de Souza; GODOY, Arilda Schmidt. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 5, p. 684-704, set./out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/k4zcbhnnTz45BWfcbYX875d/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. *In*: MORTENSEN, C. D. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980.

CAMPOS, Edemilson Antunes de; CAVALIERI, Francine Even de Sousa. Significados do alcoolismo em uma reunião feminina de Alcoólicos Anônimos na cidade de São Paulo, SP, Brasil. **Interface (Botucatu)**, v. 26, out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/5Hk7CtwVmTTywLWmF34QNJD/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. “**Nosso remédio é a palavra**”: *uma etnografia sobre o modelo terapêutico de Alcoólicos Anônimos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Alcoolismo: doença e significado em Alcoólicos Anônimos. **Etnográfica [Online]**, v. 13, n. 1, p. 103-124, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3723/372339158006.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

CARIAS, Antonio Richard; GRANATO, Tania Mara Marques. O sofrimento emocional de filhos de alcoolistas: uma compreensão psicanalítica Winnicottiana. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe 3, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NkcvJ97kSW8NH8RT7rgSQKt/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CARNEIRO, Henrique. **Bebida, Abstinência e Temperança**: na história antiga e moderna. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; RÊGO, Denise Pereira do. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 1, p. 146–161, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZgdyzXSsWdB5Rb3S5P98yPf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 22 out. 2021.

CAVALCANTI, Daniele Belmont de Farias. **Usuários da informação**: modelos de estudos sobre o comportamento de busca e uso da informação. 2008. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

CENTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE E ÁLCOOL (CISA). **O que é alcoolismo**. 20 jan. 2014. Disponível em: <https://cisa.org.br/sua-saude/informativos/artigo/item/61-o-que-e-alcoolismo>. Acesso em: 03 de fev. 2024.

CHOO, Chun Wei. Como ficamos sabendo - um modelo de uso da informação. *In*: CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Tradução: Eliana Rocha. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003. cap. 2. p. 63-120.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Cadernos de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. 11, p. 37-45, jan./mar. 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/00113360>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CORDEIRO, Eliana Lessa *et al.* Tentativa de suicídio e fatores associados ao padrão uso e abuso do álcool. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** Ribeirão Preto, v. 16, n. 1, p. 01-10, jan./fev. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/157007>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CORDEIRO, Ketlen Patrycia Alves *et al.* Alcoolismo: impactos na vida familiar. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 84-91, mar. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/168374>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CORREA, Amélia Siegel. Interacionismo simbólico: raízes, críticas e perspectivas atuais. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**, v. 9, n. 17, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10661>. Acesso em: 14 fevereiro 2025.

COSTA, Luciana Ferreira da; SILVA, Alan Cursino Pedreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. (Re)visitando os estudos de usuário: entre a “tradição” e o “alternativo”. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, ago. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6946>. Acesso em: 13 fev. 2025.

COSTA, Raul Max Lucas da; DANZIATO, Leonardo. A invenção dos Alcoólicos Anônimos: alcoolismo e subjetivação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 21-34, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 fev. 2024.

COSTA, Raul Max Lucas da; ALENCAR, Yan Ferreira de. O processo de identificação entre membros de Alcoólicos Anônimos: uma análise psicanalítica e foucaultiana de discurso. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 21-35, jan./jun. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/90465495/O_processo_de_identifica%C3%A7%C3%A3o_entre_membros_de_Alco%C3%B3licos_An%C3%B4nimos_uma_an%C3%A1lise_psicanal%C3%ADtica_e_foucaultiana_de_discurso. Acesso em: 20 fev. 2024.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica do; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

CUNHA, Silvia Mendes da *et al.* Habilidades sociais em alcoolistas: um estudo exploratório. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 31-39, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2024.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DERVIN, Brenda. An overview of Sense-making research: concepts, methods and results to date. *In*: INTERNATIONAL COMMUNICATIONS ASSOCIATION ANNUAL MEETING, 1983, Dallas. Proceedings [...]. Dallas: International communications association, 1983. p. 3-69. Disponível em: <https://faculty.washington.edu/wpratt/MEBI598/Methods/An%20Overview%20of%20Sense-Making%20Research%201983a.htm>. Acesso em: 17 fev. 2025.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; PINHEIRO, Edna Gomes. Incursões teórico-metodológicas da etnometodologia na Ciência da Informação: aplicações em pesquisas sobre leitura. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 3, p. 49-61, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/22773/14523>. Acesso em: 11 fev. 2024.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. A leitura de histórias em quadrinho da Marvel e da DC Comics e a etnometodologia: relevância e desdobramentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 188-205, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22577/18170>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas da informação e novas percepções do usuário. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-10, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/660>. Acesso em: 22 out. 2023.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. **Redes eletrônicas e necessidades de informação: abordagem do Sense-Making para estudo do comportamento de usuários do Instituto de Física da USP**. São Paulo, Tese (Doutoramento) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1995. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27137/tde-06032017-102825/publico/Tese_Sueli_Mara_Soares_Pinto_Ferreira.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. **Estudo de necessidades de informação: dos paradigmas tradicionais à abordagem Sense-Making**. Porto Alegre: ABEBD, 1997. (Documentos ABEBD, 2). Disponível em: <https://sueli.eca.usp.br/nucleos/sense/textos/sumar.htm>. Acesso em: 23 out. 2023.

FIGUEIREDO, Nice. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/452>. Acesso em: 23 out. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIGLIOTTI, Analice; BESSA, Marco Antonio. (2004). Síndrome de dependência do álcool: critérios diagnósticos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, supl. 1, p. 11–13, maio. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/VcfdB7HS3DYHLXs4mPXpL8M/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOMIDE, Henrique Pinto *et al.* Estereótipos dos profissionais de saúde em relação a alcoolistas em Juiz de Fora-MG, Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 171-180, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2024.

GONCALVES, Mario. Abordagem sense-making na ciência da informação: uma breve contextualização. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 1-11, jan/jun. 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1906/pdf_14. Acesso em: 24 fev. 2025.

GOULART, Andrea Heloisa; KAFURE, Ivette. Estudos de usuários da informação sob a perspectiva das práticas informacionais. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, v. 44, n. 3, p. 1-11, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.rib.v44n3e334004>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUEDES, Neide Cavalcante. A etnometodologia como perspectiva de pesquisa: diálogos da prática. **Cenas Educacionais**, v. 4, n. e11420, p. 1-17, jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11420>. Acesso em: 12 fev. 2024.

HALPERN, Elizabeth Espindola; FERREIRA, Salette Maria Barros; SILVA FILHO, João Ferreira da. Os efeitos das situações de trabalho na construção do alcoolismo de pacientes militares da marinha do Brasil. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 273-286, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2024.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

HOLANDA, Nohara Nara Lima; BLOC, Lucas Guimarães; CARVALHO, Liliane Brandão. A experiência vivida de ser alcoolista: um estudo fenomenológico. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 13, n. 3, p. 10-22, set./dez. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2024.

JUNTA DE SERVIÇOS GERAIS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL (JUNNAB). **Alcoólicos anônimos**: a história de como muitos milhares de homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo. São Paulo: JUNNAB, 2001.

JUNTA DE SERVIÇOS GERAIS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS NO BRASIL (JUNAAB). O início e o crescimento de A.A. **JUNNAB Alcoólicos Anônimos**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.aa.org.br/inicio-e-crescimento>. Acesso em: 15 março 2024.

JUNTA DE SERVIÇOS GERAIS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS NO BRASIL (JUNAAB). Preâmbulo de A.A. **JUNNAB Alcoólicos Anônimos**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.aa.org.br/1947-06-publicacao-do-atual-preambulo-de-a-a/>. Acesso em: 15 março 2024.

LIMA, Débora Silva de. **Alcoolismo no trabalho**: uma percepção sobre a condição do servidor alcoolista. Orientador: André Luiz Teixeira Reis. 2009. 53 f. Monografia (Especialização em Gestão Universitária) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LIMA, Helder de Pádua; BRAGA, Violante Augusta Batista. Grupo de autoajuda como modalidade de tratamento para pessoas com dependência de álcool. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 21, n. 4, p.887-895, out./dez. 2012.

MAGALHÃES, Rafael Britto de; SAIDE, Osvaldo Luiz. Alcoólicos anônimos: potencialidades terapêuticas de um grupo de mútua ajuda. **Revista Debates em Psiquiatria**, v. 5, n. 6, p. 12-20, nov./dez. 2015. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/151>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MATA, Marta Leandro da. Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 37-57, abr./jun. 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/203877>. Acesso em: 26 maio 2023.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday – life information seeking. **Jornal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19 – 40, 2003. Disponível em: https://publish.uwo.ca/~pmckenzi/McKenzie_J.Doc_2003.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

NASCIMENTO, Denise Morado. Abordagem sócio-cultural da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 25-35, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/477/1474>. Acesso em: 10 fev. 2024.

NIH. **Alcohol Use Disorder: A Comparison Between DSM–IV and DSM–5**. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. 2016.

NOLLI, Luciana Marangni. **Ayahuasca**: potencial terapêutico na dependência ao álcool e atividade neural da proteína cFOS em modelo experimental. Orientadora: Eloisa Dutra Caldas. 2018. 70 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://www.toxicologia.unb.br/img_banners_publicidade/319.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

NUNES, Jefferson Veras; CARNEIRO, Bárbara Luisa Ferreira. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 9 n. 2, n. 2, p. 150-168, set. 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/incid/article/view/134406/148279>. Acesso em: 25 maio 2023.

OLIVEIRA, Cacilene Toscano de; MEDEIROS, José Washington de Moraes. Necessidades informacionais dos usuários do arquivo de recursos humanos da UFPB. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 65-94, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/100109>. Acesso em: 18 fev. 2025.

OLIVEIRA, Camila Rosa de *et al.* Avaliação da cognição de idosos que consomem álcool. **Aletheia**, Canoas, v. 49, n. 1, p. 101-109, jan./jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942016000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Álcool**. Washington: OPAS/OMS, ago. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/alcool>. Acesso em: 03 fev. 2024.

PARKER R, Kim SJ, Gao B. **Alcohol, adipose tissue and liver disease: mechanistic links and clinical considerations**. *Nature Review Gastroenterology and Hepatology* 2018: 15:50-59.

PINTO, Flávia Virgínia Melo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15-33, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8037/6811>. Acesso em: 25 maio 2023.

PINTO, Flávia Virgínia Melo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Contribuição ao campo de usuários da informação: em busca dos paradoxos das práticas informacionais. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 219–226, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/VMGzCq9R7xJD8wktLK4y8WF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

PINTO, Flávia Virgínia Melo. **Práticas informacionais na organização político-sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte**. Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-8XLNQ3/1/vers_o_deposito_flavia_melo_disserta__o.pdf. Acesso em: 25 maio 2023.

PIRES, Fábio Becker; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Projetos de vida e recaídas em pacientes alcoolistas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 21-37, jun. 2013. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 fev. 2024.

PLUMMER, Ken. "Herbert Blumer". *In*: STONES, Rob (ed.). **Key sociological thinkers**. NY: New York University Press, 1998.

ROBERTS, Laura Weiss; LOUIE, Alan K. **Guia de estudo para o DSM-5**. Tradução: Régis Pizzato. Porto Alegre: Artmed, 2017.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas Informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação, **Biblios**, n. 68, p. 96 – 109. 2017. Disponível em:
<http://www.scielo.org/pe/pdf/biblios/n68/a07n68.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, jan./abr. 2017. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67014/39098>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; GANDRA, Tatiane Krempser. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 566-595, maio/ago. 2018. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/28857/24217>. Acesso em: 25 maio 2023.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origens, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./ jun. 1996. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308/17916>. Acesso em: 25 maio 2023.

SILVA, Naiara Gajo *et al.* Modelos preditivos para o uso problemático de álcool entre universitários da saúde. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 4, p. 33-43, out./dez. 2021. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v17n4/v17n4a06.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SOBRAL, Glebson Santos, *et al.* Novas histórias: as trajetórias do movimento alcoólicos anônimos. **Revista Brasileira de Saúde**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 15075-15091, set./out. 2020. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/18689/15053>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SOUZA, Luiz Gustavo Silva; MENANDRO, Maria Cristina Smith; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. O alcoolismo, suas causas e tratamento nas representações sociais de profissionais de Saúde da Família. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1335–1360, 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/physis/a/DcqyzjgfrsnqNqtn5Xc7pFr/?format=pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. O programa da descrição densa. *In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 53-66. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2s7y9/pdf/talamoni-9788568334430-06.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C.; BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Em cena os usuários e os sujeitos informacionais: um olhar para os estudos de usuários e para as práticas informacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 4, p. 146-166, out./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40132>. Acesso em: 10 fev. 2024.

TORRES, Ana Paula Fernandes *et al.* Aliança terapêutica e adesão à Terapia Cognitivo Comportamental na modalidade online para dependentes de álcool. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 18, n.1, p. 04-13, jun. 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v18n1/v18n1a04.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

VASCONCELOS, Paula Mota. **As práticas informacionais das clientes dos serviços de estética**. Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo. 2016. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: Acesso em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AMWHC5>. Acesso em: 25 maio 2023.

YIP L. **Ethanol**. *In: Goldfrank's Toxicology Emergencies*. Chapter 64. 7th Ed. Edited by Lewis R. Goldfrank et al. McGraw-Hill, 2002.

APÊNDICE 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Entrevista

Convidamos o(a) Sr(a). A participar, como voluntário, da pesquisa “O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO GRUPO DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. O objetivo principal da pesquisa é identificar e analisar as práticas informacionais que são desenvolvidas e compartilhadas no grupo de AA. Ainda, o trabalho pretende identificar a maneira pela qual os membros do grupo de Alcoólicos Anônimos (AA) se apropriam, interagem e compartilham a informação entre cada membro e como a socialização dessas informações traz o resultado do controle da impulsividade sobre a bebida alcoólica. A utilização desses dados está vinculada somente a este projeto ou, se o(a), Sr(a), concordar, a trabalhos futuros. Para coleta de dados adotaremos como instrumentos a observação participante, e entrevista semiestruturada. A observação participante, acontecerá através do consentimento do grupo de Alcoólicos Anônimos que será realizada durante a pesquisa, assim como, na entrevista semiestruturada, que somente com sua autorização será gravada. Os arquivos de áudio e roteiros serão guardados pelo pesquisador responsável por um período mínimo de 5 (cinco) anos, conforme Inciso IV do Art. 28 da Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde. Um dos riscos envolvidos consiste em virtuais constrangimentos no momento das interpelações em função de evocação de memórias, vergonha, tristeza e possível desconhecimento da temática. Para contorná-lo, lembramos que o(a) Sr.(a) pode se recusar a responder à(s) questão(ões) se assim o desejar ou, ainda, poderá solicitar esclarecimentos para melhor compreensão. Outro eventual risco é a possibilidade de quebra de anonimato e sigilo a partir do teor de suas respostas. Nesse caso, informamos-lhe que não serão revelados seu nome, gênero, formação, cargo ou quaisquer dados funcionais. Um possível benefício direto para o(a) respondente está na oportunidade de se tomar ciência de uma área do conhecimento intrinsecamente ligada a informação como registros do conhecimento, saberes e conhecimentos coletivos de sua comunidade, o que pode suscitar novas reflexões sobre os fundamentos teóricos e práticos da área. Também existe a possibilidade de produção de conhecimento sobre a comunidade dos Alcoólicos Anônimos que poderá ser utilizado pelos seus membros para desenvolvimento de outros trabalhos e atividades correlatas, bem como para a contribuição social que o grupo de Alcoólicos Anônimos representa na sociedade. Acrescente-se ainda que se pode ampliar a percepção do grupo de Alcoólicos Anônimos quanto ao seu papel no contexto social da ressocialização de seus membros para melhor exercício da cidadania.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo e não receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O(A) Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e, a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização dos dados fornecidos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o(a) Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr.(a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada na Escola de Ciência da Informação da UFMG, e a outra será fornecida ao(à) Sr(a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados na sala 4044 da Escola de Ciência da Informação da UFMG, sob custódia do pesquisador responsável e, decorrido o prazo mínimo de 5 (cinco) anos, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução nº 510/2016 - CNS), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____ fui informado dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO GRUPO DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS” de maneira clara e detalhada, não me restando dúvidas. Estou ciente de que, em aceitando o convite, a qualquer momento poderei solicitar novas informações e/ou modificar minha decisão de participar, sem a necessidade de qualquer justificativa. Dessa forma:

Concordo que as informações concedidas por meio de entrevista sejam utilizadas somente para esta pesquisa.

Concordo que as informações concedidas por meio de entrevista sejam utilizadas em outras pesquisas, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que serão utilizados os dados.

Concordo que a entrevista seja gravada em áudio.

Não concordo que a entrevista seja gravada em áudio.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante:

Data

Assinatura do participante

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6.627

CEP: 31270-901/ Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 3409-6131

E-mail: casal@eci.ufmg.br

Assinatura do pesquisador responsável

Data

Pesquisador: Mestrando Everton Rafael Caldeira

Endereço: Rua Ariramba, 58, Alípio de Melo

CEP: 30830-670 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 98771-0425

E-mail: evertoncaldeira3@gmail.com

Assinatura do pesquisador (mestrando)

Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592

APÊNDICE 2

Roteiro de observação participante no Grupo de Alcoólicos Anônimos

- 1) Verificar o cotidiano do grupo de A.A
- 2) Interagir com os membros do grupo de A.A
- 3) Participar das ações do grupo de A.A junto aos seus membros
- 4) Descrever as reuniões assistidas
- 5) Observação do comportamento dos membros em seus depoimentos e trocas de informações
- 6) Conhecer e selecionar os membros que irão participar da entrevista semiestruturada da pesquisa

APÊNDICE 3

Roteiro da entrevista semiestruturada para pesquisa de mestrado:

1. Quando e por que você começou a beber?
2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?
3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?
4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?
5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?
6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?
7. Como as reuniões dos Alcoólicos Anônimos te ajudam a manter a sobriedade?
8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?
9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?
10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?
11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?
12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?
13. Como o alcoolismo é visto?

APÊNDICE 4

Transcrição das entrevistas semiestruturada para pesquisa de mestrado:

Membro 01

Idade: 75 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 44 anos

Escolaridade: 4º série, primário

Estado civil: Solteiro

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 01: *“Comecei a beber através de colegas, né? Diversão, passeio com os amigos, e coisa, aí foi me oferecido uma dose de bebida, eu tomei o primeiro gole que é a primeira dose, e através daquela, era a primeira dose, né, eu tive vontade de tomar a segunda, tomei a primeira, e tive vontade de tomar a segunda, e assim foi o próximo encontro que tive com os amigos, durante a semana, e eu continuei, e no prazo aí de seis meses um ano, eu já passei a, ser dominado pela bebida, passei ser um dependente, eu sentia vontade de beber, e assim foi minha vida através de 17 ano, né, que eu bebi, o total que eu bebi foi 17 ano, foi assim a minha vida, que o, meu começo na bebida, né! Toma a primeira dose, aí passa, horas e horas, segunda, e da vontade de tomar mais uma e mais uma e mais uma, até se tornar um alcoólatra, é isso aí”.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 01: *“Eu passei a perceber que eu precisava de ajuda, depois que passei a ser discriminado, discriminado passar a vender as coisas que eu tinha, pegou o pouco que eu tinha passar a vender para poder pra beber, e procurava um serviço, não conseguia porque a pessoa não confiava mais em mim no meu serviço, né! E, humilhado dentro de boteco, muito humilhado, as vezes pedia uma bebida para beber lá, fiado, não me vendia, e me negavam uma dose de bebida fiado, eu sem condições de comprar, aí tinha que beber resto das pessoas que deixavam pra mim no balcão, e assim foi minha vida durante tempo, né! vendendo as coisas que eu tinha, o pouco que eu tinha eu vendia, e humilhação demais, né! E foi isso aí”.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 01: *“Não, eu não busquei tratamento, a não ser a, ir numa igreja, uma oração pedindo nas igrejas uma oração com o pastor, né? Fazer oração pra mim e tudo, mas eu vi que eu não estava conseguindo, aí por milagre de Deus eu consegui um convite pra ir para alcoólicos anônimos, não que naquela época não falar de alcoólicos anônimos, que tinham anonimato, eles me levaram no lugar, falou te levar num lugar que você vai fazer a programação de 20 e 24 horas junto com a nós, sem fazer uso de bebida, e se vai conseguir parar, como eu parei, aí eu acompanhei esse amigo meu, dia 08/10/79, e eu consegui fazer na programação de 20 e 24 horas sem fazer uso de bebida que contém álcool, eu cheguei a, a, eu cheguei até 44 ano sem fazer uso de bebida, já estou com 44 ano sem fazer uso de bebida, tô levando uma vida tranquila, graças a Deus, vivendo, deixar vivendo, né! É, tô levando a minha vida, né?”.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 01: *“Ah, preconceito assim, né... Eu chegava na casa de um parente, as vezes tinha uma reunião de família, e no momento que eu chegava ali, eu era discriminado, né... Eles às vezes me negavam um cigarro, me negavam um café, ria, né... se é boca de golo, se é cachaceiro, e aquele tipo de humilhação. Às vezes me negavam um cigarro e com aquelas piadas, com gozação, com risalhada para o lado da gente e coisa, e no fim eu acabava ficando sem graça ali no meio daquele ambiente ali, as vezes um aniversário, um casamento, um trem qualquer, costumava nem abrir o portão para mim entrar, costumava fechar até o portão, que já, isso aconteceu comigo. E foi essa vida, né... A gente vai levando essa vida assim, discriminado, humilhado e coisa. Eu vi que a bebida não tinha como eu continuar bebendo e levando esse tipo de vida, né... E com esse negócio eu conseguia parar, então me dando bem, né. Me dando muito bem, é isso”.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 01: *“Eu conheci o AA através de um amigo. Eu estava num boteco, que eu costumava beber, pedi uma cachaça, uma cerveja e antes eu ainda pedia a Deus, oh, Deus me tire essa bebida. Eu não tenho condições mais de beber, eu estou apodrecendo vivo em cima da Terra, não tem mais condições de beber. Minha situação está muito difícil, pedi a Deus, passou uma base de uns vinte minutos, chegou um amigo meu, que eu costumava beber com ele. Eu*

ofereci ele uma cerveja, um copo de cerveja e falou, não, eu parei, eu parei de beber, rapaz, eu deixei da bebida, aí eu peguei e falei, o rapaz, eu tenho tanta, oh Zé, eu tenho tanta vontade de parar de beber, rapaz, mas eu não sei como. Ele falou, não, se você quiser parar eu te levo aonde que eu fui. Amanhã vinte para oito eu passo lá na sua casa, e eu te levo aonde que eu parei. E é longe, Zé, que eu não tinha dinheiro para pagar a passagem, eu estava sem dinheiro, só o dinheiro mesmo para tomar aquela cerveja ali, uma pinga. Ele falou, não, amanhã, você me acompanhe amanhã, paga lá alguma coisa. Não, amanhã você vê que era anônimo, os alcoólicos anônimos, era anônimo mesmo, e é até hoje, né, que é alcoólicos anônimos. Mas só que o anonimato antigamente era mais, há quarenta e quatro anos atrás. Dar conselho que não adiantava para mim mais, conselho, porque pai, mãe, e pessoas que me consideravam mesmo muito, tio, tia, não adiantou. É... Tem benção, porque eu frequentei igreja muito, não adiantava. Oração, benção, essas coisas não adiantavam, porque eu fui muito. Aí, no próximo dia, vinte para oito, ele tratou de passar lá em casa, me apanhar lá, me levou, eu acompanhei ele, era perto lá de casa, eu não sabia, porque o grupo era anônimo, era fechado, reunião fechada, com anonimato. Aí, quando eu assustei, eu estava pertinho de casa, dentro do grupo, aí fez o ingresso meu lá, dia oito do dez de setenta e nove, e estou até hoje”.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 01: *“O que mudou a minha vida ao entrar no AA foi através das confusões dentro de botecos. Sempre dando entrada em pronto-socorro machucado através de brigas dentro de botecos. Aí, depois que eu entrei no AA, passei a ser um filho diferente, não respondendo pai e mãe. Eu tive uma convivência boa com o pai e mãe, com a minha família. E, logo, comecei a trabalhar, né, economizar meu dinheiro, não gastando o dinheiro todo, sempre guardando uma economia. E frequentando a reunião todos os dias, todos os dias dentro de uma sala de AA por duas horas. Frequentando a reunião tudo direitinho, do jeito que eles mandaram, né. Que eles mandaram não, que ele sugeriu pra mim, que no AA ninguém manda e todos obedecem, né. E, aí comecei a fazer economia tudo direitinho, aí já comecei a comprar uma roupa que eu não tinha. Eu fui pro AA descalço, com chinelo emprestado da minha mãe, porque eu não tinha um calçado pra calçar. Aí já comecei a comprar um calçado, a comprar uma roupa, né, E comecei a trabalhar, a fazer economia tudo direitinho e a minha vida começou a mudar, né. Aí minha vida começou a mudar em todo sentido da vida, né. Passei a ter mais fé em Deus, ser uma pessoa... Meus amigos, tudo mudou sem desprezar aquele que tá dentro do boteco bebendo, que também ele é um doente alcoólico igual eu, né, que são doente alcoólico igual eu. Sem*

desprezar eles, sempre estendendo a mão pra eles também, igual foi feito pra mim. Eu continuei nessa jornada, então, recebendo benefícios de alcoólicos anônimos, né! ”.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 01: *“Óia, alcoólicos anônimos me ajudam a manter a sobriedade através das palavras francas, que são dez minutos para cada companheiro chegar lá na cabeceira de mesa. Nós usamos dar um toque lá, né. Bater na mesa três vezes. Agradecer ao Poder Superior por 24 horas. E esse agradecimento é acessível a todos lá, presente e ausente do Brasil e do mundo. Agradecendo a todos alcoólicos e aí inicia a palavra franca. E através daquela palavra franca, aquele companheiro vai falar o passado dele, a fundo, no alcoolismo. Tudo que passou com ele no alcoolismo. Aquele que quando eu cheguei era mais velho que eu de AA, que já tinha chegado há tempos. E eu colhendo aquelas palavras dele. Dele contando o passado dele. E depois do tempo que ele estava em alcoólicos anônimos, ele contando o presente. Da modificação de vida que ele teve dentro de alcoólicos anônimos. A ajuda que ele teve em alcoólicos anônimos. Contando o presente. E eu ouvindo aquelas palavras do passado dele. E o presente, fazendo a comparação do meu passado e do meu presente. Eu que estava chegando, que eu não tinha presente ainda para falar. Porque eu já estava começando. Eu fui vendo que ali eu estava no lugar certo. Que eu podia dar continuidade, que eu ia para frente. Não tem como voltar para trás. E ali ele falava ali 10 minutos. Logo, fazia o mesmo agradecimento ao poder superior, pelo que, agradecendo aos companheiros, né. E sentava lá, logo o secretário, o coordenador, dava a palavra franca novamente e ia outro novamente. Aí depois, aí eu comecei a ficar animado, eu ia também, falava lá do meu passado e presente eu não tinha no momento. Eu estava recém ingressado. Eu comecei a embalar junto com eles e eu ia, direto na palavra franca, eu ia lá e falando do meu passado. E assim, eu fui acelerando e vendo que alcoólicos anônimos é um lugar muito bacana, é de homens e mulheres, né, que compartilham suas experiências, forças e esperanças a fim de resolver seu problema comum e ajudar outro alcoólico a alcançar sobriedade. Foi isso que foi minha vida em alcoólicos anônimos. ”*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 01: *“O mais importante que eu acho numa reunião dos alcoólicos anônimos é o companheirismo que tem, né? Os companheiros, todos iguais, ninguém é mais do que o outro, você chega, passa uma régua, seja rico, pobre, preto, branco, tudo é tratado a mesma coisa, não tem aquele privilégio, não existe privilégio dentro de alcoólicos anônimos, nós usamos lá*

uma sacolinha, não tem quantidade de dinheiro estimulado pra um ou outro dar, é aquela contribuição mínima ali de um real, dois, muito, muito cinco, quando dá é muito cinco, cinco, cinco reais, e reina uma unidade muito grande, você vê que os companheiros querem bem um ou outro através das palavras, você vê, é uma irmandade alegre de todo mundo, você vê que sente aquele ambiente tranquilo, se um tá falando, você não escuta um ruído de nada, tá todo mundo prestando atenção naquela palavra ali, acabou de falar, bate palma pra ele, da palavra em agradecimento pelo que ele falou, e a humildade lá, muito simples também, a oração que nós temos lá, que nós temos uma prece, antes de começar a reunião, primeiramente ler um trecho da literatura, aí nós fazemos meio minuto de silêncio, aí nós fazemos a prece da senhoria, que é uma prece simples, e com um valor muito grande, que tem uma valia muito grande na vida da gente, que é a prece da senhoria, que é conceder no Senhor a senhoria necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir uma das outras, aí nós fazemos meio minuto de silêncio, aí dentro desse meio minuto de silêncio, tem aquela, aí deu que foi recordado ali, fala o nome da quem foi na cabeceira de mesa, na palavra franca o nome e agradece, todos aqui que foi na cabeceira de mesa, o total que foi recolhido em dinheiro. Você vê que tudo dentro da humildade, aquela contribuição pouca, que os alcoólicos anônimos, não pode ter em conta em banco, não tem patrimônio, não tem um que manda, falar, dizer, fulano manda. Lá nós temos secretário, tesoureiro, um coordenador, mas é tudo, qualquer um que quiser pode ser. E um patrimônio, hoje aí eu com 40 e tantos anos de AA, o patrimônio de AA, de alcoólicos anônimos, se for contar no caixa, lá no passa de 2000, recordado durante um ano, que esse dinheiro que nós arrecadamos durante um ano, é para nós manter no cafezinho, um biscoito, tudo simples. Que no intervalo da reunião, uma hora de reunião, nós paramos 10 minutos para tomar aquele cafezinho e um bate-papo ali, com os companheiros, aí começa a hora de reunião, que o total é 2 horas, tira 10 minutos para poder tomar o café, aquele bate-papo e não tem conta em banco, não tem propriedade, alcoólicos anônimos, alcoólicos anônimos é uma irmandade de homens e mulheres, mais assim, não tem lote, casa, é assim patrimônio não, alcoólicos anônimos aluga um cômodo lá para poder fazer a reunião e é pago pelos membros, sem aceitar doação do governo, que o alcoólicos anônimos não pode aceitar doação de ninguém, nem que for da minha família, que doar não pode ser aceito, tem que ser devolvido, volta para trás. Se eu chegar lá e falar para o meu pai ou a minha mãe, por que eu parei de beber, eu falo, eu sou muito grato ao alcoólicos anônimos, meu filho parou de beber aqui, eu sou muito grato, eu tô contribuindo aqui com R\$ 100, R\$ 200 ou R\$ 500, é devolvido para ele novamente, que alcoólicos anônimos, só aceita o dinheiro da irmandade, para não manter ali, sem aceitar a

doação nem do governo, nem a doação de fora, nenhum, só nós mesmo, a contribuição é só nossa, é pouco, mas é só para nos manter ele dentro. E é assim, e aí para comprar uma literatura, comprar uma cadeira, uma mesa, um forro de mesa, uma reunião festiva lá, comprar o refrigerante para fazer a festinha e coisas, tudo gasto nosso ali daquele pouquinho que nós damos em todas as reuniões. E é assim que nos mantém nós, lá, em alcoólicos anônimos”.

ENTREVISTADOR: Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?

MEMBRO 01: “ Ah, o significado de alcoólicos anônimos em minha vida é porque... quando eu cheguei, eu a vez chegava perto de... tinha um bolinho ali de 5, 10 pessoas ali pra conversar; pra mim bater um papo com eles, que eu gostava muito, contar uma piada, bater papo. Eu gostava muito de estar no meio da turma, assim, conversando, contando uma piada. Me alegrar no meio da turma. Era só no momento que eu chegava, saía 3 pra lá, 2 pra lá, 3 pra lá, e eu ficava ali sozinho, olhava pra um lado e pro outro, eu tava sozinho. Eu tava indesejado no meio da sociedade. Todo lugar que eu chegava, dificilmente ficava 1, 2 pessoas perto de mim. Sempre que eu chegava no meio de um bolho de pessoas, eu saía sempre.... Eu era indesejado, eu ficava sozinho ali.... Eu saía pra outro lugar a mesma coisa. E eu cheguei dentro dos alcoólicos anônimos no primeiro dia, que foi dia 8 do 10 de 79, eles fizeram o meu ingresso. 85 pessoas levantaram, mais ou menos uma média de 85, 90 pessoas levantaram das cadeiras, vieram, fizeram aquela fila, me abraçaram, me deram os parabéns, que nessa época o grupo tinha frequência, era muito, hoje caiu bastante, mas era muita frequência, porque tem muito grupo também. Aí eu senti, assim, empolgado com aquilo. Eu que chegava perto de dez, vinte pessoas pra conversar e ficar sozinho lá, aquela multidão de gente num fim de semana, me deu aquele abraço dentro da sala, e me deu os parabéns perguntando, ó, você vai voltar amanhã? Na hora do café, que é os dez minutos do cafezinho, todo mundo me dando uma atenção tremenda, me rodeado eles, e eles aproximaram de mim, eu fiquei assim num canto lá, e eles todo mundo aproximou, as pessoas aproximaram de mim ali, conversando comigo, o que que eu achava da irmandade, se eu gostei, como que é, na hora do café. Começou a reunião outra vez, aí mais uma hora de reunião, aí na hora de eu vir embora, aqueles que não tinham me perguntado, me perguntando como é que foi, se eu tinha gostado, se eu ia voltar no outro dia, e todo mundo andando ao lado de mim, e eu andando na rua, pra ir pra casa, e eles também no mesmo direção que eu andava, um ia pra um lado, outro pro outro, mas veio na hora da saída, e eu olhava de um lado, tinha uns cinco, dez do meu lado, e todo mundo me dando uma atenção tremenda, e eu senti muito empolgado por tudo. Eu falei, gente, mas como que pode? Uma pessoa que ninguém me dá ideia para mim, nem nada. E tanta gente me perguntando, me dando boas vindas, me abraçaram, me deu atenção muito grande, eu senti muito empolgado com

aquilo, e falei, não, eu vou dar continuidade. Tive o convite dia sete para vir, aí dia oito para mim poder fazer o ingresso, vinte para oito eles passaram para me apanhar, eu não bebi, já cheguei lá sóbrio naquele dia, eu falei, não, eu vou dar continuidade. E aí o padrão de amizade que eu consegui, dentro de alcoólicos anônimos, todo grupo que eu chegava eles me davam boa vinda, eu ia na palavra franca, era muito bem tratado em todo lugar, eu viajava com a companheirada de AA para a praia, para todo lugar, aí começou a expandir. Eu não viajava, eu ficava só dentro do bairro, parado dentro do bairro, não saía, só dentro do boteco, saía de casa para ir para o boteco, voltava para casa e ficava por ali. Eu já comecei a viajar com a turma para a praia e para a minha terra também viaja, cidade do interior em reunião de alcoólicos anônimos, a reunião festiva, aquele tratamento bom demais da conta, uma vida completamente diferente. E aí, com esse negócio, eu me adaptei com os alcoólicos anônimos tanto, que eu não conseguia mais ficar dentro de casa. Chegava aquele horário, de 7 horas, eu estava pronto para poder 7h30 começar na reunião até as 9h30. E assim eu fui dando continuidade. Estou até hoje. Se não fosse alcoólicos anônimos na minha vida, e eu não existia, eu já tinha morrido há muito tempo, tinha ido embora, porque não tinha como uma pessoa beber igual eu estava bebendo, porque eu estava bebendo demais, fora do limite. Passar a pegar as coisas dentro de casa para vender; do meu pai, vendendo as coisas dentro de casa, pegando ferramenta das coisas dentro de casa. As coisas de comer trocando em troca de bebida dentro do boteco, sendo que eu não punha nada dentro de casa. E assim foi a minha vida, né. E eu mudei, aí eu já passei a comprar e trazer para dentro de casa. Eu já passei a usar meu dinheiro para comprar as coisas e trazer para dentro de casa, não tirar de dentro de casa e vender. Trocar as coisas de alimento dentro do... Pegar de dentro de casa e trocar em troca de uma pinga dentro do boteco. Me dá uma pinga disso aí. A minha vida começou a mudar. A importância de alcoólicos anônimos não tem como nem eu assim... Não tem como eu calcular o que é os alcoólicos anônimos na minha vida, né, uma coisa é... Eu só tenho mesmo que agradecer a Deus por ter me abençoado e eu ter conseguido chegar em alcoólicos anônimos, né”.

ENTREVISTADOR: Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?

MEMBRO 01: *A reunião de Alcoólicos Anônimos começa com nós começamos com a prece da serenidade, que é a prece, meio minuto de silêncio, e depois lê uma reflexão diária, que chama reflexão diária, que é lida todos os dias, e depois vem a palavra franca, cada companheiro vai lá na frente e dá o depoimento dele, como ele chegou em Alcoólicos Anônimos, e testemunhando a vida maravilhosa e com acerto, que hoje ele vive dentro de AA. E, ele fala por dez minutos,*

cada companheiro tem dez minutos para dar o depoimento, sem falar em religião, esporte, política, sem entrar em controvérsia, polêmica, só testemunhando a vida maravilhosa e com acerto que vive dentro de Alcoólicos Anônimos. Aí depois nós temos um intervalo de dez minutos com o cafezinho, que é um bate-papo ali, para dar uma distraída ali, durante a reunião tem dez minutos com o cafezinho, aí nós inicia através do mesmo jeito que começamos, com a palavra franca, e é isso. ”

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 01: *O meu problema mais é, eu assisto a reunião mais ao vivo, com os companheiros, ouvindo as palavras francas deles, do passado, do presente deles, que eles vivem dentro de AA, dando o depoimento deles, porque eu tenho pouca leitura, eu não consigo ler literatura, e aí eu vou mais para este lado de ouvir, e assistir as reuniões todas, todos os dias, junto com a companheirada, e mais é, é aquele contato, aquele calor humano que a gente tem dentro da sala de AA, mais os companheiros, aquele bate-papo ali, e com esse negócio eu vou, levando já por 45 anos dentro de Alcoólicos Anônimos, levando uma vida muito feliz dentro de AA, contando só maravilhas na minha vida, e é isso. ”*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 01: *A visão da sociedade sobre Alcoólicos Anônimos, eu tirei uma experiência, sobre as viagens, em reunião festiva, que nós fazemos em grupo, em cidade do interior, o tanto que a gente é bem-vindo na cidade, bem-recebido, no lugar dos hotéis que a gente fica, é todo lugar que a gente passa, as pessoas, é de Alcoólicos Anônimos, que falam que seja bem-vindo aqui na nossa cidade, e sempre convidando para mais reunião, e a gente vê que a gente é bem visto através de ter parado de beber, que o nosso negócio é um por todos, e todos por um. Se eu errar, fazer qualquer coisa na cidade que eu estiver fazendo uma visita, eu queimo o filme do companheiro que está comigo. Eu tenho que manter positivo ali, certo ali, para não poder sujar o nome da irmandade de Alcoólicos Anônimos. É por isso que nós somos bem-vindos em todo lugar que a gente vai nas festas, a visita na cidade. É isso aí. ”*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 01: *O alcoolismo é visto dentro de Alcoólicos Anônimos como uma doença. É tratado como uma doença, que é uma alergia física aliada à obsessão mental. A pessoa que faz o uso da bebida, ele não é um mau caráter, ele não é uma pessoa bandido, nem nada, não é mau caráter, não. Ele é uma pessoa tratada como um doente alcoólico. Nós, dentro de*

Alcoólicos Anônimos, tratamos e recebemos essas pessoas dentro de AA como um doente. Tratamos ele como um doente, né! E assim ele vai entrosando junto com nós, por causa do tratamento, que é muito bom, que lá não podemos proibir, não dá conselho. É proibido proibir, né! A pessoa é livre, tranquila. Se ele voltar a beber, nós temos o reingresso, que é o retorno do companheiro, aceita ele com os parabéns, dando-lhe boa vinda, trazendo-lhe de volta para Alcoólicos Anônimos. E assim que nós vamos levando a irmandade dentro da humildade, procurando dentro da humildade, sempre com boas aceitações com as pessoas. E é isso aí.

Membro 02

Idade: 67 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 40 anos

Escolaridade: 5º série, ensino fundamental

Estado civil: Casado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 02: É, foi o seguinte, a gente quando é mais novo, é principalmente eu que já estou com 67 anos de idade, é quando a gente é menino, rapaz, na juventude, a gente tem muitas amizades, vai pra discoteca, na minha época era discoteca, e quem não bebia ficava fora da moda, era fora de moda, quem não bebia e quem não fumava, inclusive os pais da gente nos ensinavam a tomar um golinho de pinga pra almoçar, fumar, por incrível que pareça, quando a gente pescava, pra fumar, pra espantar pernilongo, essas coisas, e ali eu viquei, eu virei alcoólatra mesmo, porque venho de família alcoólatra, meu pai era um alcoólatra terrível, e aí eu ingressei nesse mundo, de meu Deus aí, e sofri bastante.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 02: Quando eu percebi que eu precisava de ajuda, já era quando eu estava sendo muito humilhado, né! Pelo, pelo povo, né cara! vê a gente, coloca apelido, você já fica sem dinheiro, a sua autoestima baixa, baixa estima, você não tem autoestima, você tem baixa estima, as pessoas começam a te humilhar, você não para no trabalho, né! você arruma um emprego, sai daquele emprego rápido, porque você é um doente alcoólatra, você não consegue controlar a própria vida, muito menos o alcoolismo, que é uma doença incurável, progressiva

e de fins fatais, ela mata mesmo, não tem brincadeira não, até eu descobrir isso aí, eu tive que, graças a Deus que eu conheci alcoólicos anônimos, mas eu vi a necessidade aí, de paralisar com a bebida, quando eu não estava aguentando nem cuidar de mim mesmo.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 02: *Não, até eu conhecer alcoólicos anônimos, eu nem sabia que existia essa irmandade de alcoólicos anônimos até então, então eu sofria do alcoolismo bastante, mas não sabia nem como é que ia fazer para paralisar com a bebida, a verdade é essa, então nunca busquei tratamento com ninguém não.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 02: *Meu Deus, o que eu mais sofria era o preconceito, é isso que me fez paralisar com a bebida, lá sofrer sim, meu irmão, é muito dolorido o alcoolismo, a gente é humilhado nos botecos, você bebe, bebe fiado e não paga, passa por outro boteco bebendo fiado também, paga um, não paga o outro, não consegue levar dinheiro para dentro da sua própria casa para sustentar a sua família, aí você começa a ser humilhado aí, as pessoas te vejam de uma ou outra forma diferente, vê que você é impotente ali, que você é fraco, eles te humilham mesmo, colocam apelido, é cachaceiro, é pau d'água, o meu apelido por exemplo, eles me chamavam de Zé Bosta, aquilo que me humilhava, me humilhava, me deixava triste, me deixava triste, eu que já estava aí namorando e não conseguia nem namorar direito, porque era baixa estima mesmo, não tinha auto estima não!*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 02: *Rapaz, essa história é boa, eu tinha um amigo chamado João Fuca, apelido dele João Fuca, e a gente bebia todos os dias juntos no bar do Toninho, um botequinho aqui, e através de a gente beber todo dia, nós ficamos muitos amigos, e esse João Fuca sumiu, ele ficou aí, todo dia eu ia lá no bar procurá-lo e ele não estava, e ficou aí uns dois meses sumido, quando de repente, no dia 23 do 10 de 1984, João Fuca aparece lá com Armando Salum, meus amigos e companheiros de alcoólicos anônimos, Armando Salum inclusive é meu padrinho, entraram dentro do bar, eu tinha a fama de ser brigador, então o João Fuca nem quis fazer abordagem em mim, pediu que o Armando fizesse, e o Armando chegou perto de mim e perguntou, ô Nilson, eu lembro como fosse agora, ô Nilson, você não*

tem vontade de parar de beber não? Eu disse pra ele, vontade não, eu tenho necessidade de parar de beber, mas não tem como, e já com os olhos lacrimejando, cheio de lágrimas, doido pra parar com a bebida, mas não sabia como, e ele me faz uma pergunta, se eu te levar pra um lugar que para de beber, você vai? Eu falei, vou, pode ser até Centro de Macumba, desse jeito eu falei pra ele, pode ser até Centro de Macumba que eu vou, agora, ele falou, bora, eu falei, onde é? Ele falou, eu não posso falar, se eu te falar eu volto a beber, desse jeito, se eu falar com você eu volto a beber, naquela época a abordagem era feita desse jeito, dia 23 do 10 de 1984, você tem ideia, já vai pra 40 anos, dia 23 agora, e aí que eu fui apresentado ao Alcoólicos Anônimos, aqui no bairro Pindorama, aí foi a tabua da minha salvação.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 02: *Meu Deus, aí sim, aí sim, glória a Deus, a minha autoestima voltou, eu comecei a enxergar o mundo da forma que o mundo é, não da forma que eu achava que eu devia ver o mundo, eu queria que o mundo encaixasse do meu jeito, e não é assim não, nós temos que viver no mundo do jeito que o mundo é pra ser vivido, e eu achava que o mundo tinha que ser do meu jeito, a partir do momento que eu conheci o Alcoólicos Anônimo as portas se abriram, a felicidade começou a reinar no meu coração, comecei a sorrir, muitas das vezes eu chorava, igual nesse momento agora dá vontade de chorar, mas já não é mais de tristeza, de alegria, me conheci, me reconheci, né! Vim me reconhecer novamente, vi, nó que mundo gostoso que eu vivo hoje em dia, louvado seja Deus, e Deus abençoe meus amigos todos de Alcoólicos Anônimos, porque eu vou te contar um negócio, ali foi a porta, foi a abertura, como se eu estivesse no inferno e fosse para o céu, imagina uma pessoa que está sufocando ali, está morrendo afogada, levantando as mãos pedindo ajuda, e de repente alguém puxa essa mão dele, e ele, suspira, ressurgue para uma vida nova, é isso aí que aconteceu comigo.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 02: *Simples, através das palavras francas, né! Você escutando a vida pregressa dos companheiros, né! Aquela vida triste, aquele passado horroroso que nós tivemos, cada um de nós, parece que até a vida de um é a mesma do outro, e a alegria, né! De viver uma vida nova, é essa aí, é, é onde a gente sai desse sufoco, né! Espiritual, é isso que faz Alcoólicos Anônimos essa irmandade maravilhosa na vida da gente.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 02: *O mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos é o companheirismo, aquele companheirismo, aquela coisa gostosa, inclusive eu fui tão bem recebido, você acaba de fazer seu depoimento, a salva de palmas gostosa, cada um tem uns 10 minutos para falar, às vezes a gente até passa o coordenador, leva aquilo em consideração, a irmandade ali é fabulosa, né cara, a gente é muito amigo um do outro, a gente é companheiro mesmo do outro, cara, e através de depoimentos, né! A gente vai remando um dia de cada vez na vida da gente, é um dia de cada vez, não tem como.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 02: *O significado de Alcoólicos Anônimos na minha vida hoje eu vejo que é um estilo de vida, né! Um estilo de vida, é, uma disciplina né cara, que a gente passa a dominar a sua própria vida, cuidar de você bacaninha do jeito que tem que ser cuidado, né! Porque nós somos feitos segundo a imagem e semelhança de Deus, cara, e no alcoolismo a gente não vê isso, né cara, a gente joga fora, né! Essas oportunidades de se olhar no espelho, de cuidar de você mesmo, então o Alcoólicos Anônimo significa uma vida nova, um renascimento, um renascimento, na verdade os Alcoólicos Anônimo na minha vida foi uma transformação de vida.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 02: *A reunião de Alcoólicos Anônimos começa, é, com a prece da serenidade, logo após meio minuto de silêncio, e a gente vai desse jeito, assim que começam as reuniões, você faz ali uma prece da serenidade, concedendo ao Senhor a serenidade necessária para alcançar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir uma das outras, e através de ter feito essa prece maravilhosa a gente faz meio minuto de silêncio e o coordenador passa a dar 10 minutos para cada um falar do seu passado sofrido e da vida vitoriosa e com o acerto que tem hoje em dia.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 02: *Hoje em dia eu não tenho lido muito, assistido nada, nada, e Alcoólicos Anônimos eu gostava muito de ler, o nosso primeiro passo é admitir que eu era impotente perante o Álcool, que tinha perdido o domínio da minha vida e realmente tinha, e a partir do momento que eu entreguei minha vida aos cuidados de Deus, as coisas foram transformadas, não sei se eu respondi direito a essa pergunta, mas não tenho lido, não tenho visto nada diferente de Alcoólicos Anônimos não, me mantenho sóbrio até hoje, louvado seja Deus, me*

mantenho abstinência, firme e feliz, mas não tenho lido nem visto nada.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 02: *A visão da sociedade que eu tenho visto sobre Alcoólicos Anônimos, principalmente das famílias que têm um doente alcoólico, alcoólatra como a minha, né! teve meu pai e eu, é uma visão maravilhosa, né assim, que funciona, que transforma realmente a vida das pessoas, a visão de fora que eu tenho visto é isso, o respeito, o carinho, que a irmandade, porque muitas das vezes as pessoas que frequentam lá, muitas das vezes não, sempre essas pessoas foram conhecidas aqui fora, nos bares da vida, no alcoolismo, e as pessoas viram a derrota, viram a derrota dessa pessoa, e a partir do momento que eles começam a ver esse cara de uma forma diferente, já de banho tomado, de roupa limpa, de barba feita, toda arrumadinha, indo para um culto numa igreja, ou para uma igreja católica rezar, ou trabalhar de uma forma diferente, o cara muda, o cara muda, a aparência do cara muda, o caráter é moldado de uma forma diferente, então a sociedade vê, na minha visão, a sociedade vê a Irmandade de Alcoólicos Anônimos como uma tábua da salvação para muitos, é, que estão aqui fora perdido..*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 02: *O alcoolismo é visto aí na sociedade como um, nosso Deus, é uma tragédia, né cara, aquilo destrói mesmo família, destrói vida, acaba com tudo, o alcoólatra militante, o alcoólatra que bebe todo dia, necessário buscar pela bebida todo dia, rapaz, quem está aí fora e olha um camarada dentro do boteco bebendo todos os dias, procurando bebida, vê naquele cara um derrotado, é derrota em cima de derrota, todo dia que passa e vê aquele cara ali bebendo, triste, desempregado, maltrapilho, o pior ser humano possível, a sociedade vê o alcoolismo desse jeito, e o alcoolismo é isso aí mesmo, é uma droga incurável, progressiva e de fins fatais, mata mesmo, o alcoolismo é triste na vida das pessoas, muito mais, é uma droga tão violenta, o alcoolismo é uma droga tão violenta que ela é lícita, você pode pedir um menino para buscar no boteco uma garrafa, ô filho, busca uma garrafa de cerveja para mim no boteco, que o dono do boteco vende, então o alcoolismo é isso, é triste rapaz, ele é visto aí da pior forma possível, louvado seja Deus que eu saí disso.*

Membro 03

Idade: 59 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 9 anos

Escolaridade: analfabeto, só sabe assinar o nome

Estado civil: casado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 03: Olha, quando eu comecei a beber, é, eu tinha 20 anos de idade novamente, né? E eu comecei a beber o seguinte, animação do colega, um golinho assim, petitinho. Tomei aquele golinho, entendeu? Aí, não achei bom não. Passou um dia, passou dois, não, eu vou experimentar mais um golinho. Eu experimentei aquele tamanho de golinho de novo, aí que veio a progressão, quando nós fala que a bebida é progressiva, a doença é progressiva e incurável, né? Progrediu, já passei a tomar uma dose maior assim, depois passei a tomar meio copo, depois passei a tomar um copo cheio. E eu tinha 20 anos de idade, entendeu como o que é? Namorei bebendo, casei bebendo e continuei bebendo, risos. E aí, chegou um certo dia, aí casei, mudei aqui pra Contagem, e continue bebendo.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 03: Eu senti que eu precisava de ajuda, mas eu não sabia onde procurar. Quando eu descobri, os alcoólicos anônimos, que o meu filho me convidou, eu fui pra lá que foi uma benção de Deus na minha vida, foi uma maravilha, mudou totalmente a minha vida. Hoje a minha vida é outra. Hoje eu levanto cedo, hoje eu trabalho. Eu ficava bêbado dentro da empresa, o meu encarregado, me pegava no carro e me traziam aqui. Entendeu como é que é? Aí quando era no outro dia eu falava assim, e como é que você está hoje? Para de beber, moço, você é um cara de gente boa, eu gosto de ser de graça. O dia que eu fui para alcoólicos anônimos e, que eu parei de beber, eu já peguei um cartãozinho do AA. E nos lá ia para o refeitório, e ele páreo comigo e falou assim, como você arrumou que você parou de beber? ai eu tirei o cartão do AA, e mostrei pra ele, falei olha aqui ô, fui para o AA, ele falou assim, eu estou falando com você que meu pai bebe pra cair, ai ele falei com ele assim, não julga ele não.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 03: *Não, só em alcoólicos anônimos mesmo. É o único remédio que você tem que é curar é só em alcoólicos anônimos. É só frequentar a reunião e evitar o primeiro golo. Não existe remédio que eu curo. É só o AA.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 03: *Todos que bebem, sentem preconceito. Uns é tratado de pinguço, né? Outros é cachaceiro, né? Então infelizmente tenho preconceito sim. Mas eles não sabem da doença, não sabem que a gente é doente, entendeu. Eu era doente e eu mesmo sabia que eu era doente alcoólico. Hoje eu tenho conhecimento. E pra mim livrar dessa doença, eu sempre tenho que está em AA.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 03: *Um certo dia eu morava de aluguel ali, numa casa. A dona que eu morava de aluguel, o irmão dela era do AA, viu meu sofrimento e falava pro meu filho assim, por que você não leva o seu pai, para os alcoólicos anônimos? Meu irmão tava lá, bebendo, foi para o AA, e parou. Quem sabe você leva ele pra lá e ele para. E aí eu, mas eu sempre pedia a Deus, rapaz, mas, ô Deus, tenha misericórdia de mim que eu quero parar de beber. Um dia eu cheguei em casa, meu filho disse assim, ô pai, tem três dias que o senhor não come nem bebe, vamos para o AA? Simplesmente acertei. Fui, gostei e fiquei. Hoje, me faz, já me faz nove anos ou mais que eu estou lá. E só tenho que agradecer.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 03: *Mudou tudo, né? Mudou a convivência, né? Com a família, com os amigos, né? Com tudo, com toda atitude que você for tomar. É outra coisa pra você viver, não tem outra coisa melhor. Então mudou totalmente a minha vida. Mudou em tudo, em todos os aspectos. Dinheiro, sobra dinheiro, né? Não sobrava dinheiro, hoje sobra dinheiro, risos.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 03: *Ah, essa reunião é fantástica, né? Cada qual vem contando sua história, né? É,*

falando sobre o passado dele, sobre como aconteceu, como hoje acontece. E a gente toca a vida, não pode esquecer de alcoólicos anônimos. Alcoólicos anônimos, pra mim, é primeiro Deus. E segundo alcoólicos anônimos.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 03: *O que eu julgo ser mais importante? É tudo melhor que tem na reunião, né? Porque lá, todos que estão lá só querem te ajudar. Ninguém quer te derrotar, entendeu? Você tem que querer também, né? O AA é feito pra todos. Nem todos é feito pro AA.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 03: *O significado dos alcoólicos anônimos na minha vida é. Um legado que eu vou levar, né? Enquanto eu tiver vida. Eu vou passar isso pra filho, pra neto, pra bisneto, se eu conseguir. E pra vários amigos. Precisar de minha ajuda, eu tô aí pra ajudar. E se quiser ir pra alcoólicos anônimos, eu vou levar eles, né? Eu te ajudo, eu fui ajudado, e quero ajudar.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 03: *Como que eu vou descrever pra você? Aqui é uma coisa muito fantástica, né? Você chega ali, todo mundo te recebe bem, você vem, você tem seu cafezinho, né? Todo mundo te reúne com você ali. É só pra te ajudar. Não tem ninguém pra te criticar. Ninguém te pede dinheiro, né? Você pode dar sua contribuição, na medida que você puder, se você não puder também, não tem nada a ver. Alcoólicos anônimos não cobram nada de ninguém, né? Então é fantástico pra mim.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 03: *Eu vejo, falar. Eles lêem, elas são literatura, né? Literatura, são muito importantes, né? A literatura do dia. São muito comoventes e bate, né? A leitura do dia e com o que você passou, né? Como você vai viver, né? A sua mudança de vida. E não é só parar de beber. É mudar em tudo, né? Fazer uma reformulação de vida também.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 03: *O, a visão da, da, da sociedade tem que ser muito boa em alcoólicos anônimos. Porque alcoólicos anônimos, é te falar com você. Não tem outro, não tem outro, não tem uma clínica nenhuma, não. Somente alcoólicos anônimos porquê. Vou te falar com você, que ele é fantástico. Aquilo ali salvou a minha vida. E salvou a vida de todos que forem, depende de*

querer.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 03: *Como o alcoolismo é visto? Para mim, é uma das piores drogas que existe na face da terra. Porque ela não é proibida. Você encontra ela até na padaria para comprar.*

Membro 04

Idade: 42 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 13 anos

Escolaridade: 2º grau

Estado civil: solteiro

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 04: *Eu comecei a beber quando eu era pequeno, né? Comecei por motivo psicológico, vendo meus parentes beber em casa, no começo era maravilhoso, depois só foi piorando com o tempo.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 04: *13 anos atrás, quando eu já não me controlava mais, fisicamente também, né? Seu estômago, o organismo, não consegue lidar mais com o organismo, porque você fica com dor de barriga, né? Esses trems, os caras não falam, mas a verdade é essa, né? Sente fraqueza.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 04: *Nos alcoólicos anônimos.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 04: *É, de ser chamado né, de pinguço, vagabundo, mentiroso, e palavras de baixo calões.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 04: *Conheci por um amigo, que é do grupo também! A gente fala por abordagem, né? Eu já ajudei muita gente, nossa senhora, muita gente. O cara não vem da primeira vez, você tem que ficar insistindo com ele. Não existe caso perdido pra nós não, não existe ninguém perdido pra nós. Parece que a pessoa chega dentro de AA, ela muda, mesmo ela não querendo ela muda.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 04: *Renasci denovo.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 04: *Lembrando, né? Que não posso jamais voltar lá fora.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 04: *É as palavras franca, né? É uma terapia em grupo, é porque ali o cara está falando em sua frente né, não tem nada, ele pode mentir, mais não é aquela mentira assim que vai te prejudicar, né? Só vai te ajudar é verdade.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 04: *O significado, é, se fosse pra mim escolher uma primeira coisa na minha vida, ia ser os alcoólicos anônimos. Tudo, né? Tudo tem que passar pelos alcoólicos anônimos pra mim.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 04: *A reunião dos alcoólicos da Anônimo é dividida em duas partes, né? A prece da serenidade que é o começo da reunião. E as palavras francas, né? Aí tem a hora do café, onde você pode ir para um canto para conversar sem falar coisas do alcoolismo. E a segunda parte da reunião, que é onde nós falamos sobre a nossa sobriedade, né?*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 04: *Eu leio muito pouco. Só dentro da minha reunião mesmo. Não procuro internet, nada disso.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 04: *Eu acho que não tem preconceito não, no meu ver não tem preconceito não.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 04: *Para nós, alcoólicos anônimos o alcoolismo é visto como uma doença. Para as pessoas que não entendem isso, acha que tem vagabundagem, não é mal, né? Como posso descrever aqui, né? Ah, safadeza da pessoa que não quer parar de beber, né, eles pensam assim. Mas para nós não, para nós não, é uma doença. Entendeu, eu considero uma doença para ser tratada.*

Membro 05

Idade: 69 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 25 anos

Escolaridade: 4º série, primário

Estado civil: divorciado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 05: *Eu comecei a beber no interior, né? Eu ainda era menino novo ainda. Eu saía para pescar com os rapazes adultos no Rio. E nesse intermédio lá, nós pegávamos os peixes e levávamos para um tal de Oliveira. E lá nós fritávamos esses peixes lá. E aí eles começaram a beber pinga, começaram a me dar uma dozinha de pinga, com canelinha, esse negócio, aí eu comecei. Depois, nesse passado tempo, aí nós começamos, eu e meus meninos lá, começamos a comprar. E comprar canelinha pura, depois nós começamos a misturar. Nós íamos nadar, nós levávamos os litros de canelinha lá para os meninos. E aí, quando eu vim para Belo Horizonte, eu vim com 12 anos, já vim um alcoólatra. Já vim um alcoólatra e aqui eu continuei no alcoolismo.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 05: *O momento que eu achei que eu precisava, eu achava que eu nunca precisava de ajuda. Porque eu achava que eu conseguia parar por livre e espontânea vontade. Eu achava que a hora que eu quisesse, eu parava. Então, aí eu pensei comigo, falei, você quer saber uma coisa? Eu posso beber quando casar, eu paro, que diz que eu ia prejudicar a minha família, quando o casar, eu paro e tal. E aí foi, até os 21 anos, bebendo desse jeito. Mas nunca tive esse negócio de cair na rua. Mas, a partir da hora que eu achei que o alcoolismo me dominou, me dominou mesmo, eu casei e não consegui parar.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 05: *Não, eu não busquei tratamento nenhum. É, o tratamento meu foi através da abordagem de algum companheiro que, é plantou uma semente, chegou perto de mim e perguntou se eu queria paralisar com o alcoolismo. Eu falei que queria, mas não tinha jeito. Um dia, em 2000, eu precisei de parar e fui para os alcoólicos anônimos, e vim para alcoólicos anônimos no ano de 2000, e continuei, graças a Deus.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 05: *Sim, o preconceito que eu sofri foi o seguinte. No final, eu vi que eu não era convidado para a festa, não era convidado para nenhum ambiente, porque eles achavam que eu ia atrapalhar o ambiente, porque eu já chegava alcoolizado. Eu já chegava alcoolizado e, nisso, as pessoas não estavam me convidando nem para aniversário mais.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 05: *Como eu já disse, através de uma sementinha plantada. É um companheiro que chega perto do outro e vê o sofrimento dele e pergunta se ele quer parar de beber. Se eu quisesse parar de beber, ele me levava em algum lugar que eu paralisava com o alcoolismo. E sempre eu perguntava onde. Sempre eu perguntava em que lugar e eles não me falavam. Eles falavam, vamos lá. Aí, quando foi um dia, no ano de 2000, eu vi que eu tinha perdido esposa, tinha duas esposas, tinha perdido o domínio da minha vida e eu resolvi procurar a irmandade de alcoólicos anônimos sozinho. Mas eu já sabia onde que era e eles já tinham me falado.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 05: *A minha vida mudou totalmente porque eu comecei a enxergar o mundo de frente. Comecei a levantar de manhã, já não ter aquela necessidade de procurar um boteco de manhã cedo. Isso que eu comecei a ver de manhã, eu já chegava, já almoçava, já jantava, uma coisa que eu não fazia. Então, aí que eu senti que, que eu vi o meu progresso foi aí.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 05: *Porque a sobriedade da gente em alcoólicos anônimos é dada pela boca e tomada pelo ouvido. O remédio dentro da Irmandade de Alcoólicos Anônimos. Porque eu fui saber que o alcoólico anônimo é uma doença incurável e de fins fatais porque eu cheguei, eu vi companheiro num sofrimento pior do que eu e eu achava, achei que agora chegou a minha hora de resolver a minha vida e as coisas foram mudando.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 05: *Justamente a hora das palavras francas, né? Porque são 10 minutos para cada companheiro, né? Porque aqui não importa cor ou raça não tem preconceito o AA é um lugar independente não exige nada, não paga nada e foi aí que eu fui gostando da Irmandade de Alcoólicos Anônimos porque aquelas palavras francas foram entrando na minha cabeça e o meu assessor falando comigo que eu era muito importante aí eu achei que realmente eu era um cara importante porque Alcoólicos Anônimos é um hospital que não dá alta, é uma escola que não dá diploma.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 05: *Para mim o Alcoólicos Anônimo é tudo é tudo na minha vida, né? Para mim é um prato de comida é, é um banquete espiritual é, é onde que eu consigo, é, é me acalmar é onde que eu consigo acreditar que eu sou eu mesmo naquele momento e é assim que a minha vida mudou é assim que eu vivo, eu vivo Alcoólicos Anônimos.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 05: *A reunião dos Alcoólicos Anônimos é, é uma coisa muito simples, né? Como eu estou dizendo aqui são duas horas de reuniões só e, e são, são 22 horas lá fora então, né? Quer dizer com aquelas duas horas aqui é que a gente começa a sentir gosto pela irmandade de*

Alcoólicos Anônimos e a gente vê que vou voltar no outro dia porque outro dia vai ser melhor; outro dia vai ser melhor e assim a gente vai acreditando que a minha vida a gente pode mudar.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 05: *Olha, assistir eu não assisto muito não o que eu gosto de Alcoólicos Anônimos é ao vivo, né? Porque eu não sou muito de, de ver Alcoólicos Anônimos online porque é pra mim não me ajuda o que me ajuda é a reunião presencial e é assim que eu venho fazendo todos os dias eu ia no boteco todos os dias eu venho no AA pode estar com chuva, pode estar com sol pode estar de jeito que for que todo dia eu tenho minhas duas horas para frequentar a reunião.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 05: *Ah, eu acho que o Alcoólatra é muito criticado, né? Pela sociedade porque ninguém não, não sabe e muita gente ainda não sabe que o Alcoolismo é uma doença incurável de fins fatais e muitas pessoas têm um Alcoólatra na família e acham que ele é sem vergonha acham que ele é safado, acham que ele é isso e aquilo não é, o Alcoolismo é uma doença incurável de fins fatais e através de Alcoólicos Anônimos que nós fomos descobrir isso.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 05: *O Alcoolismo ele é, é, o Alcoolismo na verdade, né? Como eu já disse aqui, né? Ele é discriminado ele é discriminado, né? Porque a gente não quando chega a perder o domínio da nossa vida aí que a discriminação vem onde que a gente chega eu estou falando que a gente perde a identidade da gente que eu por exemplo, eu perdi nem assinar mais eu não estava sabendo assinar meu nome certo depois que eu entrei em Alcoólico Anônimo minha assinatura é que eu acertei a minha assinatura que não dava certo não coincidia com a da tremedeira.*

Membro 06

Idade: 50 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 12 anos

Escolaridade: 7º série, ensino fundamental

Estado civil: casado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 06: *Olha, eu comecei a beber com 16 anos. Nessa de beber, de achar bonito, eu pulei, né? Um vício puxou o outro, porque o pai de toda droga é o álcool, o alcoolismo. E nessa eu fui experimentar a droga, né? Na qual eu experimentei todas as drogas e nessa só fui afundando.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 06: *O momento foi quando eu montei, né? Minha própria empresa e nesse caso eu comecei a perder o domínio, né? De cliente, de dinheiro. Acabou que eu perdi duas empresas por causa do álcool e por causa da droga. Aí eu procurei essa alta ajuda, que hoje é de muita valia pra mim, né'?*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 06: *A bebida, não busquei tratamento. Já fui em igreja, já fui ne em encontro, várias coisas, né? Que fala em, que falam de coisas boas, de Deus, né? Mas nada foi possível. A única coisa que hoje está me valendo, que é possível, é só o Alcoólicos Anônimos.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 06: *O no início não, né? Que era bonito, era, né? É tudo no início, o alcoolismo, você não percebe que você está indo no fundo do poço, né? Então no início nada foi ruim, mas depois você vai prolongando. Toma uma hoje, amanhã é o vício vai te tomando, vai te tomando. Igual falei que eu perdi, né? minhas duas empresas e hoje estou recomeçando de novo. E*

aguentei várias humilhações, tanto na bebida quanto na droga, né? Me humilhando pra comprar fiado, ganhando nome de noiado, de cachaceiro. E isso Tudo, né? Tudo quanto é coisa ruim, de humilhação, a gente passa por ela.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 06: *Eu conheci, igual falei, né? Através, depois que, cliente meu que viu que eu estava no fundo do poço, pedindo aí 10 reais emprestado, na noite, em boteco, né? E teve um cliente meu que viu e sentiu muita pena. Ele já frequentava os Alcoólicos Anônimos, já era conhecimento dele. E me perguntou se eu não queria parar de beber, né? Porque conheci um lugar que ajudava eu parar de beber. E nisso eu falei que queria sim. E acompanhei ele e conheci essa obra maravilhosa na qual venho frequentando, né? Que está me salvando a minha vida, né?*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 06: *Ah muda tudo, né? A primeira coisa é a integridade, né? De homem. Voltar de novo a, a ser respeitado. A olhar nos olhos das pessoas de cabeça erguida. De conquistar a confiança de novo, né? Ter caráter de novo. Porque o, o, o alcoólatra ele não tem caráter, ele não tem, é mentiroso, a gente se torna, né? Assassino de matar sentimento das famílias, né? De todo mundo. Então a gente se torna isso tudo, né? Porque o assassino, a pior coisa é você matar sentimento das pessoas que mais amam a gente.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 06: *Ah me ajuda porque o programa ele é sugerido, né? Em alcoólicos anônimos ninguém manda. Todo mundo que é ingressado em alcoólicos anônimos, tudo o que é falado na cabeceira de mesa, as palavras francas, cada um vai lá e dá seu depoimento, sua experiência. Um perdeu uma família, conseguiu de novo. Outro perdeu uma empresa igual eu, consegui de novo. Então isso ai me ajuda muito e não pretendo sair, não.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 06: *É, é aquilo que eu falei antes, né? Manter a sobriedade. É, não, em alcoólicos anônimos ninguém manda. E isso ajuda a gente demais. Todo mundo tem a mesma proposta, de crescer, de parar. Manter sóbrio, esse é o propósito.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 06: *O, hoje, depois de tudo, de ter conhecido, não falando de religião, que a gente não entra em conta conversa, né, sobre religião, política, né, em nada aqui, né, alcoólicos anônimos. Então, alcoólicos anônimos, né, eu já fui, já igual falei, eu já fui em várias instituições, né, pra tentar me curar, mas a gente depois vem aprendendo alcoólicos anônimos, que não tem cura realmente, a gente tem que frequentar e admitir, né, que é impotente perante o álcool. Eu só consegui em alcoólicos anônimos. Então, alcoólicos anônimos, pra mim, significa meu nascimento de vida de novo, né, eu nasci de novo, eu comemoro a minha data, né, como se eu estivesse nascendo de novo, porque eu vivia vegetando na minha vida. Então, alcoólicos anônimos, pra mim, é tudo. Eu não posso largar alcoólicos anônimos. Alcoólicos anônimos me ajudam a criar minha família hoje, me ajudam a manter minha empresa hoje. Alcoólicos anônimos, pra mim, hoje, falando de alcoólicos anônimos, é tudo na minha vida, é minha vida.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 06: *A reunião de alcoólicos anônimos, né? Ela, ela começa, né? Com a prece e ela é dividida, né? Em 4 partes, né? Se tiver o reingresso, né? Alguém for ingressar. Tem a tradição da 7ª colheita, que é só os membros de alcoólicos anônimos que podem dar seus donativos. Porque nós somos autossuficientes, até para nos ajudar mesmo. Que nós que temos que levar a obra para frente, dar aquilo de graça, né? O que nós recebemos de graça. E ela termina também com a prece da serenidade, o termo de responsabilidade, né? E aí sim, ela é realizada nessas partes aí.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 06: *O é igual hoje mesmo, né? Na reunião aqui que você está presente, você viu vários depoimentos aí. Que teve um companheiro nosso que ele, o juiz, né? Pediu ele uma análise de, de, é de cabeça e, e alguma coisa que ele tinha que provar. E pediu que ele ingressasse nos alcoólicos anônimos, para ele não ver o que ele ia arrumar com ele, né? De alcoolismo, esse trem, tudo. E ele veio e ingressou no alcoólico anônimo. E, e alcoólicos anônimos, né? Os membros que estão na dianteira, que todo ano é uma votação, quem vai tomar conta e tal, que é o que está na dianteira, passou um carimbo com a assinatura dele. Esse companheiro nosso levou no juiz e o juiz aceitou. Então os alcoólicos anônimos está em 200 e poucos países. Foi fundado nos Estados Unidos por Bill e Bob. Então é, é respeitado no mundo todo, porque ele salva vidas.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 06: *É a visão da sociedade, para quem já teve, quem tem problema, que todo mundo, eu acho que toda a família tem problema com o alcoolismo. Tem um no álcool, na droga, que hoje está difícil não ter um que tem na família e que não tem um problema com o alcoolismo e droga. E quem chega ao conhecimento dele, que a gente vai, né? Transmitindo a palavra, que é salvo, a sociedade que tem que leva isso a sério, que já passou tanto sofrimento igual a minha família, eu perdi família e consegui de novo, graças ao poder superior, quem tem o conhecimento, a sociedade ela é de muita valia e valor para a sociedade. Eu só vejo se falar bem. Só uns que não tem conhecimento de causa, que ainda brinca, né? Que é álcool demais. Mas isso aí para a gente, a gente já sabe que as pessoas que não tem conhecimento, elas brincam mesmo e tudo, mas algum dia precisar a gente está de braços abertos para receber.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 06: *Ó, o alcoolismo, igual falei agora de família e tudo, o alcoolismo, ele hoje eu estou vendo aí as crianças tomando, né? De 13 anos, 12 anos, tudo, né? Achando bonito, um tal de gelinho os negócios. Isso antes a gente tomava pinga, né? Na minha época e, e começava de pinga das roças, hoje não, hoje eu falo não de religião, mas eu falo de um poder inferior, né? Ele traça as pessoas, o mundo atual e ele vai modificando, e vai modificando as coisas. E hoje as bebidas é bonita, é fumacinha, eu vejo hoje que eu não usei essas bebidas, mas essas aí é igual eu antes começou achando bonita e tudo, e realmente ela vem tragando, né? Os adolescentes, as crianças, e no fim acaba igual eu, né? Cheguei em Alcoólicos Anônimo e acabado, mas graças ao poder superior, hoje sim, hoje eu posso falar que eu sou sóbrio.*

Membro 07

Idade: 60 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 13 anos

Escolaridade: 4º série, primário

Estado civil: casado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 07: *Bom, eu comecei a beber foi... com 18 anos, né? Com 18 anos eu comecei a beber aí eu discriminava a droga também, né? Não gostava de droga, né? E depois eu conheci*

a droga também, né? Aí eu fiquei no álcool, na droga, na maconha, né? Depois foi passando o tempo e eu conheci a cocaína, né? Aí depois passou mais um tempo e eu conheci o crack, né? E aí que foi meu fundo de posto, né, cara? Aí eu fiquei no álcool e no crack, né? Então, pra sair fora do crack foi bravo, né? Eu tinha ingressado aqui em 99 e não tinha conseguido ficar, né? Eu usava droga e me empurrava consegui 1 ano sem ingerir o primeiro gole e usando o crack, né? Aí um companheiro levantou ali e falou assim, foi na cabeceira de mesa e falou assim, quem vinha drogar tava bêbado a mesma coisa, né? Realmente tava mesmo então, eu fiquei com raiva do companheiro não gostei da palavra franca dele e acabei voltando lá fora, né? E fiquei uma temporada boa lá fora sofrendo nas drogas, nas bebidas, né? Nos botecos né? Nem igreja adiantava pra mim, né? Igreja, encontro, pós-encontro batizei, ganhei bíblia, e nada, né? Daí eu descendo ali a rua, né? Eu vi a luz de AA acesa eu tava indo pra igreja nem igreja, eu tava caçando um refúgio, né? Aí eu procurando um refúgio fui na igreja Universal e lá veio, né, um despertar espiritual, né? Veio, né, um despertar assim pra mim voltar e pedir meu reingresso no AA Porque eu lembrei que tinha ficado aqui um ano e tinha funcionado pra mim aí eu deixei a igreja lá pra trás e vim pedir meu reingresso E nisso eu estou com, cheguei meus 13 anos de AA Graças a Deus, né?

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 07: *Ah, o momento que eu precisava de ajuda foi quando o pessoal, né, começou a me ameaçar eu tava arrumando muito problema tumulto, né? Processo, polícia na minha porta uma bola de neve, né? Aí eu falei, né? Agora eu vou ter que procurar ajuda, né? Porque tava difícil pra mim porque se eu ficasse lá fora bebendo, usando droga eu podia até perder minha vida, né? Então, foi isso aí, né?*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 07: *Não, eu nunca busquei tratamento, o, o único tratamento que eu consegui buscar foi no AA, né? E porque antes eu tava indo na igreja, né, eu procurei igreja, né, igual foi falado aí que eu fui em encontro, pós-encontro batizei em igreja e não tava funcionando pra mim, não e o AA funcionou pra mim, né, porque eu larguei a igreja lá e vim pedir o reingresso e hoje tá, funcionou beleza pra mim.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 07: *Bom, no começo é igual eu falei. No começo o meu preconceito era pra quem usava droga, né, e os drogado, eu não gostava muito de drogado não, e acabei virando maconheiro, né? cheirador de pó, depois eu viquei no crack, né? Então, o meu preconceito o preconceito que eu tinha era esse.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 07: *Eu conheci o grupo de alcoólicos anônimos foi obrigado, né, porque eu tava com processo, né, na juventude na parte da juventude e o juiz lá ele me pediu um laudo físico e mental, né, aí eu tive que ir em uma declaração do AA, né, aí eu tive que ingressar praticamente forçado pra me poder levar a declaração pro juiz, né, pra me provar que eu não era doido que quem me denunciou tava falando assim que eu era doido aí eu marquei com , o psiquiatra fiz tudo direitinho do jeito que o juiz é me indicou e librei do processo, graças a Deus.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 07: *O que mudou em minha vida, mudou em tudo, né, em todas as partes mudou em nas partes, né, de financeiras as pessoas confiam mais em mim hoje, né, e foi bom demais eu tô muito feliz, graças a Deus deu tudo certinho pra mim.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 07: *As reuniões de alcoólicos anônimos ajudam demais, uai, porque é pela palavra franca da gente que a gente cura, né, é através dos acertos das pessoas lá fora que bebiam usavam drogas, então aquilo vai entrando dentro da mente da gente e vai limpando, né, e a gente vai recuperando foi isso que aconteceu comigo.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 07: *O que eu julgo as coisas mais importantes, bom as coisas mais importantes pra mim, né, em alcoólicos anônimos é as palavras francas, né, os companheiros os ingressos, né, os reingresso que eu espelho nisso aí, né, porque eles vêm pra mim falar que lá fora tá do mesmo jeito que eu deixei.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 07: *Significa tudo pra mim, hoje, o AA é acima de tudo, né, Deus em primeiro lugar e o AA em segundo lugar AA, né?*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 01: *Como que é a reunião, é a reunião dos alcoólicos anônimos é tranquila, né? É uma reunião pacífica que, né, a gente ouve, né? A palavra, é, o remédio é dado pela boca e alimentado pelo ouvido.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 07: *Bom, eu não sou muito de ler não, é, de ver filme, esses negócios não, né? eu levo mais é na prática, né cara, eu tenho que viver a prática pra mim, pra funcionar pra mim.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 07: *Bom, a visão aí fora que eu vejo que eu tô enxergando, é falando de mim, né, eles veem um espelho eu sou um espelho aí fora hoje do que eu era antes e do que eu sou hoje, né, graças a Deus.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 07: *Uai, o alcoolismo é visto, né, é fundo do poço, né cara, o alcoolismo, droga, é pra você vê que tem a pingolândia tem a cracolândia, né, então pra uma pessoa sair lá da pingolândia ou da cracolândia, né, pra vir pro AA é muito difícil, né, então tem que ter muita força de vontade, tem que querer, né, o mais importante é o querer.*

Membro 08

Idade: 64 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 15 anos

Escolaridade: 2º grau

Estado civil: divorciado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 08: *Eu comecei a beber com 13 para 14 anos. E... Nas baladas, nas festinhas, e,*

bebia como se diz o outro, socialmente, né? E acabei chegando, tornando alcoólatra.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 08: *Eu notei quando eu precisava de ajuda, foi quando eu já estava aí com 28 anos de idade. Recém-casado. Não dava conta mais de sustentar a minha própria família, né? Aí eu tive que procurar ajuda e encontrei no AA.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 08: *Não, eu vim diretamente do Para os Alcoólicos Anônimos. Não procurei nenhum tipo de tratamento.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 08: *É, eu muitas das vezes eu chegava nos lugares para poder... Era rejeitado, né? Eu já entrava nos bares. Já era excluído ali daquela pessoa que estava ali dentro. Muitas das vezes o próprio dono do comércio que mandava a gente sair e ir embora expulsava, né, a gente dentro do comércio para poder fechar. Então era assim, principalmente assim.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 08: *Eu conheci o grupo de alcoólicos anônimos através do meu cunhado. Em 88 ele me fez abordagem, né? Eu vim, eu ingressei em 88 e fiquei. Permaneci aqui dentro por 17 anos. E tive uma recaída por falta de frequentar as reuniões. Porque o único remédio que tem é frequentar as reuniões.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 08: *Na minha vida, automaticamente mudou. Mudou do vinho pra a água. Mudou tudo, tudo, tudo financeiramente. Embora a gente não venha cá para poder procurar bens materiais, e sim para poder recuperar do alcoolismo. E as outras coisas vem nos acrescentando, o AA vai nos dando condições de você prosperar.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 08: *Frequentando as reuniões. Frequentar as reuniões todos os dias.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 08: *A humildade. A serenidade. E as palavras francas também. A troca de experiência.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 08: *O alcoólico anônimo para mim, na minha vida, significa tudo, tudo. Abaixo de Deus, o alcoólico anônimo para mim é tudo na minha vida. Abaixo de Deus é ele que domina a minha vida. Eu assim, me enraizei, é o AA.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 08: *Bom, a reunião de alcoólicos anônimos ela é uma reunião que é dividida em quatro partes. Que né, a primeira é ingresso. A segunda é reingresso. A terceira parte é a troca de medalhas, né? E a quarta parte é a palavra franca. A palavra franca é qual, é aquela troca de experiências. É igual eu falei, é um paradoxo, né? É o sofrimento de um, daquele que está chegando, ajudando aquele que já se encontra aqui dentro.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 08: *Não, eu assim não leio muito, não sou muito fã de literatura dentro de AA, porque às vezes a pessoa começa muito a ler as literaturas, as coisas ai, e hoje tem muita mudança. Eu sou daquele AA antigo, tradicional. Eu particularmente, eu discordo com qualquer tipo de mudança que tem dentro de AA em relação a prece da serenidade, é o preâmbulo de AA, horários de reuniões. Eu mantenho os antigos, entendeu? as tradições.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 08: *Hoje o alcoólico anônimo na sociedade ele é bem-visto. Antigamente era muito anonimato, antigamente não se falava em AA. A gente chegava, era de porta fechada, chegava caladinho, escondidinho, né? Realmente, porque muitos falavam que a nossa recuperação, era o anonimato era o alicerce da nossa recuperação. Hoje não, hoje já é mais divulgado, né, pela televisão, rádio, tudo hoje comenta muito.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 08: *Hoje, para os jovens, o alcoolismo é visto como, como se diz, é, há, não tem nem como expressar, pra eles acha normal. Hoje nas baladas, tudo, os meninos jovens aí. Depois, como a gente sabe, é uma doença progressiva incurável, de fins fatais, porque ninguém, dentro do AA, ninguém começou bebendo num garrafão de 5 litros, todo mundo começou com as pequenas doses, socialmente. Então muita gente acha bonito você estar sentado numa mesa de um barzinho, com um copo de uísque, com um campari, com gelinho. Mas automaticamente ele vai aumentar o grau do alcoolismo dele e vai acabar chegando pedindo um a fiado nos piores botecos do próprio bairro dele, isso é o que acontece.*

Membro 09

Idade: 45 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 02 meses

Escolaridade: 2º grau

Estado civil: divorciado

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 09: *Bom, é, a história começou, quanto eu tinha aproximadamente entre os 14 e 15 anos de idade, e eu ali, por influência de, de amigos, de relacionamentos e, por influência também eu acredito que familiar, vendo os meus pais beberem, em festas, em reuniões. E aí eu comecei, aproximadamente, entre os 14 e 15 anos, a frequentar festas e festas com pessoas da minha idade, né? Eram aquelas festas do estilo americana, né? Que a mulher levava o salgado, o homem levava o refri, o refrigerante. E eu, quando eu levava o refrigerante, eu levava uma garrafa de vodka também. Então aí eu comecei a me habituar a beber. Então com 16, 17 anos eu já bebia, eu já tinha o costume de beber, de sair pra beber. Eu, muitas vezes eu falava que ia pra aula de manhã cedo, e eu ia pro centro de Belo Horizonte pra poder reunir com outras pessoas da minha idade e beber. Então desde cedo eu acostumei a beber. Então o álcool, ele, ele fez parte da minha vida desde o início, e chegou um momento que eu percebi que eu estava sendo dominado pelo álcool, né?*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 09: *Então eu percebi que eu precisava de ajuda. Eu tinha 30 anos de idade, 31 na verdade, 31 anos de idade. Foi quando eu misturei o álcool com drogas. Porque também a questão da droga, também veio muito cedo, né, com os 15, 16 anos eu comecei a usar maconha, com 17 eu já usava cocaína, bebia, tudo misturado, né? E, então até os 30 anos eu conseguia, é ter uma vida, beber, usar drogas e continuar vivendo, né, continuar tendo uma vida, é entre aspas, normal, né, eu bebia durante o final de semana, bebia muito, usava muita droga. O dinheiro acabava, chegava segunda-feira, não tinha dinheiro nem pra poder ir trabalhar, eu tinha que pedir pros meus pais. E aí eu consegui levar isso até os 30 anos. Mas quando chegou os 30 anos, é eu comecei a ter, ter crises muito fortes de uso, né, compulsão muito forte devido ao uso de, de crack. Eu usei crack, né, fui um independente químico também. Então com os 30 anos eu comecei a sair de casa na sexta-feira e só aparecer no domingo. Eu ficava desaparecido dois dias, né, usando drogas e bebendo. E aí eu era casado, eu passei num concurso público, eu fui mandado pra trabalhar no interior. No interior eu comecei a beber todos os dias, usar droga praticamente todos os dias. E aí as pessoas começaram a perceber que eu tava ficando diferente o meu chefe, dos meus colegas de trabalho. E aí teve uma vez que eu saí e fiquei quatro dias desaparecido. E eu fui encontrado numa boca de fumo. E aí, dali eles me mandaram de volta pra Belo Horizonte, pra poder trabalhar aqui em Belo Horizonte e pra poder fazer um tratamento. Eu fui pra uma aula psiquiátrica, fiquei na aula psiquiátrica, saí da aula psiquiátrica. É, eu era casado, eu me divorciei nesse período que eu fiquei no interior, de um ano, devido à eu ter conhecido outra pessoa. Mas eu posso dizer que tudo foi consequência do álcool e das drogas, a falta de responsabilidade, de caráter. Tudo foi destruído devido ao álcool e drogas. E aí em Belo Horizonte, depois de passar por essa aula psiquiátrica, eu convidei essa namorada que eu tinha aproximadamente um ano, depois que eu terminei meu casamento. Ela veio pra Belo Horizonte, eu tinha um carro. Aí a gente foi pra um sítio que meu pai tem, pra poder passar o final de ano. E eu peguei drogas e levei. E aí, chegando lá eu usei, ela viu, ela achou ruim, meu pai achou ruim, vai embora, vai embora. Eu fui embora com ela. E aí eu comecei em Belo Horizonte, a gente tava no interior, vim pra Belo Horizonte. E em Belo Horizonte eu comecei a usar drogas junto com ela, mas só que ela não usava, eu levava ela nas bocas de fundo, pegava, ia pra algum motel e usava ali dentro do motel, com ela me vendo usar. E chegou um determinado momento que eu fui dentro da boca pra poder buscar e ela saiu do carro e foi embora, sumiu. E eu continuei usando mais dois dias. E no segundo dia eu, muito louco, muito comprometido devido ao uso de drogas. Eu liguei pra minha família, falei que eles*

iam ver uma cena impressionante. E eu peguei o carro, era uma descida, a casa dos meus pais era no alto, né, em cima de duas lojas. E falei com eles pra ficarem na janela. Eu peguei o carro, bati de frente a casa dos meus pais, com todo mundo na porta, né, na janela, meu pai, minha mãe, minha irmã, minha namorada na época. E tentei suicídio, né? Aí dali eu fui pra uma aula psiquiátrica de novo, dali eu fui pra minha primeira internação. E nesses últimos 15 anos eu passei por diversas internações e hoje eu procuro a minha recuperação novamente. Eu não desisti de mim, muitas pessoas desistiram, né? Mas eu não desisti de mim e encontro hoje em sobriedade.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 09: *Então, a primeira vez que eu busquei o tratamento foi justamente depois desses episódios que eu narrei anteriormente. Foi que eu descobri com uma psiquiatra que existia grupo de 12 passos. Eu conheci primeiro narcóticos anônimos, hoje eu frequento alcoólicos anônimos, porque hoje eu entendo que eu tenho problema com bebidas também. Então quem me indicou primeiro a frequentar reuniões de 12 passos foi uma psiquiatra, que falou que seria bom pra mim. E realmente os maiores períodos que eu consegui ficar sóbrio na minha vida foi frequentando reuniões.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 09: *Sim, sofri vários tipos de preconceitos, né? Eu sofri preconceito dentro de casa, né? Eu sofri vendo meu pai falar que eu era um vagabundo, que eu era um safado, que eu tinha me tornado um drogado, um alcoólatra, que minha vida não ia pra frente. Eu sofri preconceito no trabalho, né? Que hoje em dia é chamado de assédio moral, né? E eu quando eles perceberam que eu tinha problema com álcool e drogas, quando eu voltava de alguma internação eles me colocavam de lado, né? Não conversavam comigo, não me dava trabalho, eu era funcionário público, então pra eles tanto faz, tanto fazia. Então eu ficava encostado, então aí eu passava o dia ansioso, ocioso, né? Sem atividade. E isso me causou muito mal, eu acredito, né? Que isso me motivou várias vezes a recaídas, porque eu percebo que essa questão de ser um alcoólatra e um dependente químico carrega um estigma muito grande, né? Carrega um estigma muito grande, né? Uma pessoa quando ela tem diabetes, ou tem um câncer, ou tem alguma outra doença, as pessoas acolhem muito mais, né? O alcoólico, o alcoólatra, o dependente químico, ela carrega um estigma de safado, de vagabundo, hoje em dia eles dão o*

nome de noiado, muito preconceito, né? Devido o que a doença faz no indivíduo, né, faz o indivíduo mentir, faz o indivíduo algumas vezes roubar, faz o indivíduo fazer coisas que provavelmente ele não faria se não estivesse sob efeito de álcool e drogas.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 09: *Olha, eu conheci o grupo de alcoólicos anônimos, foi posteriormente eu conheci o grupo de narcóticos anônimos. Eu já sabia que os grupos de doze passos vieram do grupo de alcoólicos anônimos, que foi criado por dois senhores, né? O doutor Bill e o doutor Bob. Bill e doutor Bob. Foram criados por esses dois homens em 1935, então eu sabia que narcóticos anônimos é um grupo que surgiu após o AA. E aí depois eu tive interesse e fui procurar o AA. para poder participar das reuniões também.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 09: *Olha, eu sou ingressado em alcoólicos anônimos e narcóticos anônimos já tem 15 anos. Eu tive várias recaídas, mas o que mudou nos períodos de sobriedade é que eu voltei a ser uma pessoa aceita pela sociedade, pela família. É, eu voltei a, a fazer as minhas atividades de lazer, de estar junto com a minha família, com amigos. Então isso foram mudanças significativas e hoje são mudanças que novamente eu estou buscando mais uma vez, né? Porque eu posso dizer que agora eu vou completar 60 dias de sobriedade. São mudanças que mais uma vez eu estou trazendo para a minha vida, né? Mas sabendo de uma coisa, que a questão do alcoolismo e da drogadição, ela tem, é, ela não é só a questão do álcool e das drogas, né? Tem a questão da mudança de personalidade e de caráter, né? Isso é muito importante frisar, pelo menos eu me dedico muito a essas mudanças, né, tenho me dedicado muito a essas mudanças. Porque eu percebo que as minhas últimas recaídas foram devido aos meus comportamentos, à vida que eu levava. Eu só deixava de usar droga, né, mas eu continuava com alguns defeitos de caráter que na maioria das vezes me levaram a recaídas.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 09: *Olha, as reuniões de alcoólicos anônimos me ajudam a manter a sobriedade porque eu vejo testemunho de outras pessoas que têm o mesmo problema que o meu, falando de suas experiências. É, são experiências na área profissional, familiar, emocional, personalidade. Eu vejo mudanças nessas pessoas que eu não vejo em nenhum outro lugar; entendeu, eu frequento igreja, eu não vejo dentro da igreja, é, eu não vejo essas mudanças*

acontecerem simplesmente porque a pessoa parou sozinha. Eu vejo, geralmente eu vejo essas mudanças com pessoas que estão frequentando e realmente estão seguindo os 12 passos. Então hoje eu percebo que eu preciso me espelhar nessas pessoas, nos mais antigos, nos que estão chegando também, vendo que continua a mesma coisa, né, o ambiente do alcoolismo e da drogadição.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 09: *Olha, o que eu julgo ser mais importante nas reuniões de alcoólicos anônimos é justamente isso que eu falei, né, são os testemunhos, né, são as que a gente diz dentro do grupo, a palavra franca, né, então eu acho que isso é muito importante e também acho muito importante a pessoa ir à frente, à cabeceira de mesa, né, que a gente diz, onde fica ali o secretário, as pessoas que coordenam, né, não têm líder, né, alcoólicos anônimos não tem um líder. Alcoólicos anônimos somos nós mesmos que definimos quem vai coordenar e de tempos em tempos isso muda. E eu acho muito importante a pessoa também falar do seu dia, como que foi, o que aconteceu, falar do seu passado, falar do seu progresso, do que está mudando, do que tem acontecido.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 09: *Olha, hoje em dia alcoólicos anônimos na minha vida é, é o mesmo sentido de ter ou não oxigênio, sabe? É questão de sobrevivência. Eu tenho que vir nas reuniões, eu preciso continuar voltando, participando das reuniões, estudando sobre os passos e me dedicando a uma coisa que me faz bem, né? Porque eu preciso disso, porque eu sei que para eu voltar a beber e usar drogas é simples. Se eu sentar em um bar, eu fico ali no bar e começo a beber e o cara fecha o bar, põe o lixo para dentro e me coloca para fora, entendeu é questão de sobrevivência, eu preciso de alcoólicos anônimos.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 09: *Olha, a reunião de alcoólicos anônimos funciona da seguinte maneira. Existe o secretário, que é a pessoa que coordena, existe o coordenador e existe um tesoureiro. Geralmente essas pessoas ficam numa mesa, dentro de uma sala, a mesa fica à frente e na frente da mesa ficam cadeiras em fileiras. E a palavra, ela é, é franqueada, isso significa que cada um que tem vontade de falar expressa a sua vontade com relação a dar a sua palavra, o seu testemunho. Levanta, vai à frente, fica de pé, de frente para os companheiros e ali ela fala sobre qualquer coisa, sobre o que passou no dia, o que aconteceu no passado, o que está*

acontecendo no presente. E fala, vai falando e assim funciona uma reunião de alcoólicos anônimos.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 09: *Olha, eu hoje me dedico, eu me dedico à recuperação cem por cento, 100%, porque eu sei que isso é muito importante na minha vida. Porque o alcoolismo e a drogadição me trouxeram vários prejuízos em várias áreas da minha vida. Área financeira, área familiar, área mental, espiritual, emocional. Então hoje eu procuro tirar algum tempo do meu dia para eu ler sobre os 12 passos, para eu ver algum vídeo que fala sobre alcoólicos anônimos, sobre a história de alcoólicos anônimos. Para eu poder me informar e ter uma condição de um dia também levar essa mensagem, de falar sobre essa mensagem para outras pessoas que estão chegando com propriedade.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 09: *Olha, eu como alcoólico, eu apenas imagino qual que seja a visão. Porque eu acho que a sociedade vê a gente como um bando de vagabundo. Essa é a expressão que eu consigo interpretar; que eu acho que a sociedade vê sobre os alcoólicos e os dependentes químicos. São pessoas que foram fracas, foram pessoas que realmente passaram uma fase da vida desperdiçando seu tempo. Eu acho que a sociedade em geral deveria ter uma compreensão melhor dos grupos de alcoólicos anônimos e eu acredito que essa concepção poderia ser mudada.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 09: *Olha, o alcoolismo ele é visto, é pela sociedade em geral, não como uma doença, apesar de ele ser caracterizado como uma doença pela Organização Mundial de Saúde, né? Existe um código internacional de doença que define o alcoolismo como uma doença. Então não é simplesmente um defeito de caráter, de personalidade, não é uma safadeza, não é um problema moral. É uma doença que acomete milhares e milhares de pessoas no mundo inteiro, trazendo diversos problemas em várias áreas, acidentes de trânsito, brigas familiares e vários outros tipos de problemas, né?*

Membro 10

Idade: 63 anos

Sexo: feminino

Tempo de frequência no AA: 07 anos

Escolaridade: analfabeta

Estado civil: casada

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 10: Eu comecei a beber foi quando eu conheci meu segundo marido. Meu filho me apresentou ele. Eu não bebia quando eu tinha meu primeiro marido. Aí eu fui morar com meu segundo marido e ele fazia uso do alcoolismo. Dois anos foi muito bom. Mas depois o resto foi só destruição. Eu comecei com a Schincariol. Um primeiro golo foi o suficiente para me sofrer 19 anos. Fazia as coisas que eu nunca pensava de fazer na minha vida, né, uma mulher que nunca tinha pegado uma faca para furar ninguém. Uma mulher que nunca tinha pegado um revólver para atirar em ninguém. Eu cheguei a fazer, né. Chegou um tempo que as pessoas que eu amava, elas eu deixei de amar. Eu não amava nem a minha pessoa própria, né, aí já levei minha família toda para o alcoolismo comigo. Eu ia para o bar, já levava minhas filhas comigo. Dava final de semana, eu trabalhava com uma família muito boa. Dava final de semana, eu tinha que fazer, é vale todo final de semana. Não poder sentar na roda dos escarnecedores de onde que eu saí, né. E, foi que meu marido foi preso e eu continuei a beber mais ainda. Parecia que eu não queria parar nunca. Foi até que chegou a ponto de eu ser despejada da casa do meu marido, por causa da minha sogra, por causa do meu alcoolismo. Mas simplesmente não tanto foi por causa disso. Ela queria que eu pagasse o aluguel para ela e eu falei que eu não ia pagar porque eu tratava do filho dela na cadeia. Então eu não tinha obrigação de pagar o aluguel para ela. Aí ela entrou em processo comigo e me tirou de lá. Mas depois que eu fui para o aluguel, eu sofri mais ainda. Nossa, me dá até dor no coração só de falar o que eu já passei. Eu sofri mais ainda porque eu senti sozinha. Eu já estava delirando. Eu ia para o serviço, eu via pessoas andarem atrás de mim, eu saía correndo pensando que aquela pessoa estava querendo me pegar. Eu chegava no ponto do ônibus, ali é que a pessoa chegava e perguntava para mim, o ônibus já passou? É eu não estou esperando a mentira do cachaceiro. Estou esperando uma pessoa para trabalhar comigo. Aí chegava no serviço, eu ia arrumar lá, eram 24 cômodos, né, com meu banheiro, meu quatinho. Eu ia arrumar. Quando eu chegava lá, assim, que eu acabava de arrumar o quarto, eu via ali, né, eu via a boneca me chamando

para brincar. Vamos brincar comigo? O delírio alcoólico. Comecei a ver aranha, comecei a ver cobra, comecei a ver muitas coisas. Chegou a ponto de eu falar com o meu filho assim, eu vou te dar o meu cartão, porque eu sou pensionista, vou te dar o meu cartão e eu vou morar lá debaixo da rodoviária. Eu queria virar mendiga, porque eu já não estava aguentando mais de tanto que eu estava bebendo. E minha filha usa cocaína, aí ela também me fez sofrer muito, eu comecei a dar comida a ela por debaixo da porta. Foi até que a doente, uma clínica internou a filha, né, mas eu não sabia que eu ia passar por isso tudo, tudo, tudo na minha vida. Foi 19 anos o alcoolismo, os 19 anos foi um destruímento, só sofrimento, dívida. Foi até que um dia eu cheguei para trabalhar, eu tinha bebido sexta, sábado e domingo, até seis horas da manhã. Tomei um banho, quando eu cheguei lá no meu serviço, a minha patroa falou comigo que eu não ia pegar serviço. Eu pedi, era um limão. Ela falou que tinha mandado levar o limão para Betim. Aí eu falei, dentro da geladeira tem. Aí ela foi e pegou o limão, me deu e falou, você vai tomar esse limão, vai deitar na cama e vai dormir, você não vai trabalhar, quando você levantar nós vamos conversar. Eu falei, por que eu não vou trabalhar? Ela falou assim, porque você está fedendo, você está respirando álcool. Então na hora que ela falou aquela palavra comigo, eu preferia que ela me desse um tapa na minha cara. Eu preferia que ela me desse um tapa na minha cara, não ia doer tanto como doeu quando ela me xingou de fedorenta. E realmente, o alcoólico ele fede, ele que não percebe. Foi que, isso foi no dia 16 de 2017, aí quando foi no dia 17 eu fiquei pensando se eu queria vir aqui, aonde estava me convidando. Foi que no dia 20 eu cheguei do serviço, joguei minha bolsa e vim até sem tomar banho. Já que ela me chamou de fedorenta, vim até sem tomar banho. Mas bem antes disso de eu tomar essa decisão, eu tentei suicidar em um prédio de 12 andares. Era o último que nós morávamos e eu ia suicidar. Eu cheguei a cortar a tela, mas eu não tive coragem de fazer isso. Veio o arrependimento total. Foi que no dia 20/12/2017 eu passei por essa porta estreita, mais passei com peso, até que eu não queria nem vir. Parei no meio do caminho, olhei lá para o bar, estava todo mundo sentado, eu queria voltar para o bar. Foi que uma moça passou perto de mim e falou não volta não, segue o seu caminho, porque o alcoólico tinha travado a minha perna. Foi que eu segui o meu caminho, quando eu cheguei no portão eu senti um pedaço estreito de poder passar, um caminho estreito. Eu vim arrastada. Quando eu cheguei na porta da irmandade, a porta ficou tão estreita que eu tive que passar de banda, eu não consegui passar de frente por ela. Ali eu fui escutando os companheiros falar, mas teve dois companheiros que me chamaram muito a minha atenção, porque ele contou o meu sofrimento sem me conhecer. Foi que eu peguei e falei, eu vou ter que ficar. Mas antes disso, o poder superior na nossa língua, né, que na nossa concepção é Deus, ele me deu uma chicotada. E eu não sei ler, não sei escrever. Mas naquele

dia ele me ensinou a ler a prece, o termo, e me ensinou a ler, é, é a placa que fala lá, né, que fala lá para a gente não beber, né, só por hoje, eu tenho que evitar e frequentar as reuniões. Aí esse companheiro levantou, foi lá na frente, quando ele contou a minha vida, eu falei assim, vim cá e perguntei a moça se eu tinha lido certo aquilo ali, que eu tinha soletrado, ela falou, você não sabe ler, não? Eu falei, não, se eu soubesse eu não estava te perguntando. Aí ela virou para mim e falou assim, está escrito, é isso mesmo, que eu já tinha chegado, já tinha começado a reunião. Foi que esse companheiro, hoje eu louvo a Deus por esse companheiro ter ido lá na frente e falado assim, aqui é 8 ou 80, usou a língua dos antigos, ou você fica aqui ou você se arrebenta. Foi aí que eu peguei, eu aceitei. Aí o meu padrinho, foi o meu marido, foi na hora do café, ele virou para mim e falou assim, você vai embora? Eu falei assim, não, eu vou ficar que está gostoso demais. E depois que eu passei por essa porta estreita, eu entrei com problema, mais problema, com aquela gema nas minhas costas, nas minhas pernas, mas ficou tudo por lá de fora. Hoje eu tenho os problemas, com a minha família que ainda alcoólica, mas graças a Deus hoje eu sei resolver sem dar um tiro, sem dar uma facada, sem quebrar uma garrafa, sem quebrar minhas coisas que eu destruía na minha casa em peso. Hoje, graças a Deus, eu agradeço a Deus por esses dois companheiros que teve coragem de usar essa palavra dos antigos para mim. Hoje eu sou feliz, né e graças a esse poder superior, hoje eu posso, eu não sei ler, não sei escrever, mas se eu puder conversar com o presidente da República, hoje que eu posso, porque hoje eu não sou mais fedorenta, hoje eu sou cheirosa.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 10: *Foi o momento mais pior da minha vida. Foi o momento que eu vi o meu filho cheirando o Lolo. Na hora que eu vi ele cheirando o Lolo, aí eu peguei e falei que eu tinha que tomar uma decisão, porque senão, ou eu ia morrer, ou qualquer hora eu poderia encontrar o meu filho morto, ou por bandido, ou por polícia, ou por overdose, né. Foi o momento que eu tomei mais a decisão, foi essa decisão, e o momento que eu fui chamada de fedorenta para minha patroa.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 10: *Não, não busquei tratamento com ninguém, por causa de que, porque eu queria só beber, eu queria só beber, eu não queria mais nada. O primeiro golo para mim foi o suficiente para eu querer só beber. Eu não podia pedir ajuda a ninguém, né. Tinha uma pessoa que era*

da irmandade, que passava sempre lá onde eu estava sentada no bar, e me chamava para me levar a um lugar onde eu ia paralisar. Só que tem que eu não vim com ele. Não vim com ele. Eu vim no dia que eu senti desejo, porque se eu tivesse vindo no dia que ele me convidou, eu não estaria aqui hoje.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 10: *Sim, muito. Porque é muito feio para a mulher, né? Eu cheguei numa época da minha vida, que eu fiquei igualzinho uma criança quando nasceu. Eu tirei a roupa toda, no meio da rua, e teve uma pessoa que me pegou e me levou para casa, para me vestir uma roupa, porque eu rasguei a roupa toda que estava no corpo, mas eu não sabia que era eu no outro dia que tinha feito o que eu fiz.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 10: *Eu passava todos os dias aqui na porta, mas eu não sabia que aqui poderia salvar a minha vida. Por quê? Porque eu não sei ler, né? E ele é bem nos fundos, então não dava para poder ver, né. Foi que aí, além desse companheiro, teve o meu esposo, que nós já estávamos separados, ele vinha na minha casa todo dia, porque ele já conhecia a Irmandade. E eu não conhecia, ele viveu oito anos na Irmandade e eu não conhecia. E eu comecei o primeiro golo, foi com ele, sentado dentro do bar da mãe dele. Aí ele fez um propósito com Deus que ele voltou para a Irmandade e falou que a pessoa que ele mais precisava tirar lá de dentro do sofrimento, da roda dos escarnecedores, era eu.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 10: *Ah, mudou muito. Nossa, hoje eu tenho só o que agradecer. Porque hoje eu não vou mais pegar dinheiro para levar para dar para o botequeiro. Hoje eu não vou, eu posso até comer um pé de galinha, mas antigamente eu deixava de comer para dar para o botequeiro. Eu comprava um pacotinho de arroz de um quilo para mim e meu filho. Eu falava com ele, um ovo é para nós dois comermos. Eu deixava o ovo lá em cima da mesa, um arroz para ele lá, pronto, e ia dar meu dinheiro para o botequeiro. Hoje eu não faço mais isso.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 10: *Olha, é porque eu sou muito assim, prestativa. Eu presto muita atenção nas palavras dos companheiros. E cada uma palavra que um companheiro fala, eu vou juntando elas, igual eu tenho mania sempre de falar. Eu junto elas, encho a minha tacinha de cristal, coloco na minha mão, para quando eu sair da porta para fora, se eu tomar um tropeção, não deixar ela cair. Porque se ela cair, ela espatifar, eu vou espatifar junto com ela também.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 10: *Meus companheiros que estão me ajudando. Esses companheiros meus que me ajudam. E a minha sobriedade.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 10: *Para mim, o significado, que salva a vida, não é, eu, eu fui evangélica. Igual eu falei com meu primeiro esposo, eu não bebia porque eu era evangélica, mas eu apanhei muito dele porque ele bebia, né. Aí eu conheci um que bebia, comecei a beber com ele, né. E hoje, para mim, essa irmandade tem um amor, um carinho muito grande por ela, uma paixão por ela. Por que eu tenho uma paixão por ela? Porque ela me salvou a minha vida. E creio que vai salvar os meus familiares também.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 10: *É uma reunião que, se o companheiro tiver mesmo interessado a ficar sóbrio, ele frequenta as reuniões todos os dias na medida do possível. Agora, eu não, eu tenho que vir todos os dias. Por quê? Porque eu sou doente. Uma tampa de caneta para mim é o suficiente para fechar os bars todos onde eu moro. Porque eu era barraqueira, eu quebrava os bars, eu quebrava tudo. Portanto, teve um dia desse eu subir de ônibus, do primeiro bar que eu bebia estava fechado até quando eu cheguei perto da minha casa. Eu falei, gente, será que o pessoal está com medo? Será que achou que eu voltei a beber? Mas não, hoje eu não posso fazer isso mais.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 10: *Olha, assim, pelo que os companheiros falam, muito no Bill e Bob, né, quando eles chegaram, né, que eram só os dois, né, e hoje não, hoje nós somos uma corrente, né. Porque dois homens formaram os Alcoólicos Anônimos. Para milhares e milhares de pessoas hoje, que*

viviam caídos na rua, na ponte, às vezes querendo virar mendigo, igual eu, hoje estou dentro dessa irmandade. Estou aqui para esperar aquele que vai chegar, como eu cheguei, toda quebrada e rebentada, fedorenta.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 10: *Olha, quando você está lá no mundo, as pessoas te olham com um olho diferente. A partir do momento que você passou pela porta estreita, você começa a ter uma mudança, com três meses você começa a ter uma mudança na sua vida, aí todo mundo te enxerga você com os olhos diferentes, já passa a ter mais confiança em você, né? Porque, a, tem uma filha minha que não tinha confiança em mim, hoje ela me ama, hoje ela me manda mensagem todo dia, de bom dia, boa tarde, por quê? Porque hoje eu estou sóbria, eu só falo. Eu não posso falar nunca mais eu bebo, porque eu nunca mais, é para toda a vida. Mas enquanto esse poder superior, enquanto essas portas estiverem abertas, eu tenho certeza que eu não vou fazer uso do primeiro gole.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 10: *É uma doença progressiva, e de fins de fatais, porque a mulher, se ela bem souber, ela não colocaria o álcool na boca dela, e hoje o que mais está tendo é, as mulheres bebendo, você convida uma pessoa, porque eu tenho na minha família pessoas doentes, eu não gosto, para falar a verdade, na minha casa não entra álcool mais, eu tenho medo de festa, por causa de que o alcoolismo derrota até o presidente da república. Se ele for na onda do alcoolismo, o primeiro gole é gostoso, o segundo gole é gostoso, o terceiro gole é gostoso, aí quando você chega ali no quinto gole, aí você já está virando um mendigo.*

Membro 11

Idade: 46 anos

Sexo: masculino

Tempo de frequência no AA: 16 dias

Escolaridade: 2º grau incompleto

Estado civil: solteiro

ENTREVISTADOR:

Pergunta 1. Quando e por que você começou a beber?

MEMBRO 11: *Eu comecei a beber desde de novo, desde criança, experimentando. É,*

antigamente era normal os pais deixarem os filhos bicar o gole de cachaça, de cerveja e o restinho. E aos 11 anos eu bebi minha primeira cerveja em aniversário, por conta própria, tomei um copo. E acredito que de lá pra cá foi assim, mas foi de novo.

ENTREVISTADOR: *Pergunta 2. Qual foi o momento que você percebeu que precisava de ajuda?*

MEMBRO 11: *Eu percebi que precisava de ajuda no final de 2023, em novembro. Porque eu já tinha 15 anos lavando o carro no mesmo lugar e o alcoolismo me tirou toda a força do corpo, pensamento de raciocínio e eu vendi meu lava-jato por mil reais por mês. É nesse momento que eu percebi que eu precisava de ajuda.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 3. Em relação à bebida, você buscou algum tratamento, com quem?*

MEMBRO 11: *Em relação a bebida, sempre busquei ajuda em Deus, mas às vezes em momentos de depressão, eu pensava em ir no posto de saúde, procurar um psicólogo, ver o que estava acontecendo, se era coisa que poderia ser da psicologia, poderia me ajudar, mas não procurei não, fiquei só na vontade.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 4. Você sofreu algum tipo de preconceito quando bebia, que tipo de preconceito?*

MEMBRO 11: *Preconceito eu nunca senti não, mas depois de bêbado, muito bullying, né? muita brincadeira. Faziam hora com a minha cara, na roda, na mesa, né? riam de mim quando eu estava muito tonto, mandavam, falavam ai que merda. E, e a bebida era, o alcoolismo era tanto que na outra semana eu estava bebendo com as mesmas pessoas que me zoavam. Então foi bullying, preconceito não, mas muito bullying.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 5. Como você conheceu o grupo de Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 11: *O Grupo de Alcoólicos Anônimos eu conheci desde novo. Um amigo do meu pai já frequentava e eu perguntava para onde que ele vinha, aí meu pai falava que ele vai para o AA, eu perguntava o que era o AA, e meu pai falava que lá é onde o pessoal não bebe. Eu lembro até hoje que eu perguntava isso bom, e ele falava que era bom demais. E desde criança, desde quando eu tinha uns 10 anos de idade.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 6. O que mudou em sua vida ao entrar para os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 11: *Quando eu ingressei no Alcoólicos Anônimos, que foi agora recentemente, a força física está voltando, capacidade de raciocínio já está melhorando, eu estou sentindo meu corpo desintoxicar, tem pouco tempo ainda, mas é, em momento nenhum eu tenho depressão mais, não, não sinto solidão, e está só gradativamente aumentando os benefícios.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 7. Como as reuniões dos alcoólicos anônimos te ajudam a manter a sobriedade?*

MEMBRO 11: *A reunião dos Alcoólicos Anônimos me ajuda a manter a sobriedade com a palavra franca, porque quando eu cheguei, os primeiros depoimentos que eu ouvia, que eu ouvia foram tão impactantes que a grosso modo eu pensava que nu era assim relatos, mas com o passar dos dias que eu estou vindo todos os dias eu vi que é remédio. Então a palavra franca é o que me ajuda bastante no Alcoólicos Anônimos.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 8. O que você julga ser mais importante nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 11: *O que eu julgo ser mais importante é a porta aberta todos os dias, atravessar essa porta estreita foi a salvação pra esses 16 dias que eu estou vivendo até hoje. Então manter essa irmandade funcionando todos os dias é o que me deixa mais satisfeito com AA, porque se na segunda-feira que eu vim não tivesse a porta aberta, talvez eu continuaria sofrendo.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 9. Qual o significado dos Alcoólicos Anônimos em sua vida?*

MEMBRO 11: *O significado dos Alcoólicos Anônimos em minha vida é libertação, libertação verdadeira.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 10. Descreva como é a reunião dos Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 11: *A reunião dos Alcoólicos Anônimos ela começa com a apresentação de novos integrantes, quando não à passa, e a leitura da Ata e logo após a palavra franca. E cada um tendo 10 minutos para contar sua história sobre o alcoolismo, mais, e o alcoolismo causou na sua vida, uma pausa para o café e logo depois a palavra franca e o encerramento da reunião.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 11. O que você lê, assiste, e ouve sobre os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 11: *Até o momento nesses 16 dias eu ainda não li nada, mesmo frequentando, vendo os livros. Eu assisti uma palestra só de Alcoólicos Anônimos no youtube, é que foi muito boa, estava explicando os doze passos, mas foi uma vez só, mas vou procurar ler mais e ver mais.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 12. Qual a visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos?*

MEMBRO 11: *A visão da sociedade com os Alcoólicos Anônimos é, acredito que é cinquenta por cento, 50%. Uns apoiam e outros apoiam desaprovando. Há desaprovando por quê? Dizendo que, a você não precisa de ir lá, mas fala sim porque não conhece como é a reunião.*

ENTREVISTADOR: *Pergunta 13. Como o alcoolismo é visto?*

MEMBRO 11: *O Alcoolismo é visto hoje como uma doença. Antigamente como cachaceiro, vagabundo, mas realmente hoje está na mídia social, as empresas, tudo está tratando já como doença. E realmente, eu não era uma pessoa desonesta, safada, mas hoje eu vejo que realmente eu era doente.*

APÊNDICE 5

Reunião do dia 08/10/2024

Nosso processo teve início no dia 08/10/2024, acompanhando a primeira reunião do grupo Glória Feliz. Nesse dia, a reunião teve início às 19:30 pontualmente, e seu encerramento foi por volta das 21:35. Ao sino tocado sobre a mesa por três vezes, a reunião se inicia, todos se levantam, e recitam a prece da serenidade, em seguida é feito 1 minuto de silêncio, todos se assentam, e lido primeiramente o preâmbulo de A.A, logo após a leitura da reflexão diária para membros dos alcoólicos anônimos por um membro que estava compondo a mesa de coordenação da reunião. A mesa é composta por três membros, um homem e duas mulheres. Nesse dia 24 pessoas participaram da reunião, sendo desse total 5 mulheres e 19 homens. A sala comporta em torno de 30 pessoas, nesse dia estava praticamente cheia, na sequência da reunião o coordenador faz abertura da palavra franca, termo utilizado pelos membros dos AA, esse momento é o compartilhamento de testemunhos e relatos pessoais, principal momento da reunião dos A.A. Seguindo a tradição do anonimato dos A.A, identificamos as pessoas como membro 0, e assim sucessivamente, mantendo a identificação do sequencial por pessoa. Um homem de aproximadamente 60 anos, denominamos como membro 05, se levanta e vai até a frente da mesa, ou à cabeceira de mesa, termo utilizado pelos membros de AA, esse membro inicia sua fala dizendo que tem 25 anos de grupo e começa a compartilhar sua experiência e vivência no grupo. A sala possui vários quadros com frases e dizeres de incentivo para o controle do alcoolismo. Cartazes dos 12 passos e das 12 tradições estão fixados em uma parede de entrada para os banheiros, que ficam a frente da sala. Uma mesa de café e chá fica aos fundos dessa sala, na chegada, alguns membros pegam um café e chá e se assentam para acompanharem a reunião. Sobre a mesa de coordenação têm dois quadros com a foto dos fundadores dos alcoólicos anônimos, William Griffith Wilson (Bill W.), e Robert Holbrook Smith (Dr. Bob). O banheiro está na frente na sala dividido em masculino e feminino. Logo em seguida, o membro 09, recém ingressado, vai até a palavra franca dividir seu testemunho com os demais colegas que acompanham a reunião, durante seu depoimento, outros membros vão chegando a reunião com um pouco de atraso, ao entrarem na sala de reunião, assinam o livro de presença, e vão até a frente da mesa coordenadora e dão três toques na mesa, esses três toques, bem como a fala, 24 horas, são um costume e formalidade deles A.A, e se assentam na sequência, esse ritual ou simbolismo é feito por todos que vão chegando no decorrer da reunião. O novato, membro 09, recém ingressado prossegue com seu testemunho, em sua fala, ele se emociona, uma mulher se levanta e lhe oferece um copo com água, ele bebe um pouco de água,

agradece, e prossegue com seu testemunho relatando que teve diversas recaídas com álcool e droga, que está se esforçando para manter a sobriedade e mudar vida, fala que precisa mudar de vida, não voltar a ter mais essas recaídas, o coordenador da mesa de reunião, agradece seu testemunho e reforça seu apoio ao jovem, fala pra ele suportar os 3 primeiros meses que são os mais difíceis quando você chega ao A.A. Quando o jovem encerra sua fala, todos aplaudem.

O coordenador fala que está aberta a palavra franca, um novo membro 13, homem, de meia idade se levanta e vai até a frente, na cabeceira de mesa, como se referem os membros de AA, e inicia seu testemunho, ele começa dizendo que é um doente alcoólico, cita o 1º passo dos A.A, “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas”. (JUNAAB, 2017). Reafirmando que praticou as 24 horas sem beber, ele segue dizendo e estimulando aos demais membros a praticada abstinência alcoólica, se solidariza com o jovem recém ingressado, oferece apoio e ajuda, o incentiva a seguir firme, passa seu número de celular para o jovem dizendo que ele não está sozinho, que ali ele seria acolhido. Esse membro 13, afirma que tem 45 anos de sobriedade, afirma que está abstinência, e agradece aos A.A por esse percurso. Um novo membro 12, se levanta para dar seu testemunho, afirma que é um doente alcoólico, relata que já foi preso e conheceu os A.A dentro da cadeia, ficou preso por 5 anos a primeira vez, e por 13 anos na segunda vez. Ele cita o 10º passo (12 passos), “Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós admitíamos prontamente”. (JUNAAB, 2017). Ele incentiva ao jovem a voltar na próxima reunião, a manter a sobriedade, encerrar seu testemunho agradecendo ao poder superior, termo utilizado pelos A.A para se referirem a Deus, finaliza dando três toques na mesa e dizendo mais 24 horas a todos vocês. Outro membro 25, se levanta e vai a palavra franca, inicia seu testemunho dizendo para evitar o 1º gole, e frequentar as reuniões, cita o primeiro passo (12 passos), e o desejo sincero de parar de beber, afirma que é alcoólatra e vai morrer alcoólatra, por isso precisa seguir firme frequentando as reuniões e evitando o primeiro gole. Destaca o apoio e acolhimento do grupo com ele, afirma que os testemunhos dos companheiros, termo como os A.A se referem uns aos outros, membros que pertencem aos AA, o ajudaram, admite a importância do apoio do grupo, sem julgamentos e condenações, cita a importância da palavra franca, os testemunhos e relatos de outros membros ajudam muito, cita a importância do 6º passo (12 passos), “Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter”. (JUNAAB, 2017). Pedir a todos para evitar de passar nos lugares que estimulam a bebida, incentiva também ao jovem recém ingressado a sempre dar o seu testemunho, estimula seu encorajamento em manter se sóbrio, relata suas falhas, e destaca a importância do apoio do grupo, incentiva a fazer a oração da serenidade, e a oração de fé em

Deus, afirma que vai completar 46 anos de A.A, que vai receber essa medalha, incentiva mais uma vez ao jovem a não beber, fala da festa e convite a todos da troca de medalha no dia 19/10/24.

Logo em seguida é recolhida uma ajuda financeira voluntária para manutenção do grupo, essa prática é denominada pelos membros dos AA de sétima tradição, destinada somente aos membros de alcoólicos anônimos, ficando vedada a participação e contribuição financeira de outras pessoas que não fazem parte do quadro de membros dos AA. “Todos os grupos de AA deverão ser totalmente autossuficientes, rejeitando quaisquer doações de fora”. (JUNAAB, 2017). Em seguida o coordenador da reunião anuncia um intervalo de 10 minutos para tomarem um café. Nesse intervalo é disponibilizado biscoitos, café, chá e água. Os membros se levantam vão até a mesa se servirem e saem para fora da sala para se socializarem e confraternizarem uns com os outros. Os membros mais experientes se aproximam do jovem, cumprimentam, incentivam e ali interagem com ele e outros membros. Na volta do intervalo, 20:40, volta a palavra franca, um novo membro 08, começa seu testemunho falando a respeito do marco da sobriedade, que é a troca de medalha, termo que se referem os membros de AA para celebrarem o tempo de permanência e frequência no grupo sem fazer uso de bebida alcoólica. Outros membros chegam depois do intervalo do café, mais uma vez o testemunho e relato gira em torno das experiências do passado quando era alcoólatra, destaca que está a 28 anos sem beber, afirma que a medalha em A.A é um marco da sobriedade, uma conquista, um troféu, ele incentiva ao jovem a seguir firme em busca de sua medalha. Destaca que o segredo está na próxima reunião, cada um contando sua história, e incentivando os companheiros a evitar o 1º gole, o segredo está na próxima reunião, os 3 meses iniciais são importantes.

Na sequência o membro 09, recém ingressado, é chamado até a frente da sala, para receber os cumprimentos dos membros presentes na reunião desse dia, é feito seu registro, e formada uma fila para abraçarem e darem os parabéns pelo ingresso dele. O Jovem agradece o apoio e acolhimento do grupo, relata mais uma vez sua dificuldade e condições, ele afirma que largou o cigarro e veio a reunião do grupo de A.A Glória Feliz a primeira vez, agradece o acolhimento e diz que voltara mais vezes, todos aplaudem novamente. Outro membro 06, levanta e vai a palavra franca, afirma em seu testemunho o preconceito, discriminação e escravidão que enfrentou com o alcoolismo e drogas, conta que utilizou cocaína, que sentiu desejo de se suicidar, que a primeira vez ficou 3 dias nos A.A, e nada aconteceu, voltou novamente e começou a frequentar as reuniões, ele destaca a força e importância da palavra franca, bem como a importância de frequentar as reuniões. Destaca que os novatos precisam ter humildade, aceitar a ajuda dos membros mais experientes, fala que vai completar 13 anos de

A.A em 2024, ele afirma que teve que ter muita força de vontade, e ajuda dos companheiros, que é muito importante a sobriedade para o crescimento pessoal, profissional e social. Afirma que recuperou o orgulho e a dignidade, diz que tudo vem dando certo, encerra seu testemunho falando 24 sem beber, uma espécie de incentivo e cumprimento entre os membros de AA para encerrarem seu testemunho.

Outro membro 20, se levanta para dar seu testemunho na palavra franca, ele começa com uma espécie de injeção de ânimo, incentivo, acolhimento e apoio aos membros de AA. Diz que a recuperação e a mudança, é preciso ter humildade e frequentar as reuniões, afirma sua fé em Deus, destaca que o A.A não tem discriminação, nada é proibido, tudo é sugerido. Afirma que o A.A é para mulher decidida e cabra macho. Descreve que o A.A trouxe para ele o homem que ele queria ser, fala do mal do alcoolismo e das drogas, e mais uma vez incentiva a todos a manterem a sobriedade alcoólica, encerra sua fala dizendo 24 horas sem beber, e milhares de 24 horas aos companheiros sem beber. Na sequência, uma mulher se levanta, membro 10, e vai a palavra franca para dar seu testemunho, começa contando sua história sofrida, fala que foi discriminada, chamada de fedorenta no trabalho, que isso deixou ela muito chateada e com vergonha, pois ela fedia bebida, afirma que não queria ir para os A.A. Narra como foi sua primeira reunião, conta sobre o impacto dos testemunhos dos companheiros, diz que não sabe ler e escrever, que aprendeu a ser responsável, fala da importância de frequentar as reuniões, e de acolher aqueles que querem parar de beber. Destaca a importância dos A.A em sua vida, fala que tem medo do álcool, que precisa se abster dele. Relata da importância do A.A para manter sua família, recuperar sua dignidade, pois não tinha amor-próprio, era violenta e agressiva, hoje diz que só tem vitória em sua vida, afirma sua fé em Deus. Ela também destaca a importância em receber uma medalha nos A.A, para ela é uma conquista, convida a todos os presentes para sua troca de medalha que acontecerá no mês de dezembro/2024, e destaca mais uma vez a importância em frequentar as reuniões, encerra sua fala desejando 24 horas sem beber aos companheiros. Após esse testemunho, o coordenador da reunião do dia, encerra a reunião com a leitura da ata, com a descrição de todas as etapas que aconteceram na reunião do dia, início, leitura da reflexão, palavra franca, valor financeiro arrecadado, intervalo, palavra franca, nome de todos os membros que foram a palavra franca darem seus testemunhos. Logo após a leitura da ata, o coordenador agradece a todos e deixa o convite para a próxima reunião, convida a todos a ficarem de pé e recitam a prece/oração da serenidade, depois é feito 1 minuto de silêncio, é tocado um sino sobre a mesa e encerrada a reunião às 21:35, todos os membros vão saindo e despedindo uns dos outros e indo em bora para suas casas, a maioria seguem caminhando e outros vão indo embora de carro e de carona. Nosso próximo encontro aconteceu seguiu.

Reunião do dia 09/10/2024

O coordenador da reunião começa dizendo o que mantém os membros firmes em A.A, segundo ele, primeiro é a frequência as reuniões, segundo evitar os velhos hábitos, terceiro evitar o primeiro gole. Na sequência, entramos na quarta parte da reunião, a palavra franca, é dada a oportunidade, um membro se levanta e começa a dar o seu testemunho, dizendo que a bebida o distanciou de sua família. *“Não acompanhei o nascimento de meu filho, porque estava em um bar, meu irmão levou minha mulher ao hospital para meu filho nascer”*. (Membro 05, AA). Relata que não ia trabalhar porque estava de ressaca, afirma que o alcoólatra cachaceiro não tem responsabilidade, agradece a Deus por ter conhecido os A.A. Afirma que 90% dos chegam aos A.A perderam a família, pai, mãe, filho, esposa. Aqui a pessoa entra por eles, depois pelos outros. Nesse dia, o membro 08, me cumprimenta ao chegar ao grupo, começa a conversa falando sobre sua história, me explicando como funciona os A.A, me diz que mudou muito os A.A de hoje com antigamente. Relata que hoje os A.A recebe muitas pessoas com problema com drogas, e que antigamente não existia isso, era aceito só pessoas com problema de alcoolismo., me diz também que não gosta de ler muita literatura, pois tem dificuldade. Fala sobre algumas pessoas famosas que são membros dos A.A no Brasil e no mundo.

Um novo membro se levanta e vai até a palavra franca, denominaremos a partir desse momento a descrição de membro, seguido de uma numeração para identificamos os demais depoimentos e mantermos o anonimato, conforme a décima segunda tradição de A.A. *“O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades”* (JUNAAB, 2017). O Membro 07, relata que tem 07 anos que não bebe, que sofreu muito quando bebida, chegou a ser preso em função do uso de drogas, era viciado em crack e bebidas, seu apelido na cadeia era pardal, dos 33 aos 49 anos foi só cadeia. Ele fala diversas vezes da importância de frequentar as reuniões. *“O A.A apareceu em minha vida em 2015, e consertou minha vida”* (Membro 12, AA). O membro 01, vai até a palavra franca fala que tem 44 anos de A.A, agradece ao A.A por ter mudado sua vida, hoje ele relata que vive uma vida tranquila, incentiva os membros mais jovens de A.A a frequentarem as reuniões e prestarem atenção nas palavras francas. *“O passado é igual, só muda o palco”* (Membro 01, AA).

Reunião 10/10/24

Nesse dia a reunião foi presidida por uma mulher, membro 10. Na palavra franca do dia o membro 13, afirma que não é fácil para de beber, relata que durante os seis primeiros anos teve muita dificuldade para não beber, saía de casa na intenção de beber as vezes, porém não bebia. “O A.A me tirou da lama, mudou a minha vida” (Membro 13, AA). “A.A da porta para dentro, todos são alcoólatras” (Membro 13, AA). O membro 07, vai até a palavra franca, cumprimento ao jovem recém ingressado, membro 09. Afirma que hoje tem vergonha de entrar num boteco, que os A.A funcionam para tudo, menos o defeito de caráter. “Tentei recuperar na igreja, outros lugares, porém só os A.A trouxe sua recuperação” (Membro 07, A.A). Destaca também a importância de frequentar as reuniões, relata que hoje tem 13 anos de A.A, que conquistou muita coisa em sua vida depois que abandonou o alcoolismo e as drogas. O jovem, membro 09, em seu testemunho nesse dia, conta que não está sendo fácil, é o quarto dia longe da clínica, fala que causou muito estrago na família, que eles se mudaram para o interior por conta dele. Afirma que durante 15 anos sua vida oscila em recaídas e períodos de sobriedade. No período da pandemia, viciou em jogos online, além do alcoolismo. Sua família lhe pediu que fosse embora, em seu testemunho destacou inúmeras vezes que o álcool e as drogas o fizeram passar por humilhação, chegando a pedir dinheiro em sinais e pessoas desconhecidas. Ele encerra sua fala dizendo que tem um mês de abstinência, que está sendo difícil, diz que a abstinência o faz chorar as vezes, mais afirma que está com esperança seguindo firme no propósito de parar de beber. O membro 14, no início de sua fala, incentiva o jovem a seguir firme, destaca também que quando chegou no A.A era difícil seguir o programa e frequentar as reuniões, teve uma recaída e saiu, depois um membro do grupo o incentivou a retornar, ele aceitou o convite e fez o seu reingresso novamente “A reunião é uma injeção de ânimo e incentivo a todo o tempo para seus membros, através das trocas de experiências” (Membro 14, AA). “O A.A me ensinou a viver, que não preciso de droga e álcool para ser feliz” (Membro 14, AA). Ele conclui sua fala destacando a importância das palavras francas, incentiva a todos a escutarem os companheiros e suas histórias, pois isso é muito importante, e o ajudou bastante, encerra dizendo que Deus está nos A.A. “Viver dentro da irmandade é maravilhoso, quanto mais você vem nas reuniões, mais firme você fica, sua vida vai melhorando” (Membro 14, A.A). Nesse dia, no momento do intervalo o membro 08, aproxima-se de mim e me pergunta se está tudo bem, se consegui fazer minhas anotações, digo que sim, e agradeço sua gentileza, ele começa a relembrar sua experiência, me conta que já ingressou no A.A e depois de 07 anos teve uma recaída, me conta que sentiu frustrado e triste por ter “quebrado a ficha”, termo que os A.A utilizam para ter

voltado a beber. Ele me explica como é feito a premiação dessas fichas/medalhas, a primeira é entregue para o membro ingressado, ativo, à partir do terceiro mês, logo em seguida no sexto mês, nono mês, até completar um ano, depois essa premiação passa a ser anualmente. Ele encerra sua conversa comigo no intervalo do café dizendo que, depois desse episódio de sua recaída, ele reingressou novamente nos A.A e seguiu firme, hoje tem 15 anos de A.A, é segue firme no propósito de não voltar a beber, mantendo sua sobriedade.

Reunião do dia 11/10/24

Hoje, cheguei um pouco mais cedo na reunião, por costume, me sento ao fundo da sala de reunião, próxima a porta de entrada, começo a observar o grupo interagindo, logo percebo que alguns membros ficam me observando discretamente enquanto faço minhas anotações. Na reunião de hoje, o membro 10 coordena a reunião mais uma vez, ela tem uma participação bem atuante dentro do grupo, sempre vai a palavra franca e compõe a mesa de coordenação da reunião, apesar do grupo ser formado em sua grande maioria por homens, as duas mulheres que participam do grupo, têm um papel importante na organização e liderança do grupo. Na abertura da reunião ela conta que a primeira vez que ela chegou no A.A, a palavra franca teve muito efeito para ela “Parece que ele contou minha vida lá na frente” (Membro 10, AA). Fala sobre o perigoso do alcoolismo na vida das pessoas. “O alcoolismo é como uma ferrugem que vai corroendo as pessoas” (Membro 10, AA). O membro 13 vai a palavra franca, em sua fala ele destaca as consequências do alcoolismo, dizendo que o álcool prejudica a família, trabalho, vizinhos, cita as mortes por violência, morte no trânsito em decorrência do alcoolismo, aponta para uma placa de metal sobre a mesa com os dizeres “Evite o 1º gole, frequente as reuniões”, dizendo para seguir esse conselho, afirma que se distanciou da família por conta do alcoolismo, relata também que hoje o alcoolismo está afetando mais as mulheres, que ele viu isso em alguns bares, fala para evitar botecos, que não é u ambiente adequado para quem não bebe, e frequenta os A.A. “A vida muda quando o cara para de beber, a família vibra quando o cara para de beber” (Membro 13, AA). Acompanhando as reuniões, percebo que todos os membros são categóricos ao afirmarem que são doentes alcoólicos, o A.A é um porto seguro deles, um ambiente segura onde podem expressar seus sentimentos e se ajudarem mutuamente no combate ao alcoolismo. “Eu não contava minha vida nem para minha mãe, porém no A.A tenho o prazer de compartilhar minhas histórias” (Membro 15, AA). O membro 16 destaca que o A.A é uma filosofia de vida. “O A.A é uma caminhada de aprendizado”; “O A.A traz recompensa de parar de beber, sucesso, trabalho e felicidade” (Membro 16, AA). Em sua fala também destaca a importância da palavra

franca, de falar 10 minutos e ficar o restante calado prestando atenção nas palavras dos companheiros. Destaca que o A.A é uma riqueza, absorver os 12 passos é importante, não só para parar de beber, fumar, comer, etc. Encerra sua fala saudando os membros com a frase 24 horas sem beber, esse é um termo e cumprimento muito típico dos membros do A.A que fazem ao final de seus testemunhos na palavra franca. Ao término da reunião um membro se aproxima de mim, dizendo que amanhã vai passar uma reportagem sobre os A.A no G1, agradeço ele pelo aviso.

Reunião do dia 13/10/24

Nesse dia, o membro 03, começou a conversa comigo a respeito da reportagem que passou na rede globo a respeito dos alcoólicos anônimos, falo com ele que consegui assistir a reportagem e agradeço o aviso. Ele me conta que a primeira vez que entrou em uma reunião de A.A, não sentiu nenhuma mudança ou impacto, porém ao retornar em uma segunda reunião, ouviu um testemunho de um membro que mexeu contigo, ao final desse testemunho o membro apontou para ele na sala de reunião e o incentivou a continuar vindo, frequentando as reuniões diariamente. “Você chegou até aqui nos A.A todo bonitão e arrumado, eu cheguei aqui descalço com uma roupa suja e fedendo álcool, e graças a Deus e aos A.A eu consegui, e hoje eu estou recuperado” (Membro 03, AA). Nesse momento, ele conta que esse membro apontou o dedo para ele, e falou, agente firme companheiro, que você vai sair dessa, continue vindo as reuniões. Ele me diz que nesse instante, ele se sentiu motivado e passou a frequentar as reuniões continuamente, termina contado para mim orgulhoso que tem 9 anos de A.A. Logo em seguida ele pede para anotar seu número de celular, pede para eu entrar em contato, para combinamos a entrevista, agradeço sua gentileza, e falo que vou agendar o mais breve possível sua entrevista. Na fala do membro 03, percebemos a importância dos testemunhos no grupo de A.A, através da palavra franca, termo utilizado pelos A.A, suas experiências e histórias de vida são compartilhadas com outros membros, permitindo que eles se fortaleçam através dessas experiências e relatos. Esses indivíduos estigmatizados, encontram no grupo de A.A, uma liberdade em se expressarem, dado que nesse local, existem outros indivíduos com a mesma debilidade, fazendo com que eles se sintam pertencentes ao grupo. O A.A, opera como um antídoto ao preconceito e ao estigma que envolvem o alcoolismo, que auxilia de maneira direta na obtenção da sobriedade alcoólica de seus membros.

Reunião do dia 16/10/24

Nesse dia o membro 08 na palavra franca destaque que “No A.A você precisa renunciar muitas coisas, boteco, jogo e velhas companhias” (Membro 08, AA). Ele incentiva a frequentar as reuniões, e seguir os procedimentos (12 passos e 12 tradições). O membro 15, relata da dificuldade quando bebia, “Antigamente era só ilusão, ressaca moral e vergonha” (Membro 15, AA). O membro 17 destaca também a importância dos testemunhos, palavra franca, “A palavra franca o ajuda a levantar e se motivar” (Membro 17, AA). O membro 06, se aproxima de mim e me diz que depois da pandemia Covid-19, a frequência das reuniões diminuiu, muitos membros estão acompanhando as reuniões em grupos de A.A que se reúnem virtualmente” (Membro 06, AA).

Reunião do dia 22/10/24

Nesse dia o membro 06 e o 08, conversam comigo no intervalo da reunião, e falam que vão fazer a entrevista comigo, agradeço eles pelo interesse, e agendamos para a próxima semana. Na reunião de hoje, destacamos a importância social dos A.A, uma vez que, decisões judiciais foram direcionadas aos indivíduos procurarem um grupo de A.A, para levarem ao juiz, seu atestado de participação e frequência das reuniões. O grupo Glória Feliz se destaca por manter suas reuniões continuamente, segundo eles, um dia alguém pode precisar de ajuda, e pedir para ingressar nos A.A para parar de beber, e eles estarão ali de portas abertas para recebê-los. Falam também da importância da frequência das reuniões, pois ali, eles se fortalecem e aprendem com os testemunhos e experiências de seus companheiros.

Reunião do dia 23/10/24

Uma mulher de meia idade, recém ingressada nós A.A, conversa comigo dizendo que se sentiu acolhida e bem tratada, lá fora, tinha sido chamada de noiada, cachaceira entre outras ofensas. O membro 18, uma mulher, fala que o poder superior, Deus a ajudou juntamente com os A.A. Por diversas vezes ao darem seus testemunhos, observamos que eles fazem a referência de sua recuperação ao poder superior, termo como se referem os A.A a Deus. A espiritualidade é bem destacada entre os membros dos A.A em seus testemunhos. O membro 16, faz uma analogia do grupo com uma escola “Nos A.A a aula nunca termina, sempre devemos continuar, voltar para aprendermos com as experiências dos companheiros” (Membro 16, AA). O membro

06, afirma que você precisa gostar de A.A para continuar, “Você precisa sentir alegria e necessidade de frequentar as reuniões” (Membro 06, AA). Ele fala em seu testemunho que os novatos o ajudaram muito, pois eles relatam o quanto lá fora está difícil, isso o motiva a não voltar a beber. “A bebida ela assassina o sentimento da família e das pessoas que você ama” (Membro 06, AA). Ele destaca que Bill e Bob, fundadores dos A.A, foram inspirados por Deus para implantar essa obra, essa irmandade. Segundo ele, todo alcoólatra fica irresponsável, faz coisas para se envergonhar, afirma que se ele voltar a beber, é por safadeza, porque ele conhece todo processo de A.A.

Reunião do dia 27/10/24

Na reunião de hoje, cheguei mais cedo, e fiquei conversando com alguns membros, na sequência o secretário do grupo, aproxima-se de mim, e fala que se eu quiser, posso registrar fotos da sala de reunião, bem como acessar os livros que ficam sobre a mesa de coordenação, ata de reunião, livro de registro de membros, agradeço sua gentileza, e logo em seguida faço os registros com meu celular. A palavra franca começa com o membro 12, apresentando seu testemunho, ele mais uma vez conta sobre seu passado no alcoolismo, droga e período que estava preso, essa fala retrata o estigma que sofreu, sempre em seus testemunhos, ele traz à tona o estigma da culpa e os preconceitos que enfrentou nesse momento difícil de sua vida.

O membro 01 vai até a palavra franca, e conta que no dia do casamento de seu irmão, ele estava completando 15 dias de A.A, na festa do casamento, ele conta que serviu cerveja para todo mundo e não bebeu nada, seu pai e sua família ficaram admirados com sua atitude, por não beber, por não ter causado confusão. Reforça mais uma vez a importância dos testemunhos, da palavra franca, principal prática informacional do grupo de A.A. No intervalo desse dia, o membro 08, me explicou que na palavra franca, quando o companheiro excede os dez minutos, é acesa uma luz vermelha que fica atrás da mesa de coordenação para sinalizar que seu tempo terminou. Segundo ele, dez minutos é suficiente para manter a atenção de todos.

Reunião do dia 29/10/24 e 30/10/24

Na palavra franca de hoje, o membro 19, um jovem, agradece aos A.A pôr está completando cinco meses sem beber, conta empolgado que está tornando uma pessoa que queria ser, “Os A.A lhe dá uma condição de fazer várias coisas com a sobriedade” (Membro 19, AA). Conta que ficou feliz de montar uma árvore de Natal com sua filha, fala que isso não tem preço,

que os A.A dá uma condição de vida que não tinha antes no alcoolismo. Após seu testemunho, o coordenador da reunião o incentiva a seguir firme para conseguir atingir seus objetivos, como conquistar a medalha de seis meses, depois um ano e assim por diante, essa conquista é um marco da sobriedade para os membros de A.A. Algo que lhes prestigiam, e presenteiam na caminhada da sobriedade alcoólica.

O membro 07, conta que já deixou sua família passar necessidade, fala que não se importava, gastava seu dinheiro todo, ficava devendo o dono do bar, que gastava R\$ 400,00 quatrocentos reais por semana com bebida, que perdeu muito dinheiro nesse período de sua vida no alcoolismo. O membro 12, vai a palavra franca para dar seu testemunho, ele é um membro ativo na palavra franca. Mais uma vez ele testemunha suas histórias e memórias do período em que cumpriu pena, suas experiências e memórias sempre retornam nesse período. “A vida na cadeia não foi fácil” (Membro 12, AA). Ele conta das condições precárias da cadeia, como a violência, homicídios e preconceitos sofridos nesse período. “Mais uma vez o álcool roubou minha liberdade” (Membro 12, AA). Do mesmo modo, observamos que esse membro sempre fica remoendo esse período ruim de sua vida, e através da palavra franca, testemunho, ele consegue externar um pouco do estigma e sofrimento que carrega consigo.

O membro 01, diz que não sabe como viveu aquela vida, hoje ele não entra nem em boteco. “Todo vício compulsivo é um problema, exemplo: comida, bebida, cigarro, trabalho” (Membro 01, AA). “A bebida é um escape para tudo, tristeza, alegria, decepção” (Membro 01, AA). Ele diz que a bebida ela fica atrelada a tristeza e alegria, o que acaba ficando difícil para controlar a bebida. Encerra sua fala dizendo que frequentou os A.A durante 36 anos continuamente, todos os dias, só faltava quando estava viajando. Ele relembra de um amigo que já faleceu e o ajudou a administrar o grupo nesse período. Diz que vai completar 45 anos de A.A, agradece aos companheiros que estão administrando o grupo atualmente, “Quem entra para os A.A, só tem a ganhar. Se ele não progredir financeiramente, ele vai manter uma vida estável” (Membro 01, AA). O membro 14, narra que começou a beber em uma festa junina, experimentando um quentão, depois foi progredindo no alcoolismo com outras bebidas. Seu pretexto era dizer que era um bebedor social. Conta que fez sua família sofrer, esposa, filhos e vizinhos. Chegou-nos A.A destruído, porém acreditou nas palavras francas, dos companheiros, “Os companheiros nos incentivam contanto sua história” (Membro 14, AA). O A.A te ensina como sua vida é linda e maravilhosa, hoje, diz que vai fazer Enem, e que tem uma nova perspectiva de vida, encerra sua fala dizendo que veio para a irmandade e acreditou nos companheiros e seguiu firme.

Nesse dia, o membro 07 se aproxima de mim, estende a mão me cumprimentando,

dizendo que hoje no intervalo ele me daria seu depoimento na entrevista, agradeço sua gentileza, e logo no intervalo da reunião, gravamos a entrevista.

Reunião do dia 31/10/24

Na palavra franca, o membro 20 fala a respeito da consciência que você precisa ter consigo mesmo em relação aos A.A. Segundo ele, ninguém vai te obrigar a ficar nos A.A, ninguém vai te vigiar ou te seguir, você precisa tomar a decisão e seguir em frente. A prática da palavra franca, testemunho, é o cerne da reunião. Em todos os encontros a palavra tem um grande efeito na vida dos membros recém ingressados, e posteriormente na vida dos membros com mais tempo de vivência no grupo. Observamos que toda reunião com novatos presentes, é um grande estímulo para aos demais membros testemunharem e compartilharem suas experiências na palavra franca. Os membros mais experientes do grupo, sempre falam que o segredo está na próxima para estimularem a frequência e permanência dos novatos.

O membro 10, uma mulher, bem atuante no grupo, descreve como foi sua experiência com alcoolismo até chegar nos A.A. Ela diz que bebeu por 19 anos, que deixou sua família passar falta das coisas, que era agressiva, e não amava mais a família, ela diz que nesse período difícil de sua vida, só queria beber, e sente vergonha dessa época. Já chegou a gastar R\$ 1.600,00 um mil e seiscentos reais em um único boteco. Ela descreve um episódio que marcou sua vida, um estigma e preconceito que enfrentou em seu serviço, conta que passou o dia inteiro bebendo e quando chegou para trabalhar, sua chefe falou que ela estava fedendo álcool, que estava fedorenta, ela diz que sentiu vergonha e ficou muito triste de sido chamada de fedorenta, depois desse dia, sentiu que precisava mudar de vida. Sua chegada nos A.A foi em 20/12/2017, ela descreve que a palavra franca desse dia, mudou sua vida, “Parece que alguém me conhecia e que tinha contato a minha vida lá na frente” (Membro 10, AA). No dia seguinte pediu seu ingresso no A.A, ao chegar em casa jogou todas as bebidas alcoólicas fora. “Eu tomei nojo de bebida alcoólica” (Membro 10, AA), relata que os três primeiros meses foram o período mais difícil, chegou a pedir para dormir no grupo de A.A. Assim como os demais membros, ela destaca a importância de frequentar as reuniões, segunda ela “Eu venho nas reuniões todos os dias, porque preciso me fortalecer aqui no grupo de A.A” (Membro 10, AA).

O membro 08, sempre presente na palavra franca do grupo, destaca que, “A palavra franca, é o sofrimento de um ajudando o outro” (Membro 08, AA). Ele reforça que após o ingresso nos A.A, é muito importante a frequência nas reuniões. “A.A não tem mágica, é perseverança, é uma caminhada diária, você precisa renunciar o mundo” (Membro 08, A.A).

Nesse dia, um jovem com o rosto machucado, chega acompanhado de sua mãe e irmã, sua expressão, era de alguém que tinha utilizado droga. Ele se senta próxima a parede no fundo da sala, e fica de cabeça baixa durante a maior parte da reunião, não dando muita importância aos testemunhos e depoimentos sobre o uso de álcool. Logo em seguida, o membro 12, vai a palavra franca e começa a compartilhar sua história quando usava drogas e bebia, contou novamente sua experiência na cadeia, período que vendia droga, logo em seguida, esse jovem levanta a cabeça e fica atento as palavras do membro 12, sorrir com algumas histórias e fica concentrado em sua fala, ele se identifica e começa a se enxergar na experiência dele, vivenciando seus conflitos, dificuldades, estigmas e preconceitos também enfrentados por ele em relação ao envolvimento com drogas e alcoolismo. Esses indivíduos estigmatizados, encontram no grupo de A.A, uma liberdade em se expressarem, dado que nesse local, existem outros indivíduos com a mesma fraqueza, fazendo com que eles se sintam pertencentes a esse ambiente. No término da reunião desse dia, gravo a entrevista com o membro 08, agradeço ele pelo consentimento da entrevista, conversamos mais um pouco, depois me despeço dele, e seguimos para a casa.

Reunião do dia 07/11/24

Hoje, o grupo realizou uma reunião de serviço nos 30 minutos iniciais. Essa é uma reunião interna recorrente voltada para organizarem sua agenda e programação do grupo. Entre os assuntos tratados, destacamos o planejamento da comemoração do aniversário do grupo Glória Feliz, a definição da data da eleição do secretário do grupo para 2025, e agendamento das entregas de medalhas. Após essa reunião, passamos para a programação convencional.

No intervalo da reunião, o membro 06, se aproxima de mim para me cumprimentar, e me pergunta sobre as entrevistas, digo a ele que estou seguindo bem nas entrevistas, ele me indica para conversar com o novato, membro 09, e na sequência me apresenta a ele. Falo com ele sobre minha pesquisa, e de imediato ele se dispõe a gravar a entrevista comigo, afastamos um pouco e começo a gravar a entrevista com ele. Logo em seguida, agradeço sua gentileza em conceder a entrevista e retornamos para a sala de reunião. Na palavra franca o membro 06, diz que não consegue beber socialmente igual seus primos e amigos, no caso dele, ele conta que bebia de maneira compulsiva, não tinha controle da quantidade ingerida de álcool, relata que se escondia e ficava fora de casa entre dois a três dias seguidos sem dar notícias. Ele agradece sua esposa que é membro também do A.A pelo apoio e incentivo, e seus companheiros de A.A por apoiarem e ajudá-lo nessa caminhada da sobriedade alcoólica. No encerramento da reunião, a coordenadora, membro 10, agradece ao novato por estar ajudando na organização e manutenção

do grupo, agradece por ter feito o café e limpadado a sala de reunião do grupo.

Reunião do dia 08/11/24

Na palavra franca de hoje, o membro 10, uma mulher, começa agradecendo ao poder superior, termo utilizado pelo A.A para se referirem a Deus. A espiritualidade é bem marcante nos testemunhos deles, sempre atribuem sua recuperação e agradecimentos ao poder superior e ao A.A. Em seu testemunho, fala que não deseja mais colocar álcool em boca, conta que encontrou um companheiro no bar, ficou triste de vê-lo bebendo, quando ela ingressou nos A.A, esse companheiro estava presente, porém esse colega voltou a beber e abandonou os A.A. Reforça mais uma vez o agradecimento a Deus e aos companheiros, dizendo que através das palavras francas, ela se fortalecia e foi seguindo firme, “Não existe palavra franca ruim, alguma coisa, uma palavra, uma frase vai te ajudar em sua recuperação” (Membro, 10).

O membro 13, inicia sua fala dizendo que é um doente alcoólatra em recuperação, apesar de ter 44 anos de A.A. Destaca que o A.A é um hospital que nunca te dá alta, fica triste em pensar em quantos pais de família vão gastar seu dinheiro em um bar, deixando de suprir a necessidade da família. Ele considera o primeiro passo como o mais importante, “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas” (JUNAAB, 2017). Ele encerra sua fala dizendo que não é fácil admitir que é um alcoólatra, o alcoolismo faz você perder o respeito, perder o crédito, trabalho e família, é triste a doença do alcoolismo. “Aqui dá resultado se admitir que é um doente alcoólico” (Membro 13, AA). Observamos que em suas partilhas, os membros deixam prever os significados do alcoolismo ligados ao estigma e preconceito.

O membro 21, vai a palavra franca, e inicia sua fala dizendo que frequenta o grupo família unida do bairro Sagrada Família. Em seu testemunho, começa dizendo que tem uma filha internada, se recuperando em uma clínica, ela é viciada em álcool e cocaína. Que só recebe notícia ruim por parte de sua filha, relata que saía de casa por volta das 3 horas da madrugada para buscar sua filha nas bocas de fumo e botecos, ficava triste por ver sua filha machucada e malvestida, que ela não dá valor a nada, vende tudo por conta da droga e bebida. Ele e sua esposa ficam cuidando de seus netos, um de 16 anos com espectro autista e outro de 10 anos. Ele desabafa triste contando a situação de sua filha, fala que está sem saber o que fazer com sua filha, ela vai para a rua e não retorna, eles a trancam dentro de casa tentando alguma solução, nesse momento, ele se emociona, e começa a chorar, seu testemunho é forte e impactante, envolvendo e emocionando a maioria dos membros presentes na reunião. Um membro

assentado próximo dele, se levanta, e lhe oferece um copo de água, ele bebe a água, faz uma pequena pausa, e prossegue com seu testemunho. Ele comenta que tem 40 anos de A.A, que conversa muito com sua filha, dizendo que só depende dela, incentivando a ir para os A.A, narcóticos anônimos, porém sua filha fala que não consegue manter-se sóbria, que ela não é igual a ele. Ele encerra sua fala dizendo que é necessário querer, frequentar as reuniões e evitar o primeiro gole para ter essa mudança em sua vida. Finaliza agradecendo o apoio dos companheiros, e dizendo que em breve vai trazer sua filha ela em uma reunião do grupo, nesse momento, todos os membros o aplaudem e se levantam para abraça-lo em um gesto de acolhimento e solidariedade.

Reunião do dia 11/11/24

O membro 01, diz que o A.A antigamente, era mais restrito, fechado, hoje em dia, os A.A, são amplamente divulgados. Destaca que é preciso se dedicar e frequentar as reuniões, prestar atenção nos testemunhos dos colegas e seguir firme, focado, porque algumas pessoas fazem a programação girafa, termo utilizado pelos A.A, “cabeça lá fora, e corpo aqui dentro” (Membro 01, AA). Conta que foi em igreja e tentou outras alternativas, porém foi só através de A.A que conseguiu abandonar o vício do alcoolismo. Finaliza sua fala dizendo que não tem nada o que pedir, só agradecer a Deus, e o que os A.A fizeram por ele.

Reunião do dia 12/11/24

Nesse dia, o novato, membro 09, vai a palavra franca, e conta que desde a infância, nunca soube lidar com suas emoções, na época, não souberam explicar o que ele tinha ou sentia, sua vida foi movida a prazer e egoísmo. Nos últimos quatro anos teve uma vida ruim, conturbada, sente as vezes que sua mente o estimula a fazer algo errado. Diz que sua recuperação é progressiva, que precisa se esforçar vindo as reuniões, escutando a palavra franca, a partilha dos testemunhos e experiências de seus colegas. “Evitar o primeiro gole é questão de sobrevivência” (Membro 09, AA). Encerra sua fala dizendo que deseja sentir a alegria de viver sóbrio, agradece a Deus por estar a 60 dias sem beber.

Em seguida o membro 14, vai a palavra franca, e inicia sua fala agradecendo por mais 24 horas sem beber, um costume bem comum entre os membros de A.A dizerem no início e final de seus testemunhos. Ele destaca a importância de frequentar as reuniões, e das palavras francas de seus companheiros. Atribui ao A.A sua recuperação moral, social e financeira, fala

que o A.A é magnífico. “O que o álcool tirou, o A.A me devolveu” (Membro 14, A.A).

Reunião do dia 13/11/24

Nesse dia, ao chegar na reunião, o membro 10, uma mulher me cumprimenta, e me diz dois membros vão fazer entrevista comigo, além dela, agradeço o interesse e apoio deles, e falo que vou entrar em contato para agendar as entrevistas. O membro 22, vai até a palavra franca, e começa dizendo que o álcool é uma droga lícita, que vai induzindo a você experimentar outras, assim foi o seu caso. Conta que em função do vício do álcool e das drogas, chegou a roubar dinheiro de dentro de casa, de sua mãe, e usou droga na frente de seu pai. Se diz arrependido e envergonhado dessa fase de sua vida. Hoje, sua mãe sofre de demência, e ele cuida dela. Relata que precisa desabafar, contar essas histórias para aliviar a pressão. “Só quem esteve no inferno, que valoriza a luz” (Membro, 22). Comenta que todo cachaceiro é egoísta, só pensa nele, só olha a situação dele. Finaliza sua fala agradecendo a Deus, e os A.A por sua recuperação.

Reunião do dia 18/11/24

Na palavra franca desse dia, o novato, membro 09, relata a dificuldade de ficar nessa abstinência, principalmente das drogas, fala que já tentou suicídio três vezes em sua vida, que estava deprimido e ansioso para chegar o horário da reunião. Conta que esse novo estilo de vida tem salvado sua vida. Diz que hoje tem o caráter que precisava ter, “No A.A encontrou seus iguais” (Membro 09, A.A). Fala que vai continuar voltando, e escutando os colegas, que está seguindo o programa sugerido pelos A.A, evitando o primeiro gole e frequentando as reuniões, agradece a Deus por colocar boas pessoas em sua vida, “O A.A é uma enfermaria de Deus” (Membro 09, A.A). Finaliza seu testemunho dizendo que continuará se esforçando e seguindo firme, agradece o acolhimento e apoio que tem recebido do grupo. “O A.A resolve para quem fica (Membro 09, AA).

Reunião do dia 02/12/24

Hoje, no grupo de A.A, foi realizado a eleição de secretário para 2025. Dois candidatos foram apresentados, e posteriormente falaram a respeito de seus planos e objetivos para seu mandato caso fossem eleitos. O membro 18, uma mulher, bem atuante no grupo, foi a primeira candidata a falar e apresentar seus planos para a gestão do grupo em 2025. O segundo candidato,

o membro 23, um homem com experiência de liderança em outros grupos de A.A, também falou a respeito de seu planejamento e ideias para o grupo em 2025. Logo após a fala dos dois candidatos, o secretário atual do grupo, membro 24, explica como será feita a votação, e fala sobre o compromisso e responsabilidade do próximo secretário em manter as portas abertas do grupo todos os dias, seguir os 12 passos e as 12 tradições de A.A.

O coordenador da reunião, pede para todos os membros assinarem o caderno de presença que será utilizado para auxiliar na conferência e contagem da votação. Logo em seguida, antes do intervalo, os membros se levantam e vão até a frente depositar sua cédula de votação em uma caixa de papelão ao lado da mesa de coordenação. Após o intervalo, é iniciado a contagem de votos, as cédulas de votação são abertas, e lido o nome do candidato, o secretário vai anotando em um quadro verde a quantidade de votos recebidos por candidato. A votação é encerrada com 19 votos para o membro 18, uma mulher, e 9 votos para o membro 23, um homem, e 1 voto em branco. A candidata eleita, vai até a frente agradecer a votação, pede o apoio de todos os companheiros para o próximo ano. Fala da gratidão que sente pelo grupo, dizendo que o A.A salvou sua vida. Finaliza sua fala agradecendo ao colega que participou da eleição junto com ela. O membro 23, levanta-se e vai até a frente, elogia a candidata pela vitória como secretária do grupo, fala da importância das mulheres na liderança e participação no grupo de A.A. Ele fala com muita clareza e conhecimento a respeito da história dos A.A, Bill e Bob, o propósito e objetivo de A.A, cita a importância de seguir os 12 passos e as 12 tradições para os A.A. “O programa de A.A nos propõe recuperação; recuperação de caráter, dignidade e recuperação social” (Membro 23, AA). Diz que não gosta de participar de reuniões na internet, prefere participar de reuniões presenciais. Finaliza sua fala dizendo da importância e responsabilidade do grupo Glória Feliz nessa comunidade para aqueles que desejam parar de beber.

Reunião do dia 10/12/24

Hoje, foi uma reunião festiva, em comemoração aos 46 anos do grupo de A.A Glória Feliz. A sala de reunião estava bem cheia, alguns membros acompanharam a reunião em pé na lateral da parede. Ao lado da mesa de coordenação, posicionaram outra mesa auxiliar para colocarem um bolo grande, com a descrição “parabéns grupo de A.A Glória Feliz”, e com uma vela de 46 anos sobre ele. Os membros mais experientes do grupo, foram até a palavra franca para compartilharem as histórias do grupo, sua origem, fundação, festividades entre outros relatos que aconteceram de importante na história do grupo. Por fim, o membro 23, falou um

pouco sobre a história dos A.A no mundo, sobre Bill e Bob, os fundadores dos A.A, explicou os 12 passos e as 12 tradições, falou também sobre a história do grupo Glória Feliz, dizendo que foi nesse grupo que ingressou no A.A a 21 anos atrás, e sente muito feliz e orgulhoso por fazer parte dessa história. Na sequência, todos ficaram de pé e juntos falaram a prece da serenidade, e por fim, cantaram parabéns para o grupo, e distribuíram um kit por pessoa, com bolo, salgado e refrigerante para todos os presentes na reunião.

Reunião do dia 15/12/24

Nesse dia, o membro 08, vai até a palavra franca dizendo que é raridade alguma família não ter problema com alcoolismo e drogas. Diz que um enteado dele veio enfrentar ele, porém ele evitou a confusão, afirmou que esse menino está nas drogas, que trouxe ele para o A.A, porém não quis ficar, hoje está envolvido com drogas. Ela fala que frequentar uma sala de A.A tem que ser inteligente, tem que levar a sério, e manter a sobriedade “Não pode beber e nem usar drogas, os A.A é coisa séria” (Membro 08, AA)

Em seguida o membro 05, vai a palavra franca, dizendo que a palavra franca o ajudou muito quando ele ingressou. Conta que antigamente os A.A era mais enérgica, com pessoas menos instruídas, era mais dura a palavra, “Se você não ficar aqui dentro, você vai morrer igual galinha no asfalto” (Membro 05, AA; “Aqui é 8 ou 80, ou você fica aqui ou você se arrebenta” (Membro 05, AA). Na continuidade de seu testemunho ele agradece a Deus por estar presente nas reuniões dos A.A, pela oportunidade de permanecer em A.A, “Os A.A é só alegria” (Membro 05, A.A). Encerra seu testemunho incentivando os novatos a estarem vindo nas reuniões, dizendo que a família fica feliz por eles estarem em A.A, para seguirem firmes e não decepcionarem.

Nesse dia, o membro 21, veio acompanhado de sua filha na reunião. Ao chegarem todos os membros fazem questão de cumprimentara e ficam felizes com sua presença, o coordenador da reunião agradece sua presença e lhe convida para a palavra franca. Na palavra franca ela fala que está irritada, sem lugar, pois está sentindo a abstinência, reclama de dor de cabeça, agradece a recepção de todos, fala que vai começar a trabalhar na próxima semana, que isso vai distrair a mente dela, vai dar uma virada de chave, fala que completou 40 anos de idade, e finaliza seu testemunho agradecendo a oportunidade da palavra franca. Na sequência, seu pai, o membro 21, vai a palavra franca, e fala para sua filha que os A.A funciona, que ele vai conseguir, sabe que não é fácil, mais a incentiva a seguir firme. Ao término de sua fala, todos ficam emocionados e aplaudem o testemunho dos dois.

APÊNDICE 6

Fotos do grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz

Imagem 1 – Localização do grupo Glória Feliz



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Imagem 2 – Entrada do grupo Glória Feliz



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Fotos do grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz

Imagem 3 – Salão de reunião do grupo Glória Feliz



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Imagem 4 – Salão de reunião Grupo Glória Feliz



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Fotos do grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz

Imagem 5 – Mesa de coordenação da reunião



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Imagem 6 – Quadros e frases do grupo Glória Feliz



Fonte: Fotografia do autor (2024).

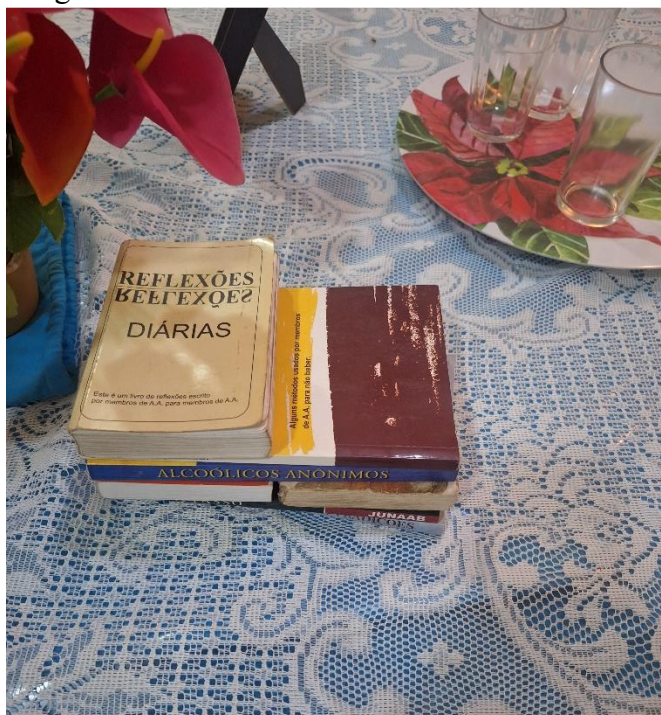
Fotos do grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz

Imagem 7 – Medalhas por tempo de sobriedade



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Imagem 8 – Literaturas utilizadas nas reuniões



Fonte: Fotografia do autor (2024).

Fotos do grupo de Alcoólicos Anônimos Glória Feliz

Imagem 9 – Quadro de organização das reuniões

TRABALHO MEDALHAS	COORDENADORES	COORDENADOR DE GRUPOS E IRMÃOS
S ADALTON	S ADALTON	Responsável por todos os grupos
T SOBO VICENTE	T SOBO VICENTE	3º grupo
U ILMA HELENA	U ILMA HELENA	3º grupo
Q	Q	4º grupo
S RAMUNDO	S RAMUNDO	5º ILMA HELENA
S SEBASTIAO	S SEBASTIAO	6º grupo
D SEBASTIAO	D SEBASTIAO	7º grupo RAMUNDO e TORINHO

Reunião de trabalho dia 3º de novembro às 19:30hs

COORDENADOR DO DIA 28-10 AO DIA 03-11 24 HORAS

Fonte: Fotografia do autor (2024).

Imagem 10 – Fundadores dos A.A Dr. Bob e Bill



Fonte: Fotografia do autor (2024).

ANEXO 1

OS DOZE PASSOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade e relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

ANEXO 2

AS DOZE TRADIÇÕES DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de A.A.
2. Para nosso propósito de grupo, há somente uma autoridade suprema, um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência grupo. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não governam.
3. O único requisito para ser membro de A.A é o desejo de parar de beber.
4. Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a A.A. em seu conjunto.
5. Cada Grupo é animado por um único propósito primordial - o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
6. Nenhum Grupo de A.A. deverá jamais emprestar o nome de A.A. endossar ou financiar qualquer sociedade ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem do nosso objetivo primordial.
7. Todos os Grupos de A.A. deverão ser totalmente autossuficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
8. Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
9. A.A. como tal jamais deverá ser organizado podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
10. Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões que lhe são alheias; portanto, A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração em vez da promoção; precisamos sempre manter o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
12. O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

ANEXO 3

OS DOZE CONCEITOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. A responsabilidade final e a autoridade máxima pelos serviços de A.A. no mundo devem sempre caber na consciência coletiva de toda a nossa Irmandade.
2. A Conferência de Serviços Gerais de A.A. tornou-se, para quase todos os propósitos práticos, a voz ativa e a consciência de toda a nossa sociedade em seus assuntos no mundo.
3. Para assegurar uma liderança efetiva, devemos sempre dotar cada elemento de A.A. - a Conferência, a Junta de Serviços Gerais e suas entidades, equipes e comitês de serviços e executivos com um tradicional “Direito de Decisão”.
4. Em todos os níveis responsáveis, devemos manter um tradicional “Direito de Participação”, permitindo um direito a voto razoavelmente proporcional à responsabilidade de cada um.
5. Em toda a nossa estrutura deve prevalecer um “Direito de Apelação”, de forma que a opinião minoritária seja ouvida e insatisfações pessoais recebam cuidadosa consideração.
6. A Conferência reconhece que a iniciativa principal e a responsabilidade ativa devem, na maior parte dos assuntos referentes a serviços no mundo, ser exercidas pelos custódios membros da Conferência, atuando como Junta de Serviços Gerais.
7. A Ata de Constituição e o Estatuto da Junta de Serviços Gerais são instrumentos legais que dão aos custódios poderes para administração e condução dos assuntos de serviços no mundo. A Ata de Constituição da Conferência não é um documento legal; ela depende da tradição e dos recursos financeiros de A.A. para sua eficácia final.
8. Os custódios são os principais planejadores e administradores das normas de procedimentos e das finanças. Eles têm a supervisão de custódia dos serviços incorporados separadamente e constantemente ativos, exercendo tal supervisão por meio de sua capacidade de eleger todos os diretores dessas entidades.
9. Boa liderança em serviço, em todos os níveis, é indispensável para nosso futuro funcionamento e segurança. A liderança de serviço mundial, no passado exercida pelos fundadores, deve necessariamente ser assumida pelos custódios.
10. A cada responsabilidade de serviço deve corresponder a uma igual autoridade, sendo a extensão de tal autoridade bem definida.
11. Os custódios devem sempre contar com comitês, diretores de serviços corporativos, executivos, equipes e consultores da melhor qualidade possível. Composição, qualificação, procedimentos para aceitação, direitos e obrigações sempre merecerão sérios cuidados.

12. A Conferência observará o espírito das tradições de A.A., cuidando que nunca se torne base de riqueza ou poder perigosos; que fundos operacionais e reserva sejam seu prudente princípio financeiro; que não coloque qualquer de seus membros em posição de autoridade não qualificada sobre outros; que tome todas as decisões importantes por meio de discussão, voto e, sempre que possível, substancial unanimidade; que suas ações nunca sejam pessoalmente punitivas, nem sirvam como incitação à controvérsia pública; que nunca pratique atos governamentais, e que, tal como a Sociedade a que serve, sempre permaneça democrática em pensamento e ação.